

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Augusto de Lima

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

 POESIAS

Contemporâneas – Símbolos – Laudas Inéditas

Rio de Janeiro 2008

COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

Antonio Carlos Secchin (Diretor)

José Murilo de Carvalho

José Mindlin

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2008

Presidente: *Cícero Sandroni*

Secretário-Geral: *Ivan Junqueira*

Primeiro-Secretário: *Alberto da Costa e Silva*

Segundo-Secretário: *Nelson Pereira dos Santos*

Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

PUBLICAÇÕES DA ABL

Produção editorial

Monique Mendes

Revisão

Igor Fagundes

Projeto gráfico

Victor Burton

Edição eletrônica e capa

Estúdio Castellani

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

L732 Lima, Augusto de.

Poesias / de Augusto de Lima. – Rio de Janeiro : ABL, 2008.
282 p. : retr. ; 21 cm. – (Coleção Afrânio Peixoto ; n.º 82)

ISBN 978-85-7440-104-1

I. Poesia Brasileira. I. Academia Brasileira de Letras

II. Título.

CDD B869.I

Apresentação

UM MESTRE DO PARNASO

Augusto de Lima (1859-1934) foi poeta aclamado em seu tempo. Sobre ele se manifestaram, favoravelmente, nomes como os de Raimundo Correia, Sílvio Romero e Araripe Júnior, entre outros. Eleito em 1903, tornou-se o segundo ocupante da Cadeira número 2 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão do fundador Urbano Duarte.

Teve uma existência quase que integralmente consagrada ao serviço público e à política, o que contribuiu para a relativa exigüidade de sua produção poética: após as *Contemporâneas*, de 1887, publicaria *Símbolos*, em 1892; somente em 1909 viria a lume a obra que agora se reedita, as *Poesias*, que aos dois livros iniciais agregou seção, não muito extensa, de “Laudas inéditas”. Tal parcimônia, aliada ao habitual desinteresse das editoras pelo resgate de nossa memória literária, é fator que contribuiu para o injusto esquecimento a que sua obra foi relegada, e que esta edição intenta redimir.

Por outro lado, é de justiça assinalar que nas principais antologias dedicadas ao Parnasianismo Augusto de Lima ainda encontra algum

relevo. Na de Manuel Bandeira (1938), comparece com o poema “O mar”. Péricles Eugênio da Silva Ramos sublinha “o pensamento filosófico que lhe nutre a poesia”, e dele inclui cinco poemas em antologia de 1959 e quatro outros numa antologia de 1967. Recentemente, no *Roteiro da Poesia Brasileira* (2006), Sânzio de Azevedo selecionou cinco poemas de Augusto de Lima. Sua obra combina traços líricos com outros de acentuado pendor social (cf. “Os ferreiros”). A propensão especulativa (baseada na ordem da ciência) o conduz a trilhas poéticas que seriam, depois, palmilhadas por Augusto dos Anjos (cf. “Febre espiritual”, “Nostalgia panteísta”). Mas, em qualquer registro, avulta em Augusto de Lima a consciência do ofício, o domínio técnico do verso, a clareza e o vigor da enunciação – motivos mais do que suficientes para que redescubramos sua obra. e a incluamos entre as mais sólidas de nosso Parnasianismo.

Para o estabelecimento do texto, foi seguida a lição do volume de 1909, adaptada às normas gramaticais vigentes.

ANTONIO CARLOS SECCHIN

A

ALBERTO DE OLIVEIRA

AUGUSTO DE LIMA



POESIAS



H. GARNIER RIO DE JANEIRO

Ao público

As edições dadas por nossa Casa das obras dos maiores poetas brasileiros junta-se hoje a dos versos de Augusto de Lima.

Sabíamos estarem de há muito esgotados os exemplares das *Contemporâneas* e *Símbolos*, tal a aceitação que tiveram do público estes dois livros do ilustre poeta mineiro, e ocorreu-nos a idéia de sua reimpressão, como um serviço prestado às letras do país. Para isso, entendemo-nos com o seu autor e, mediante seu delicado assenso e acordo em que entramos, sai a público a presente edição acrescida de avultado número de poesias inéditas.

Achamos dever juntar ao livro alguns juízos críticos estampados por ocasião da estréia do Dr. Augusto de Lima e que para logo evidenciaram a existência de mais um grande nome de poeta entre os melhores que tem tido o Brasil.

O Editor
[H. GARNIER]



Regueto de Lima

Sumário

CONTEMPORÂNEAS

Ao público	ix
Prefácio	3
Ilusões que eu amei...	6
Através dos séculos	7
A descida	8
Entre as árvores	9
O cético	12
Elevação	13
Evangelho e Alcorão	14
Cólera do mar	15
Os ferreiros	16
O inquisidor	17
A visão	19
<i>Unda et ignis</i>	20
Vogando	22
A ilha de coral	23
A agonia de Cristo	24

As lágrimas do regato	25
O polvo	26
O amor	27
Sonho transformista	32
O abismo	34
Os dois Cristos	37
O vulcão e o sol	41
Flor carnívora	43
Amigo	45
A um caçador	46
Febre espiritual	48
Ícaro	51
Desenlace	52
Problema	53
O paradoxo	54
O homem e o mar	56
Vertigem da arte	57
<i>Faust</i>	59
A convenção	61
A andorinha	63
Turbilhões	65
O último dia	68
De tarde	70
Culto ideal	71
A nuvem	72
Peregrina	73
Dormindo	75
Noivado celeste	77
Sonâmbula	78
Fascinação	79

Viuvez	80
A morte de Safo	81
A herança de Prometeu.	84
O bonzo do Ocidente	86
Visita a uma mineração	88
Síntese	91
Serenatas.	92
Angélica	95
Bucólica	96
Confidência	98
Vida!	100
Palimpsestos	102
Felicidade.	105
O espantalho	106
A Raimundo Correia	107

SÍMBOLOS

1888 — 1890

PRIMEIRA PARTE

DÚVIDA

O fim do século	112
Nostalgia panteísta	115
Ecos e reflexos	116
Sísifo	118
Correspondência	119
Colisão	120
História de uma fonte	121
Babel.	124

Paradoxo	125
Pelo espaço.....	126
<i>Latet Anguis.</i>	127
Volta ao passado	129
O reino mineral	130
Esperança e Saudade	132
Amor fantasista	133
Dois desertos	134
Mundo interior	135
Riso e pranto	137
Fragmento	138
Riso de caveira	141
Contradições	143
D. Quixote	144
Viagem eterna	146
A um cego.	147
<i>Ad Majorem Dei Gloriam</i>	148
<i>Nemo contentus.</i>	150
Coro das esferas	151
Metamorfose	153

SEGUNDA PARTE
AFETOS

Ressonância	156
Psicologia.....	157
Puberdade	158
Flor marinha.....	159
Cantemos!	160
A serenata.....	162
O laranjal	163
As lembranças	165

A voz do mar	I66
A uma poetisa satírica	I68
Palavras de um amante	I69
Almas paralelas.	I72
Poemas íntimos	I73
A morte do poeta	I78
Inverno e estio	I79
O gemido	I80
A meu filho	I81
Floresta e mar.	I82
A pureza	I83
Indestrutível.	I85
Devaneio fúnebre.	I86
Teófilo Dias.	I87
Francisco Otaviano	I89
A águia cega	I90

TERCEIRA PARTE
NEGAÇÃO

Nunca!	I92
A um otimista.	I93
<i>Humus homo</i>	I94
<i>De Profundis</i>	I95
Estâncias filosóficas	I96

LAUDAS INÉDITAS

<i>Como alvíssimo lenço de cambraia</i>	211
Voz das cousas	212
Vozes na sombra	213

<i>Requiescat</i>	215
Os sentidos	216
Noite de estio	218
No mar	219
Devaneio do suicida	221
Aspectos	223
Enterrado vivo	224
<i>Lux-umbra</i>	225
Os espectros azuis	227
A sombra do cajueiro	229
Paisagem nostálgica	230
A um pensador	231
Monismo e metafísica	232
Oráculos	233
O grito	234
Supremo bem	236
Epílogo	237

JUÍZOS CRÍTICOS

Raimundo Correia	241
Lívio de Castro	251
Araripe Júnior	261

∞ CONTEMPORÂNEAS

AUGUSTO DE LIMA

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)



POESIAS ^{57A}

COM JUIZOS CRITICOS DE
THEOPHILO DIAS, RAYMUNDO CORREIA,
LIVIO DE CASTRO E ARARIPE JUNIOR

CONTEMPORANEAS — SYMBOLOS
LAUDAS INEDITAS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109

RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6

PARIS

1909

Prefácio

A leitura deste interessante, curioso e atraente volume de versos denuncia um grande poeta que, prodigamente dotado pela natureza, educa todos os dias, com tenacidade, as belas qualidades originárias, que lhe enriquecem e singularizam o talento – imaginação poderosa, sensibilidade delicada, elocução espontânea, individual e própria.

Augusto de Lima entende a arte como eu a compreendo.

É talvez este o segredo do irresistível entusiasmo que lhe consagro.

A meu ver, a arte é a expressão imutável das impressões múltiplas e sucessivas que o espetáculo da natureza ou o drama da existência refletem no espírito que os contempla e interpreta. O que caracteriza o artista é a faculdade de descobrir e aprimorar símbolos que, revestindo, com a beleza da forma, o selo e a virtude da perpetuidade, conservam e comunicam, sempre viva e enérgica, a emoção que se recebe das coisas que passam.

A principal inspiração é a da forma. A mais fina essência perde-se, despercebida e ignorada, quando a encerra um vaso grosseiro. Os mais suaves sentimentos repugnam, se contrastam com a expressão que os envolve.

A arte suprema consiste na correspondência exata, na equivalência perfeita entre a forma e o pensamento. Os artistas dignos deste nobre nome não conhecem outro *ideal*.

Entre as inumeráveis expressões a que uma mesma idéia pode amoldar-se, há uma única que lhe dá, na existência exterior, a vida intensa e completa, que a faz palpitar na imaginação criadora.

Para encontrar essa expressão única, insubstituível, escondida misteriosamente no vasto abismo das expressões semelhantes, é que se requer o dom divino, o prestígio sobrenatural da inspiração.

Nem sempre se atinge esse ideal, quase inacessível; mas, para merecer a imortalidade, é imprescindível procurá-lo sempre e tê-lo atingido algumas vezes, ao menos.

Neste livro, nota-se a preocupação infatigável, o esforço constante desta tendência, freqüentemente vitoriosa, afirmando-se em fragmentos de uma perfeição inimitável, em que não há palavras supérfluas, em que cada vocábulo contém uma intenção artística complexa, já pelo valor intrínseco, já pelo valor do lugar que no verso ocupa: trechos irrepreensíveis, em que tudo concorre para o efeito estético, que o poeta quer produzir, e realmente produz.

Não cito. O leitor por si verificará o que digo.

Das censuras que devo fazer a este volume, mencionarei apenas uma: é um protesto contra o título. Ou melhor: não sou eu quem protesta, mas as páginas imorredouras que ele refolha entre muitíssimas efêmeras.

Contemporâneas, este livro! Augusto de Lima blasfemou.

Se a obra não desmentisse o título, eu não aceitaria a honrosa permissão, que o autor me deu, de escrever nesta primeira folha o meu modesto e obscuro nome, repetindo, ao mesmo tempo que o assino, a célebre quadra de Bocage inspirada pelo pressentimento dos aplausos da posteridade:

Aquela enchente de glórias
 Ou tu voarás comigo,
 Ou hei de, enjeitando o prêmio,
 Morrer de todo contigo.

TEÓFILO DIAS



ILUSÕES QUE EU AMEI...

*Ilusões que eu amei ao despontar da vida,
bonançosa esperança, esmeraldino mar,
em que vogou meu berço à viração querida
de suspiros de amor; ó aves de meu lar,
jardins que alimentou a carícia materna;
flores que desfolhei, cantando e rindo à luz
de aurora fulgurante e que eu julgava eterna!*

*Um momento deixai vossos nimbos azuis,
onde, há muito, dormis, e vinde, em revoadas,
robustecer-me a crença, encher-me o coração,
deslumbrar-me na luz de vossas alvoradas
e povoar, enfim, a minha solidão.
Multiplique-se em vós minha, alma a cada passo,
como a cor no cristal prismático do espaço,
e aura em vossa memória o intrépido vigor,
para sempre me achar, valente lutador,
da vida social na porfiada liça,
ao lado do dever e ao lado da justiça.*

*Vós sois o meu passado e sois o meu porvir,
ensinando-me o Bem e dando-me a sentir
a eterna aspiração, que o ontem nunca perde;
porque é a própria Esperança o grande pendão verde,
atrás do qual desfila o exército vital
das almas à conquista augusta do Ideal.*

ATRAVÉS DOS SÉCULOS

O globo estava escuro, o firmamento baço.
Arrebatado na asa invisível dos ventos,
eu ouvia gemer no indefinido espaço
as mortas gerações dos séculos poentos.

Filhos de antigos sóis, filhos dos novos dias,
monstros, ídolos, reis, virgens de rostos pulcros,
corpos vazios de alma, almas de amor vazias,
erguiam-se a meus pés do fundo dos sepulcros.

Como ondas que as marés vão arrojando às plagas,
num denso remoinho elétrico de gritos,
eu via o turbilhão dessas humanas vagas
bulhando no cairel dos tempos infinitos.

A guerra fratricida, a tirania, o roubo,
a crápula, o veneno, as tramas hediondas...
Messalina, a cadela, Heliogabalo, o lobo,
cruzavam-se a rolar, arrastados nas ondas.

E o vento cada vez se tornava mais forte,
e o ruído crescia, e a treva era mais densa;
nisto ouvi rebentar dos vagalhões da Morte
um grito, que ecoou pela abóbada imensa.

E súbito acalmou-se a agitação das massas,
e o vento me depôs. Um estelino albor
vinha lavando o céu das fúnebres fumaças:
– era a constelação das lágrimas do Amor.

A DESCIDA

Homem, remove este rochedo e a rara
galeria interior contempla e estuda;
desce, e da terra pela ossada muda
leva tua razão de ciência avara.

Na treva expira a luz há pouco clara,
o ar em sulfúreo gás já se transmuda:
coragem! desce, e os séculos saúda,
desce mais, desce mais... agora pára.

Mas não! lá fulge um fogo subterrâneo:
– e mergulhas no cérebro do globo,
– e lhe penetras de outro lado o crânio.

Desce! não! sobe agora; um brilho intenso
banha-te o corpo, e num heróico arroubo
eis-te boiando no oceano imenso.

ENTRE AS ÁRVORES

A Fontoura Xavier.

Aqui eu sinto a Vida em ímpetos sonoros
 devassando-me a luz de seus grandes arcanos
 e esta seiva febril me infiltra pelos poros
 o sangue matinal de meus primeiros anos.

Fascina-me o verdor primaveril das plantas;
 não sei que magnetismo oculto as ervas têm,
 que eu julgo, ó Natureza, em tuas pomas santas
 beber tragos de luz e néctares do Bem.

Vendo o sangue do sol coado entre as ramagens,
 que insólita volúpia incandescente eu sinto!
 e como fito atento as ruínas selvagens
 de uma pedreira antiga, ou de um vulcão extinto!

Amo entranhar-me a sós nos flácidos maciços
 das líanas e ter a alegria pagã
 de no meio me achar dos sátiros roliços,
 ouvindo tocar flauta o harmonioso Pã.

Num turbilhão sonoro, as aves de mil cores
 enchem aimensidão de límpidas risadas,
 enquanto Flora anseia em convulsões de flores
 na nítida beleza azul das alvoradas.

Como um *cactus* ao sol, minha alma desabrocha,
e os perfumes do canto entorno, afrouxo, no ar...
Depois, escuto o vento, e fito a árida rocha
e as aves sobre mim que passam a cantar.

O azul do espaço desce em gotas cintilantes
o seio a fecundar das trêmulas boninas,
e, numa inundação de vagas de brilhantes,
a luz serena banha as longínquas campinas.

Os rudes Leviatãs dos mares de verdura
curvam potentemente a robusta cerviz.
Range o cedro: – é um hino; e as folhagens n'altura
torvelinham soando em vibrações sutis.

Nos côncavos sem fim das grutas solitárias,
à dúbia refração das úmidas piritis,
corre serenamente, álgida, em fendas várias,
a linfa que nasceu nas velhas estalactites.

A onça gemedora as pálpebras vermelhas
escancara e boceja; espreita... e segue após,
compassada no trilho: uma nuvem de abelhas
acompanha-a, soltando a zumbidora voz.

Contrastando a altivez do carrascal felpudo,
em cachões a cascata espumejante tomba
dos negros alcantis – enquanto sobre tudo
paira a alegria eterna, assim como uma pomba.

Na natureza, a alma harmônica das coisas,
 complexa, se derrama em formas multicolores,
 ora na robustez das árvores frondosas,
 ora na muda voz colorida das flores.

O canto de uma ave exprime o anseio extremo
 do coração de um Deus, no espaço a soluçar;
 e espelha-se também a luz do amor supremo
 no fosfóreo clarão dos olhos do jaguar...

Em teu seio, é Floresta, onde o Belo descansa,
 ao rebentar da Vida a torrente sonora,
 ouço dentro de mim o canto da Esperança,
 como um clarim vibrante ao despontar da aurora.



O CÉTICO

“Percorro da ciência o labirinto
e em tudo encontro um eco duvidoso:
matéria vã, espírito enganoso,
mentis, tudo é mentira, eu só não minto.

Vejo, é verdade, a vida e a vida sinto,
o calórico, a luz, a dor e o gosto,
a natureza em flor, o sol formoso
e o céu das cores da Aliança tinto.

Mas quem, senão eu mesmo, vê tudo isto?
e quem pode afirmar-me que eu existo,
visões celestes, velhas nebulosas?”

E em seu crânio a razão desponta e morre,
como o santelmo fátuo, que discorre
na solidão das minas tenebrosas.

ELEVAÇÃO

A Américo Lobo.

Outra essência, outra forma, asas tivera
de um albatroz universal, gigante,
e eu tentaria a viagem pela esfera,
embarcação de penas flutuante.

Do globo perlustrar não vistas zonas,
os trópicos de fogo e o pólo frio;
de manhã beber água no Amazonas
e à noite adormecer no sacro rio.

Bem afastado do bulício humano,
sentir, envolto num luar de prata,
o salso cheiro salutar do oceano
e os eflúvios balsâmicos da mata.

E quando já de tédio e de cansaço
gemesse a vida, então, me fosse dado
ir procurar nas amplidões do espaço,
junto do sol, meu túmulo dourado.

E abrindo as asas de fulgentes penas,
num vôo imenso que assombrasse os mares,
desfazer-me na Luz, deixando apenas
palhetas de ouro esparsas pelos ares.

EVANGELHO E ALCORÃO

Num tom de voz, que a piedade ungia,
falava o padre ao crente do Alcorão,
que no leito da morte se estorcia:
“Implora de Jesus a compaixão.

Deixa Mafoma, ó filho da heresia,
e abraça a sacrossanta religião
do que morreu por nós...” e concluía:
“Se te queres salvar, morre cristão”.

Ao filho de Jesus o moribundo
ergueu o olhar embranquecido e fundo
onde da morte já descia o véu.

Mas logo se estorceu na ânsia extrema
e, ao ver da Redenção o triste emblema,
ruge, expirando: “Alá nunca morreu!”

CÓLERA DO MAR

A Assis Brasil.

Disse o rochedo ao mar, que plácido dormia:
 “Quantos milênios há que, tu, negro elefante,
 tragas covardemente esses, cuja ousadia
 se arriscou em teu dorso enorme e flutuante?”

O mar não respondeu; mas um tufão horrendo
 cavou-lhe a entranha e fez estremecer de medo
 o coração do abismo. Então o mar se erguendo,
 atirou um navio aos dentes do rochedo!



OS FERREIROS

Ó vultos varonis, resplandecentes
ao rutilar fecundo do trabalho,
que à pobreza buscastes agasalho
nas forjas inflamadas e candentes:

Sois os Messias, que ensinai às gentes
a despir do Passado o vil frangalho:
rompe um sol, cada vez que tomba o malho,
porque sois outros tantos orientes.

Fazei rolar a esplêndida cascata
do trabalho incessante pelas vasas
das rochas da Matéria, a progredir...

Que essas chispas ardentes, que desata
vossa bigorna, orvalho são de brasas
para a flor luminosa do Porvir.

O INQUISIDOR

A Léo de Affonseca.

O grande Inquisidor escreve à luz de um círio:
 corre de seu tinteiro o sangue do martírio.
 Súbito, uma mulher acerca-se da mesa
 e prostra-se: “Senhor! um dia a natureza
 bradará por meu filho, a vítima inocente,
 que amanhã vai ser posta à morte iniquamente!
 Da sentença riscai, com generoso traço,
 o confisco, o pregão, o anátema e o barço;
 e mandai demolir a força que abre a cova
 à decrepita mãe, à esposa ainda nova
 e a três filhos, Senhor, entes que Cristo adora!

A maldição não tiswa, é certo, a luz da aurora,
 e nem pode manchar a fronte encanecida,
 que a tarde da velhice é a aurora da outra vida.
 Como Xerxes punindo o mar com ferro em brasa,
 em vão buscais cortar a inacessível asa
 do pensamento: – o ideal é um lúcido oceano
 e urna invencível águia o pensamento humano;
 mas, se preciso for, em nome dele abjuro
 a razão, a ciência, os astros, o futuro.”

Fez-se solene pausa; e com acento triste
 fala o grande juiz: “Pois bem! mulher, feriste
 a fibra paternal do Inquisidor austero;

volta tranqüila ao lar, pois choraste, e não quero
espalhem os clarins da vil maledicência
que a justiça de Deus mais pode que a clemência.
Acolhi teu clamor humilde e o vão perdô,
vai na paz de Jesus, por Ele te abençoô;
quanto a teu filho amado, ileso das mais penas,
há-de ser, para exemplo, esquartejado apenas.”



A VISÃO

A Argemiro Galvão.

Pungido pelo dente acerbo das quimeras,
o espírito sutil de um trágico poeta
quis ver a desfilar, como o antigo profeta,
em préstito solene, as porvindouras eras...

No nimbo que produz as verdes primaveras,
como no Apocalipse, um fulgido cometa
dava em ígnea legenda a formidável meta,
a hecatombe final das rútilas esferas.

Do ponto do zênite, que julgou entreaberto,
parecia bramir o velho Deus, coberto
do manto secular, roto como um espólio.

E já cuidava ver a vingadora espada
do Arcanjo, quando ouviu dar uma gargalhada
o bíblico Satã, armado de um *in folio*.

UNDA ET IGNIS

Intumescceu o mar no bojo de granito.
Irado prisioneiro, as vagas encrespadas,
tumultuando atira às rochas escarpadas,
num bramido feroz, num portentoso grito:
e as algas, e os corais, e os monstros, e as sereias
das correntes febris arrastam-se nas veias.

E as vagas vão subindo... e, líquidas montanhas,
imersam no horizonte azul e transparente
os hórridos perfís, e vão ao continente,
entre um coro infernal e músicas estranhas,
as marés a ferver frementes, uma a uma,
estourar, desfazer e reduzir à espuma.

Não perde inda a esperança o rígido oceano:
um confuso ideal, um ansiar constante
lhe rói a negra entranha. Homérico gigante,
vem-lhe da luta a vida; em porte soberano,
recomeça a peleja, e as legiões de vagas
quebrar vêm-se de novo às formidáveis plagas.

Como um sombrio herói, a dormir sossegado,
sob a cota de malha inteiriça, invencível,
repousa o continente, imóvel e impassível,
aos gritos do rebelde e eterno sublevado;
e aos roucos vendavais das cóleras hediondas,
responde co'o silêncio às implacáveis ondas.

E, não podendo, então, os íngremes rochedos
 de uma vez escalar, as insanas guerreiras
 internam-se na rocha e, insólitas mineiras,
 vão devassar da Terra os íntimos segredos;
 abrasam-se em seu seio, e em rudes convulsões,
 arrojam-se, depois, das bocas dos vulcões!



VOGANDO

A Affonso Celso Júnior.

Desliza rio abaixo incerta proa:
ninguém a bordo: preso a duro laço,
chora um caído remo ausente braço.
Que porto busca a singular canoa?

Mas eis que além, com rápido fracasso,
um rochedo invisível a abalroa,
e momentos após, de espaço a espaço,
fragmentos soltos vão boiando à toa...

Mais infeliz do que o baixel sombrio,
vou eu singrando da existência o rio,
tendo a bordo o cadáver do Passado.

E não achar, como ele, um arrecife
que despedace as tábuas deste esquife,
na corrente sem fim arrebatado!

A ILHA DE CORAL

A Otávio Ottoni.

Rolam no mar do Tempo anos, séculos, eras;
 extinguem-se os vulcões, rompem novas crateras,
 e extinguem-se a seu turno; elevam-se cidades
 das ruínas, o altar das velhas divindades
 é derrocado, e surge um novo culto; em suma,
 a vida universal vai num batel de espuma
 os seres levantando e os seres submergindo.

Mas no fundo do mar, num sonho eterno, infindo,
 o paciente pólipo, o artífice fecundo,
 erige lentamente a construção de um mundo.
 É lá na solidão da submarina rocha,
 entre o salso juncal, que o germe desabrocha
 da vida elementar sob a imperfeita forma;
 e eis que aos poucos se estende e aos poucos se
 [transforma.

A princípio é um arbusto, após árvore grande,
 mais tarde uma floresta imensa que se expande,
 germina e reproduz outras tantas, e destas
 irrompem triunfais camadas de florestas.
 E dos turvos pegões, rasgando a úmida clâmide,
 vem subindo, vermelha, a altíssima pirâmide...
 Mais um século, e então converte-se em montanha;
 mais uma noite, e o sol o píncaro lhe banha.

E pela vez primeira ostenta a rica flora,
 e recebe o batismo esplêndido da aurora!

A AGONIA DE CRISTO

No instante em que Jesus soltou o extremo alento,
refere a tradição que um grande cataclismo
convulsionara o mundo, universal lamento
que a Matéria arrancou do pávido organismo.

Os planetas, o mar, a rocha, o bosque, o vento,
levados na atração de estranho magnetismo,
soluçavam de dor um tristíssimo acento.
— Surgiu um osso humano, então, de cada abismo!

Pranto de sangue, o sol abandonara os ares
e em filetes cobriu a Vítima dorida,
como uma estalactite esplêndida de luz.

E o Líbano, curvando as copas seculares,
o Gólgota saudou: — ó rocha denegrida,
não és estéril mais, em ti floresce a Cruz!

AS LÁGRIMAS DO REGATO

A Alberto de Oliveira.

Na abóbada sem sol da região dos fósseis,
o regato calcário os seus meandros dóceis
desenha pelo vário e tortuoso giro.
O feldspato irisado, o severo pórfiro
e os blocos colossais do escultural basalto,
banha, circunda e enflora, e vai de salto em salto,
e vai de curva em curva, o bátraco descendo,
do arbóreo cristal fluido os fios estendendo...
Um deles atravessa a gorja pétreo e ossuda
do elefante primevo, outro em lago se muda:
este vai esmaltar os veios de piriti,
aquele em gotas cai da dura estalactite,
como o leite que flui de exuberante poma;
este outro de um repuxo a esparsa forma toma.
Mas todos vão descendo em ímpeto fremente,
porque descer é sempre a sorte da corrente.
E o regato viajor no abismo solitário,
depois de completar na terra seu fadário,
lembra-se, com saudade, o mísero e mesquinho!
do tempo em que tocava a roda de um moinho;
em que ouvia da tarde as amorosas queixas,
dos salgueirais banhando as líridas madeixas
e do sol refletindo o disco luminoso.
Quem lhe dera voltar a esse viver ditoso?
E no silêncio, então, das lágrimas supremas,
vai-se cristalizando em pérolas e gemas...

O POLVO

Polvo da eterna Dor, de balde apertas
em teus fortes tentáculos sedentos
a humana essência, contra a qual despertas
em teu furor os vários elementos.

Por mais que o gosto em rudes sofrimentos,
por mais que em cardos os rosais convertas,
hão de ao Homem jorrar novos alentos
da consciência as termas sempre abertas.

Assim ao mar, que canta, estua e brama,
há séculos o sol, polvo de chama,
em cada raio suga-lhe uma gota.

Mas a seus pés, batidos, noite e dia,
os continentes bradam à porfia:
“Rios ao mar!” e o mar nunca se esgota.

O AMOR

A Teófilo Dias.

Eu nunca desfolhei as verdes esperanças
sobre o lago letal do negro cepticismo,
nem nunca derramei nos álbuns de lembranças
as lágrimas fatais do velho romantismo.

Ó noites ideais dos tristes trovadores,
ó noites de luar dos trágicos Romeus,
nunca me deslumbrei nos vossos esplendores,
nunca vos decantei nos pobres versos meus.

Esse mórbido lume, algente, cor de prata,
que derramais a *flux* as límpidas alturas,
é um veneno sutil e pérfido, que mata
o singelo candor das belas almas puras.

Por isso, eu vos prefiro, a vós, a luz candente
do intemerato sol possante e abrasador,
entornando no mundo a ubérrima semente,
que dá vida à Matéria e aos homens dá valor.

Sim! gosto de o fitar, quando como uma benção
se derrama na fronte augusta do Trabalho,
enquanto na bigorna os metais se condensam,
ao pesado ribombo esplêndido do malho!

Quando o seio febril das massas que intumescem
da indústria universal os fetos portentosos,
do comércio ao rumor sem fim se desvanecem
na fecunda expansão dos risos jubilosos...



E, pois, o amor que canto, a sacrossanta chama,
que veste o coração de inextinguíveis galas,
não tem nem o final triste de um melodrama,
nem o fino perfume exótico das salas.

Não é o amor ideal tecido de quimeras,
o amor que se traduz nas doces cavatinas,
e vive de cantar somente as primaveras
e de sugar o mel do cálice das boninas...

O amor franzino e meigo, o amor da Decadência,
que anda nos camarins dos teatros de luneta,
cheio de pó de arroz e a rescender à essência
dos extratos sutis da fina violeta...

O leão da moda, o chique, o amor das flores belas,
que do piano aos sons nas salas esvoaça,
e ora alegre, ora triste, encosta-se às janelas,
fito o travesso olhar na rua a ver quem passa.



Eu canto o grande Amor, a eterna lei dinâmica,
que imprime movimento às fibras da matéria,
e como o Maomé, na velha lenda islâmica,
os seres arrebatava à imensidade etérea.

E que, feito atração, percorre os universos,
suspendendo no espaço os mundos planetários,
e na terra do olhar das mães pendura os berços,
espargindo no lar a luz de mil sacrários.

Sim! eu canto esse amor, multiforme e complexo,
espalhado pela alma universal dos mundos,
que, num íris eterno e num eterno amplexo,
liga o azul da amplidão aos báratros profundos!

Nas entranhas da terra, assim como na dorna
borbulhando referve o vinho em borbotões,
assim ele referve, intumesce e se entorna
feito lava, depois, dos antros dos vulcões.

Sobre o leito sem fim da movediça areia
ele faz soluçar o oceano, enternecido
aos acordes sutis das líricas sereias
– e inchado às vibrações do tufão desabrido.

E quando pelo espaço, a rápida centelha
elétrica espedaça às nuvens condensadas
o monstruoso bojo em vibrações vermelhas,
expedindo trovões e raivas abrasadas;

Ele desce sutil nas asas da tormenta,
nos pingos de cristal das chuvas abundantes,
a fecundar da terra a entranha poeirenta
e a raiz secular das árvores gigantes.

Sacrossanto, profundo, imaculado, eterno,
ora é como os heróis, robusto, estóico, enorme,
ora meigo e singelo, é como o olhar materno,
fitando o doce berço onde a criança dorme.

É o amor, que sorri, que se expande, que lida
de dia, e noite vela e solícito vem
a correr fibra a fibra o organismo da Vida,
deixando em cada uma o tônico do bem.

Que o trabalho ameniza e os homens avigora
na grande robustez dos fortes corações,
e nos faz cada peito alegre como a aurora,
cada aurora o cendal de alígeras canções.

O amor sereno e bom, o grande democrata
que nivela a cabana e o paço da realeza,
liga num laço d'ouro os seios cor de prata
e os seios cor de sangue: — o heroísmo e a beleza.



Aí tendes o Amor do século pujante,
a portentosa lei que há de reger o mundo,
quando o sol, que hoje rompe apenas no levante,
atingir do zênite o páramo fecundo.

É forçoso que, após a morte desastrosa
 das divindades vãs, fantásticas de outrora,
 se eleve, como um astro, a crença luminosa
 de uma igreja maior, mais forte e duradoura.

Seja, pois, o universo a grandiosa Igreja,
 onde o novo ritual em pompas de Tabor
 se celebre, e cada um o sacerdote seja,
 e cada peito o altar da religião do Amor.



SONHO TRANSFORMISTA

A Gaspar da Silva.

O giro do Ser é vário,
do Tempo ao eterno escopro.
O gozo de hoje é precário,
e foge-nos como um sopro.

Quem diz que a flor no pedúnculo
não é uma alma a cismar,
e que os brilhos do carbúnculo
não são chamas de um olhar?

A podridão é antitética:
cria os vermes e os perfumes,
e na sua treva hermética
palpitam ridentes lumes.

É uma retorta o ossuário,
em que se fabricam flores;
do humor frio de um sudário
fazem-se as tintas das cores.

É monótona a existência
antes da Dissolução;
só depois a nossa essência
paira livre na amplidão.

Ou pelo deserto lívido
vai correndo errante, errante...
ou da flor no cálice vivido
se faz perfume fragrante.

Arranquem-me a ardente túnica
da vida agitada e vã:
vejam, minha ambição única
é de ser lírio amanhã.



O ABISMO

A Alcides Lima.

Eis o monstro voraz aberto no granito,
cujo rugido o vento aspérrimo levanta;
Ugolino do horror, do antigo caos proscrito,
não tem formas, nem corpo: – é todo uma garganta.

Quando o dia desponta, e na esfera azulada
se expande a grande flor do fúlgido arrebol,
dir-se-ia o velho abismo um bocejo do nada
para tragar o Sol!

É o grande monumento exótico das cousas,
triste como a visão azul de uma montanha,
que em vez de altear ao céu, a mais vasta das lousas,
pela terra se entranha...

Calibã nele dorme o sono pré-histórico
sob o branco montão dos estriados ossos,
e do mundo primevo o centauro alegórico
entalha-lhe na pedra os tábidos destroços.

Os evos longamente em seu bojo ressoam...
os mistérios do Ser ferem-lhe as fibras roucas,
e os côncavos reboam
o coro universal, como um milhão de bocas.

E quem o ousa fitar, como Plínio, perece,
ou ao pé do cairel sente um tremor extremo

pela espinha dorsal, bem como se temesse
ver arder-lhe no fundo o olhar de Polifemo...

Ele canta, é seu canto o coro das tormentas,
tem soluços de amor, soluça como Fedra,
e o Tempo lhe derrama, em agonias lentas,
a dura estalactite, a lágrima de pedra.

É a vasta catedral, em cuja nave ingente
palmeia o velho Deus das lendas sombrias,
e rumoreja a treva ao acorde plangente
do órgão das ventanias.

Ele, o filho do caos, sabe também às vezes
descreer e ser ateu, bramir como os trovões
e arrojar para o céu da terra as rubras fezes:
– sabe fundir metais e fabricar vulcões!

E, contudo, ele tem mil atrações suaves
e músicas sagradas.
Ele fascina as aves,
e as aves vão cair-lhe ao seio inanimadas.

Em seu lábio feroz não raro brota o lírio,
e a viçosa liana a coroa de flores ,
e, à noite, a lua vem num nervoso delírio
nas veias lhe entornar magnéticos humores.

Durante o temporal, o éter condensado
arranca à nebulosa um fragmento de luz,
e o bólido inflamado,
como um raio fecundo, à face lhe conduz.



Ele que tem em si a grande força mágica,
ele também à Arte inspirações sugere...
Quem nos diz que a amplidão não foi a Musa trágica
de Dante Alighieri?!

Creta teve um abismo, o labirinto histórico,
onde o Passado geme inda um soluço imenso;
e o crânio que ideou o belo templo Dórico,
foi talvez um vulcão a vomitar incenso.

Um portentoso, escuro artista de outras eras,
um gênio, cujo nome a História não atinge,
apalpou de um abismo as pulsações austeras,
e levantou na rocha esse outro abismo – a Esfinge.



É que ele tem as leis do movimento etéreo,
dinâmica imortal que os seres multiplica,
e faz brotar a Vida até no cemitério,
– que a lei do movimento a lei da Vida implica

Quem pode compreender-lhe a extensão tenebrosa,
ao imenso Proteu, rival do firmamento?
Quem lhe sabe o mistério e a tragédia assombrosa?
Quem é que o pode encher?

Talvez o Pensamento.

OS DOIS CRISTOS

A Assis Brasil.

O velho Satanás soturno divagava
sob o imenso dócil do negro firmamento,
e, aos poucos, um rumor confuso lhe chegava
destas vozes fatais trazidas pelo vento:

“Quando cismavas triste e só no Horto,
entre as sagradas árvores sombrias,
na treva hostil de um céu turvado e morto,
colada a fronte ardente às pedras frias;

Ó Cristo, até de ti mesmo descreste,
e pensando na cruz, da angústia escrava,
tua cabeça fúlgida, celeste,
longas gotas de sangue porejava...

Não sei que voz oculta e misteriosa
da treva te bradava com furor:
‘Ó Nazareno, ó vítima ardilosa,
tu não és Deus, tu és um impostor!’”

Uma agonia lenta então tomou-te,
jorrava o rubro sangue cada artéria,
enquanto teus *amigos* sob a noite
ressonavam na inércia da matéria.



E porque consumaste o sacrifício,
do cálice místico esgotando o fel
inutilmente no fatal suplício,
ó moribundo filho de Israel?

E o que ficou do *codex* peregrino,
do Testamento que legaste ao Homem?
— Folhas como as do livro do Destino,
que aos ventos do futuro se consomem.

A grande cruz, a ensangüentada vide
do vinho precioso, hoje se fez
do clero torpe um sórdido cabide,
em que pendura a própria hediondez.

Embora o Homem busque atrás da escura
batina a luz que no Calvário exangue
acendeste: na febre que o tortura,
em vez de achar a luz, encontra o sangue.

E, quando no passado, o olhar atento,
busca fitar-te sobre a cruz sagrada,
entre ele e ti se eleva o atroz, sangrento
fantasma secular de Torquemada.

Onde o poder divino que dizias
ter nas mãos, quando em bálsamos supremos,
os teus rudes apóstolos ungias?
— Oh! descremos de ti, Cristo, descremos!

Caíste, como cai qualquer na luta;
 profeta, o verbo teu irmão mais ecoa,
 mártir, a tua túnica impoluta,
 a ventania do porvir rasgou-a!

A limpidez azul da antiga crença,
 em que brilhava o místico Tabor,
 toldou-a agora uma caligem densa:
 a fumaça da Indústria e do Vapor.

Rompeu-se o véu do Templo, onde mistérios
 celebravam os rígidos levitas,
 amalgamando ao pó dos cemitérios
 as lágrimas das dores infinitas.

De teu trágico inferno a densa lava
 a rebramir no abismo horrído, espesso,
 ó malogrado herói, já não bastava
 pra aquecer as caldeiras do Progresso.

Tua missão está completa. Agora
 podes volver à solidão infinda;
 mas vai depressa, porque vem a aurora,
 e te pode encontrar aqui ainda.



E tu, Homem, eterno caminheiro
 da via dolorosa da Verdade,
 é tempo de elevares, sobranceiro,
 a grande luz de tua majestade.

Não te vença o punhal que dilacera
esse peito, em que a Dor blasfema e chora:
é no bojo da Noite que se opera
a luminosa gestação da aurora!

Não envergues a fronte augusta e casta
ao sofrimento rude, à mágoa funda:
a dor, que hoje te corta a entranha vasta,
é como a dor do parto, é dor fecunda.

Abisma o olhar em tua consciência,
e encontrarás as pérolas do Bem;
trabalha, colhe a esplêndida opulência,
que as minas de teu cérebro contém.

Da antiga divindade o grande assento
ruiu de há muito às lúcidas procelas.
Não procures mais Deus no firmamento:
o firmamento só contém estrelas!

E Satanás caiu num meditar profundo;
e cruzando no peito as mãos, cheio de dor,
prostrou-se, e ouviu-se, então o tentador do mundo
num soluço gemer: — Perdoa-me, Senhor!

O VULCÃO E O SOL

A Raimundo Correia.

I

Treme a montanha e se abre em ímpetos indômitos:
 ruge-lhe o ventre, e um filtro ardente de atro enxofre
 as veias lhe percorre... até que, em rubros vômitos,
 a descarga de fogo arrebenta de chofre.

A bÍlis borrascosa estruge-lhe na entranha,
 como um feto maldito. Os calcinados ossos
 do velho paquiderme estremecem na estranha
 e sinistra mudez dos quaternários fossos.

E parecendo ouvir a voz lenta, vibrada,
 da lendária trombeta, o ictiossauro na gruta
 subterrânea escancara a inválida queixada
 e, nas patas firmado, atentamente escuta...

Do túrbido cairel betuminoso e horrendo,
 que a larga face abrindo, arfa estentoreamente,
 o colosso de fogo aos céus alto se erguendo,
 descreve na amplidão mil roscas de serpente.

E dobrando, solene, o dorso audacioso,
 cinge os flancos do espaço em tantálico ardor.
 Entretanto, no céu sereno e grandioso,
 rola o sol triunfante a luz do eterno Amor.

II

Assim tu, coração, enquanto em paroxismos
despedaças a flor de nossos sentimentos,
e a atiras desfolhada aos pérfidos abismos,
aos ímpetos dos ventos;

Não importa! refulge, esplêndido e espontâneo,
enchendo-nos de luz, caudal veia por veia,
no pino da razão, no ardente céu do crânio,
o eterno sol da Idéia!

FLOR CARNÍVORA

A Lucindo Filho.

Há uma flor de lindo aspecto
e colorido brilhante,
cujo perfume fragrante
atrai ao cálice o inseto.

As asas fechando e abrindo,
este o mel nectáreo bebe,
no entanto a flor o recebe,
as pétalas contraindo.

Contraí-as e se abotoa,
e tanto os nervos constringe,
que a corola o suor tinge
da seiva fecunda e boa.

E na rescendente cela
o aventureiro encerrado,
depois de a flor ter sugado,
ei-lo sugado por ela.

Tal a sorte da alma louca,
que, atraída pelo gozo,
o doce filtro amoroso
vai beber em tua boca.

Pois és a imagem exata
da bela flor assassina,
que melífica e fascina,
perfuma, seduz e mata.



AMIGO

O rochedo é deserto. Ele avança.... recua...
e é preciso morrer, contudo. O vento geme
pavorosas canções nas árvores; a lua
pela face do mar, triste, indecisa treme.

Ele vacila; o abismo é pérfido, quem sabe
se a morte não será pior que a própria vida,
que a vida tormentosa e estúpida que cabe
àquele, cujo peito é uma aberta ferida?

Porém, silêncio – um grito ao longe como um canto
de saudade gemeu, um lamento de dó,
e logo um cão chegava, em cujo olhar o pranto
parecia pedir que o não deixasse só.

Ansiava soturno, o olhar na imensidade,
o tronco erguido ao vento, o aspecto hirto, selvagem;
meditou: vida... morte... inferno... eternidade...
– o corpo ergueu, volteou e... tombou na voragem.

Por um momento o cão esperou anelante;
presentindo, porém,
que ele não vinha mais, num uivo lancinante,
atirou-se também.

A UM CAÇADOR

Olha essa plumagem linda,
íris formoso e suave:
não sentes remorso ainda?
que mal te fez a pobre ave?

O projétil avicida
quebrando-lhe as asas, deu
um jorro dessa ferida
de sangue da cor do teu...

Há uma só lei da Existência
sob a esfera luminosa:
partilham da mesma essência
homem, ave, estrela e rosa.

Ela cantando vivia,
correndo, voando no ar.
Será delito – a harmonia,
um atentado – voar?

Vivia tecendo ninhos
para os filhotes, apenas;
pobres menores mesquinhos,
sem mãe e ainda sem penas!

As normas da natureza,
fiel, não quebrou jamais;
nunca invadiu da pobreza
os minguidos cereais.

Vê bem que fizeste, dando
a morte a esse mártir ente.
És réu de um crime nefando,
verteste o sangue inocente.

Ai! prole da primavera,
que será dela amanhã?
Pela mãe espera, espera...
porém, esperança vã.

De tudo que canta e voa
E fulgura és odiado:
a aurora não te perdoa,
condena-te o sol dourado.

FEBRE ESPIRITUAL

A Pereira da Costa.

O espírito infernal que nosso crânio habita,
muitas vezes no ardor de uma insônia maldita,
tem risos de Voltaire,
e nos dá a entrever visões que a febre trazem,
e faz de nós no leito o que as crianças fazem
de um títere qualquer.

Então, como o estridor de arrastadas correntes,
surdo rumor se escuta, em convulsões dementes
ruge a Dúvida atroz.

Cada nervo febril vibra como uma corda,
estala cada artéria e o coração, que acorda,
dá gritos dentro em nós.

Brada o espírito assim nos círculos da idéia:
“Carne, eu quero saber tudo o que nos rodeia,
tudo o que o mundo tem.

Quero da onisciência a vasta claridade,
caminhando, feliz na via da Verdade,
ir abraçar o Bem.”

Porém, no crânio vão nenhuma voz responde.
“Donde vieste assim, argila rude, donde
houveste a vida, o ser?

Ensina-me do mundo o alto mistério mudo,
tudo o que a criação contém, me ensina tudo,
que eu gosto de aprender...

A vida no organismo, o sangue a arder na artéria,
o rugido na fera, a força na matéria,
o amor no coração...
a luz que, sendo fogo, erra à face das vagas,
que se entranha no seio estúpido das fragas
e brilha na amplidão...

Os risos do loureiro, os prantos do cipreste,
da noite o luto atroz, da aurora o azul celeste,
a púrpura do sol...

Que diferença há entre um corpo esbelto e lindo
e um corpo morto e vil do lupanar saindo,
envolto num lençol?

De que matéria-prima os tecidos orgânicos
se formaram um dia, e de que sons titânicos
os cânticos do Mar?

Que proporção se dá ao velho caos profundo,
o diâmetro do espaço e, do infusório, o mundo,
mundos a germinar?

Se é falsa a Evolução e se há uma Providência,
se aquilo que nos prende aos fios da existência
é uma força, ou um Deus...

Se os côncavos azuis das plagas luminosas
são camadas sem fim de eternas nebulosas,
ou simplesmente céus..."

Porém, no crânio vão nenhuma voz responde.
“Donde vieste assim, argila rude, donde
houveste a vida, o ser?
Ensina-me do mundo o alto mistério mudo,
tudo o que a criação contém, me ensina tudo,
que eu gosto de aprender.”

Solta uma gargalhada e, mórbido, entorpece
nos tegumentos vis da Carne que adormece,
no caos fitando o olhar...
Precipita-te nele, Espírito; não rias,
nem chores, entretanto, às tristes ironias,
às lutas do pensar.

Perca-te o desespero e, no aniquilamento,
desfaze-te, mas não vais soltar um lamento
diante d’uma cruz...
Como a águia, que no azul buscando o sol fecundo,
rotas as asas, cai num bátrato profundo
– ou morre, ou bebe a Luz!

ÍCARO

Busco embalde, librado em minhas asas,
do espaço o fim num desvario louco:
ao calor de não sei que olhar em brasas,
vão elas derretendo pouco a pouco.

A universal orquestra das esferas
nas orgias da luz retumba em festas,
e o éter inebria as primaveras,
que vêm adormecer pelas florestas.

É possível que, em cima, haja a secreta
chave do enigma místico e profundo,
que nos cerca, e que possa algum planeta
informar-me o que somos neste mundo.

Mas não posso subir! O crânio ardente,
sempre no globo agrilhoadado e preso!
– Orgulhosa razão, és impotente,
minhas asas de cera, eu vos desprezo.

DESENLACE

A João de Araújo.

Ora, o triste idiota andava esfarrapado,
descalço e sem chapéu, pelas ruas e praças:
além de todo o mal, efeito das desgraças,
levava a estupidez no olhar esgazeado.

Cadavérico e roto, a sacola pendente,
entre as vaías brutais dos trêfegos garotos,
todo o dia esmolava e, à noite, nos esgotos,
buscava em vão do sono o bálsamo clemente.

Um dia, o Suicídio e a Fome o visitaram,
e, pela mão tomando-o, a um ermo o transportaram,
dizendo-lhe: “Isto é teu, nestas paragens mudas,
jejua como Cristo, ou morre como Judas.”

Um tropel, entretanto, ao longe, pela estrada,
vinha se aproximando, era uma cavalhada.
Turvou-lhe o aspecto e o olhar estranha agitação.
.....
O mendigo infeliz fizera-se ladrão!

PROBLEMA

H. HEINE

A Pedro Lessa.

Por que é que o justo roja ensanguentado,
da cruz ao peso bárbaro e cruel,
enquanto o mau, feliz e potentado,
pavoneia-se altivo em seu corcel?

A culpa da desordem a quem cabe?
Não é Nosso Senhor onipotente,
Ou ele é disso o causador, quem sabe?
Mas seria covarde realmente!

Tal é o problema que nossa alma louca
discute até que, enfim, chega alguém que,
com um punhado de pó, nos fecha a boca.
– Mas isto é uma resposta que se dê?!

O PARADOXO

Quem pode jamais dizer-me
com certeza donde vim,
se sou simplesmente um verme,
ou se Deus está em mim?

Mistério! a vida eu a sinto
como um fluído incandescente
nas veias; porém não minto
dizendo que a acho excelente...

Mata-me o tédio do mundo
e nisto encontro prazer.
Como Hamlet meditabundo,
agito o “ser e não ser”.

Sou uma antítese viva,
talvez um sonho do caos,
extrato que Jaweh ou Siva
fez dos gênios bons e maus.

Contrastes me não surpreendem:
fascina-me o Bem; o Mal
tem atrações que me prendem
dentro de um fosso fatal.

A metafísica nunca
fez coisas tão encontradas:

sou rico, e habito a espelunca,
choro, dando gargalhadas.

Às vezes, até duvido
se sou, e me palpo então,
e, no vivo peito ardido,
sinto da Morte a canção.

É que ardem no paraíso
infernos, engana o amor,
o lábio monto e o sorriso
é uma paródia da dor.



O HOMEM E O MAR

(BAUDELAIRE)

Homem livre, hás de ser sempre amigo do mar,
o mar é teu espelho, aí vês tua alma ao largo,
os grandes lamarões no infinito rolar:
– nem teu espírito é menos profundo e amargo.

Apraz-te mergulhar em tua própria imagem,
nela imerges o olhar, nadando, e o coração
não raro se distrai da própria agitação
ao rumor dessa queixa indômita e selvagem.

Quão discretos sois vós, quão tenebrosos sois!
Homem, ninguém sondou teus fundos sorvedouros;
mar, ninguém viu jamais teus íntimos tesouros;
tanto sabeis guardar vossos segredos, pois.

E, do Tempo, no entanto, as rápidas torrentes
Vão passando e, sem dó, nem pena vos bateis;
tanto presais a morte e os exícios cruéis,
implacáveis irmãos, eternos combatentes!

VERTIGEM DA ARTE

A Randolpho Fabrino.

No frontispício de uma antiga igreja,
talhado em duro mármore polido,
abre as asas um anjo que branqueja
entre as flores de pedra adormecido.

O olhar num sonho místico abismado,
imóvel fita a altura friamente:
– gênio estranho que aos céus arrebatado,
em pedra se tornasse de repente!

Era manhã. No rosto alvo e divino,
que o pó do Tempo envolve no seu manto,
vi cintilar o orvalho matutino,
deslizando na pedra como um pranto...

E julguei um instante que chorasse
aquele ente em vida à luz da aurora,
e que se contraísse aquela face,
sem me lembrar que o mármore não chora!

Extático ante os góticos primores
que um talento infeliz, gênio sem palma,
cinzelasse, talvez, sonhando amores,
e escondendo na pedra o sangue da alma;

Tive a vertigem (louco desvario!)
de perder-me no espaço indefinido,
só para ver de lá o olhar sombrio
do triste anjo de pedra adormecido...



FAUST

A Valentim Magalhães.

O lívido Alquimista, à morna claridade
da sonhadora luz de uma lâmpada exótica,
cismava como Cristo, em torva ansiedade,
na câmara senil de arquitetura gótica.

Entre os livros de Hermes, aberto um alfarrábio,
ante o turvado olhar, voejando as mariposas,
na atitude febril de um saltimbanco, o sábio
prescrutava o segredo hermético das Cousas...

De um lado o macrocosmo, onde dos mundos a alma
se agita, e do outro, sobre uns sinais cabalísticos,
uma caveira ri-se ao luar que lhe espalma,
na fronte erguida, a luz dos devaneios místicos.

Sonha o sábio alemão com minotauros, grifos,
e evoca do Caldeu a mítica magia;
enquanto, em cima, paira entre mil hieroglifos
o vulto de Satã na abóbada sombria.

Na espelhenta parede umedecida, donde
pendem drogas letais e ressequidos ramos,
divisam-se iniciais de algum antigo conde
e o rugoso perfil do austero Nostradamus.

Lá fora, o etéreo azul se ilumina, arqueado,
como um sonho a pairar por sobre as catedrais,
que, no sono do Tempo, escondem o sagrado
depósito senil dos túmulos reais.

Nos álamos perpassa a viração tranqüila,
como a sombra fugaz de uma Valquíria pálida,
e sobre o azul vapor píncaros cintila
a lua, a rebentar, a esplêndida crisálida.

Um bando de aldeões crestados pelo dia
em banhos de luar esquecem as fadigas,
expandindo em canções a rústica alegria,
esperando a sazão fecunda das espigas.

Mas não lhe importa, ao velho, ao sábio misantropo
que o mundo se divirta e que o trabalho cante,
a ele, que só vive a ver pelo horóscopo
o Nada universal, abrindo a goela hiante...

Ó Fausto, sonhador Quixote da ciência,
quando buscavas ler no livro do Futuro,
nos antros da Matéria, o verbo da Existência,
mais absurdo que tu, mais sibilino e escuro;

Talvez no seu jardim, mais bela das mulheres,
entre os risos azuis da Natureza nua,
regasse a Margarida os brancos malmequeres,
que depois desfolhou por ti, à luz da lua.

A CONVENÇÃO

A Júlio de Castilhos.

Quando a rubra Revolta abria a garra adunca
para empolgar do trono o velho vulto ingente,
e os guerreiros febris, como leões da espelunca,
rompiam-lhe do seio, uivando ferozmente;

quando a Razão voando, esguedelhada e tétrica,
agitava do povo as cóleras bravias,
e incisiva e veloz como a fâisca elétrica,
fulminava os pendões das rotas monarquias;

quando Danton armava o banquete da Morte
nas praças de Paris; perante toda a terra
dando prodigamente à sequiosa corte
as libações de sangue e as saturnais da guerra;

tu rompeste o grilhão de bronze que prendia
o imortal Prometeu, o coração humano,
e a noite secular da negra tirania,
dissipaste, bebendo o sangue do tirano.

A teu grito sangrento escancarava a goela
a voraz guilhotina, em quanto com fragor
semelhante ao bramir do mar que se encapela,
vomitavas no mundo as vagas do Terror.

Caverna de leões! em teu bojo profundo
que, da História na rocha, o século rasgou,
retumba inda o trovão ignívomo e fecundo
do rábido Marat, maior que Mirabeau.

Não te maldiga nunca o novo pensamento,
o ardor com que lutaste, ó grande Convenção;
que em ti se patenteou o humano sofrimento
contra o jugo brutal da cínica opressão.

Do sangue que voraz, pantérica, raivosa,
bebeste no delírio intenso da Verdade,
fez-se uma nebulosa, e dessa nebulosa
foi que surgiu brilhante o sol da Liberdade.

A ANDORINHA

Ah! que conte não me peças,
choravas se eu te contasse...
Não quero as marcas impressas
da tristeza em tua face.

Vês tu aquela andorinha,
que voa de um a outro lado?
Há muito tempo se aninha
no beiral de meu telhado.

Na solidão em que vivo,
tem-me sido companheira:
se estou alegre e expansivo,
ela sorri prazenteira;

gira, volteia, incessante,
chilreando doudamente.
E vem pousar sobre a estante,
encarando-me de frente.

Mas, se o prazer me deixando,
choro, triste e desolada,
começa então pipilando,
como quem chora... coitada.

A minha existência insana
é um ente familiar,

para ser uma alma humana,
falta-lhe apenas falar!

Ora, deu-se que, o outro dia,
o telhado concertaram
e o ninho (que covardia!),
em minha ausência, arrancaram.

Soube o que havia ocorrido,
logo que em casa me achei.
O passarinho sentido
pensou que eu fui que mandei.

Mas quando, mudo e sombrio,
sentar-me à mesa de estudo,
suspirando a ave me viu,
compreendeu, então, tudo.

E olhou-me com tal tristeza,
que eu também vim a chorar...
Tinha filhos com certeza:
– só de mãe aquele olhar!

Mas deixemos a andorinha,
enxuga o pranto da face:
– não disse que tu, louquinha,
choravas, se eu te contasse ?

TURBILHÕES

I

Não sei que ventos, que vagas
nos impelem com furor
para tão longínquas plagas...

Não sei que oculto traidor
de fibras de sangue quentes
tece os pendões do Terror;

que, de delírios candentes,
vão as almas sem farol,
arrastadas nas torrentes.

Em vão interrogo o sol,
a noite, as aves, os ramos
as neblinas do arrebol;

em vão pergunto: – onde estamos?
ao mudo rochedo hostil,
e à lua: – para onde vamos?

Nada responde. No hastil,
dobra-se a flor descorada
e tomba no lodo vil.

Empalidece a alvorada,
na nuvem se esvai a luz
e fica a noite cerrada...

II

Em tudo se reproduz
do Cristo a agonia escura:
– no bosque é o cedro uma cruz.

E, dentre a verde espessura,
brota a bela flor de liz,
como um cálice de amargura.
Nas espessuras sutis
do crânio, o mesmo tormento
dardeja golpes febris.

Nosso espírito é sedento,
quer saciar-se no Bem?
foge o Bem n'asa do vento.

Se o coração diz: – ninguém
há na vida que me reja,
murmura o túmulo: – Amém! –

E o cérebro, que lateja,
ressoa a palavra Deus,
como um clarim na peleja.

Ao largo! é lei sob os céus
lutar, morrer; e, em seguida,
ressurgir nos escarcéus...

Girar na roda da Vida,
como as estrelas no azul
e da *Pátria prometida*.

Ser eternamente exul!
maré maldita rolando,
rolando de norte a sul!

E tudo vai revoando,
almas e constelações,
no redemoinho nefando
dos eternos turbilhões!

O ÚLTIMO DIA

Um dia decomposta, exânime, inanida,
como um astro a rolar da túrbida amplidão,
a Matéria senil, a grande mãe da Vida,
há de volver do caos à velha escuridão.

Cataclismo inaudito! O forte alento de aço,
que outrora do universo o peito rude enchera,
em átomos desfeito há de rugir no espaço
em delírio feroz de rábida pantera.

De um gelado terror a lívida mortalha
então envolverá a imensidade etérea...
E um súbito estampido, igual ao da metralha,
romperá do profundo abismo da Matéria!

Orbes, constelações, moléculas do Imenso,
que do espaço habitais o páramo fecundo,
até vós subirá um negro vapor denso,
formado do bramido estupendo do mundo.

Quebrado já por fim o equilíbrio e apagadas
as luzes siderais, um topor tenebroso,
largas asas de chumbo, atrozes e pesadas,
abrirá sobre o caos horrendo e silencioso...

Mas apenas soar a hora do Incriado
no relógio infinito a voz das criações,

surgirá soluçando um portentoso brado
do caos, a se estorcer em novas convulsões!

É que, então, Natureza, um novo monstro geras
no ventre maternal, um mais heróico feto
do que esses que geraste em perpassadas eras.

.....

E teu parto será mais belo e mais completo.



DE TARDE

Eu vi voando caminho do ocidente
o bando ideal de minhas ilusões;
do sol um raio trêmulo, dormente
dourava-as com seus últimos clarões.

Para longe corriam doidamente
a crença, o amor, meigas aspirações...
Creio até que, entre as aves, tristemente
iam partindo nossos corações.

Além, além... e os pássaros risonhos
foram-se todos. Vênus lacrimosa
brilhou: — no mais, deserta a imensidade.

Não! No ocaso do sol e de meus sonhos
ficou inda a pairar, triste e formosa,
a ave formosa e triste da saudade.

CULTO IDEAL

A embriaguez da luz, dos sons, do aroma
Fez rebentar-me na alma tua imagem:
sonhei-te entre a virente e basta coma
de um bosque, à luz da aurora, aos sons da aragem.

Meu ser ora subia ao sol distante
pelo deserto azul, como um condor,
ora adejando, como uma ave errante,
colhia um pensamento em cada flor.

No veludo sombrio das montanhas,
longínquas como a idéa do passado,
harmonias angélicas, estranhas
atraíram-me o ouvido fascinado.

Nesse instante, brotou em minha mente,
como um ideal à flor da fantasia,
a tua imagem cândida, ridente,
coroadas das rosas da alegria.

Então, no peito, ó virgem de meus sonhos,
a ti que o Belo universal resumes,
ergui castelos rútilos, risonhos,
feitos de luz, de sons e de perfumes.

A NUVEM

Nuvem errante, peregrino vaso,
que flutuas no espaço eternamente,
ora dourada pelo sol no ocaso,
ora fendida pelo sol nascente;

Essas formas fantásticas que assumes,
batida pela luz e pelos ventos,
nuvem feita de orvalho e de perfumes,
são imagens dos nossos pensamentos.

Amor ou ilusão que vais levando
no seio, onde germinam primaveras,
detêm-te, nuvem, deixa-me sonhando,
nutrir-me na visão destas quimeras.

PEREGRINA

Na esteira de ar que, bela e triunfante,
vais deixando ao passares junto a mim,
invade-me a alma o aroma estimulante
da baunilha, do anis e do benjoim.

É monótono e doce o deslizar
de teus sonoros pés na areia fina
das estradas: — o raio de luar
não desliza mais leve na neblina.

Vendo os doces contornos sinuosos,
que às vestes alvas tuas formas dão,
vêm-me a idéa os desenhos caprichosos,
que o sol traça de nuvens na amplidão.

Não sei de que país de fadas é
o filtro, com que encantas os caminhos;
apenas vais ao longe, onde teu pé
pousaste, vêm pousar os passarinhos.

Juncam depois o percorrido solo
de desejos mil flores ideais.
Bem quisera depô-las em teu colo,
crestá-las em teus seios virginais.

Meu ser volatiliza em efusões
o amor, anseio que se não define:

vão lá contar as lavas dos vulcões,
vão lá medir as árias de Rossini.

No entanto, passas rica de homenagens,
e a tudo encantadora te sorris;
nas árvores inclinam-se as ramagens,
inclinam-se as corolas nos hastis.

E não te cansas nesse andar sem fim;
a quem evitas, meiga fugitiva?
Se te perseguem, porque vais assim,
fugindo tão alegre e tão festiva?
Minha alma é tua sombra, ó peregrina
ilha do sol, amiga do luar,
de te seguir minha alma tem a sina,
porque ela tem a sina de te amar.

DORMINDO

Na vaporosa cama,
entre os lírios ideais da virgindade,
da lamparina à frouxa claridade,
dorme, talvez, o sono de quem ama.

Do lençol a finíssima cambraia
vela-a e debuxa-lhe o contorno brando:
– andam desejos pelo ar voando...
...a lamparina lânguida desmaia...

Um sorriso de leve
unge-lhe o lábio angélico: – ela sonha,
e, afagando a visão sempre risonha,
da pele meiga em rosas tinge a neve.

Extingue-se de todo a lamparina.
Distende um braço e, apetecidas prendas,
saltam-lhe as pomas dentre as fofas rendas.
Lá fora tocam sinos a matina;

ela acorda sonhando... e, molemente
se espreguiçando à morbidez do sono,
patenteia, em edênico abandono
da virgindade, o fruto pubescente.

E o aventureiro louro,
o sol travesso, que da fresta a espia
para dar-lhe o “bom dia”,
vendo-a tão bela na nudez pagã,
manda-lhe um beijo numa seta d’ouro,
temperada no orvalho da manhã.

NOIVADO CELESTE

De pérolas de orvalho coroada,
 passeia a madrugada
 pelos campos e bosques sussurrantes;
 aqui, um lírio; ali, uma bonina,
 perfuma e beija, carinhosa irmã.
 Ao diadema de luzes tremulantes
 prende-lhe ainda a gaze de neblina
 a estrela da manhã...

Vai às moitas e acorda os passarinhos,
 nos quentes, fofos ninhos,
 os dedos, raios de ouro, introduzindo;
 e as aves, alquimistas do arrebol,
 transformam o ouro em canto e vão cantando.
 No azul do espaço infindo
 perpassa indefinido um sopro brando.
 Lá vem rompendo o sol.

E a madrugada, sacudindo as vestes,
 pelas vagas celestes
 ei-la em caminho do ocidente passa,
 deixando aos ares límpidos, serenos,
 lúcida esteira em íris de cristal;
 e quando o sol à tarde chega e a abraça,
 ela, ao deitar-se, prende à estrela Vênus
 seu róseo cortinado nupcial.

.....

SONÂMBULA

A moça que mora em frente
é uma moça indiferente,
não sei que mistério tem:
não chega nunca à janela,
ninguém olha para ela,
nem ela para ninguém.

Mas conta-se que a horas mortas,
fechadas todas as portas
da vizinhança, ela sai,
e ao cemitério chorosa
vai desfolhar uma rosa
por sobre a campa do pai.

FASCINAÇÃO

O pingente se torna em perfume no galho,
o sol se decompõe nas cores, a harmonia
em vibrações: – tu tens a tríplice magia
da luz, do som, do orvalho.

A luz! Quem não viu inda as úmidas auroras
desses olhos azuis, serenos, peregrinos...
O som! Quem não te escuta os cânticos divinos,
que quando falas – choras?

Que de orvalhos de pranto, as rosas perfumadas
de teus seios não têm, talvez, o amor vertido.
És pálida... dir-se-ia um sonho enfebrecido
por noites agitadas!

Sinto-te dentro em mim, em ti sou venturoso;
magnética prisão nos nega a dualidade:
longe ou perto, eu escuto o canto glorioso
de tua virgindade.

Sou feliz junto a ti, por ti é que trabalho,
buscando um ideal nas névoas do futuro;
e, quando estás distante, ainda te procuro
na luz, no som, no orvalho...

VIUVEZ

CATULLE MENDÈS

Minha alma é como o solitário ninho,
que a volta da invernia pôs deserto;
sob os tetos, que a neve tem coberto,
nem mais vôos, nem canto, nem carinho.

Eu sou como uma antiga cidadela,
abandonada após longas derrotas;
negras muralhas, pelas balas rôtas,
e que o tempo a seu turno desmantela.

Mas o ninho viúvo, leva-o a brisa;
cai, por fim, a muralha, e a praça forte
fica um rochedo, que o viandante pisa.

Só eu espero um termo à vida, ao ser:
há muito tempo n'alma tenho a morte
e o meu corpo obstina-se em viver!

A MORTE DE SAFO

Do píncaro sagrado da alterosa
Leucade, solta a cabeleira ao vento,
as crespas ondas do úmido elemento
Safo contempla triste e lacrimosa.

Orna-lhe a fronde víride coroa;
gotas de pranto as meigas faces lhe ornam,
como bagas de orvalho, que se entornam
na flor, que o aroma à luz desabotoa.

Que mágoa aflige a musa das Helenas,
por que prantos de mágoa assim derrame-os?
Não mais os festivais epitalâmios...
Fechai-vos, portas da sonora Atenas.

Emudeceram com acerbas dores
as cordas dessa lira,
em que outrora suaves desferira
tantas odes de amor, ternos amores.

Cessam do vento, as querulas endeixas,
as ondas mansas se unem, se misturam,
e umas às outras, a passar, murmuram
flebilíssimas queixas;

Queixas, que apenas nascem, logo expiram,
efêmeras, no espaço em brando choro,
notas eólias, que na lira de ouro
“Faon” ... leves suspiram.

“Faon”... E Safo numa angústia horrível,
Pítia de Delfos, desgrenhada e louca,
o olhar incerto, enlivecida a boca,
“Faon”... exclama, erguendo-se terrível!

“Belo nume, por quem de balde chamo,
filho de Vênus, a outro amor entregue,
fatal destino a sorte me persegue:
– busco-te, e foges, foges-me, e eu mais te amo.
Beijos ardentes, que os desejos fingem,
queimam meus lábios e meu rosto abrasam,
e em minhas veias vazam
chamas, que todo o coração cingem.

Trêmulo o seio em ânsia convulsiva,
turvos os olhos, sinto a língua presa,
e, num desmaio lânguido, cativa,
arde minha alma em teu amor acesa.

Quando em sonhos te bebo o amante bafo,
e aperto-te a meu peito que lateja,
até no Olimpo os deuses têm inveja
à venturosa Safo.

Sonhos? Mentira é tudo quando acordo,
menos o teu desprezo e o meu martírio,
e me entregando ao fervido delírio,
em amorosa raiva o lábio mordo!

Sepulta, Iônio mar, este tormento,
Alceu, teus hinos imortais se calem,
Lira de Lesbos, com minha alma estalem
todas as tuas cordas num momento!!!”

Disse: e do alto rochedo se arrojando,
caiu no mar. E as aves que passavam,
suaves murmuravam
os queixumes da amante em choro brando.

A náíades formosas
vão levando em triunfo a lira de ouro;
enquanto no azulado sorvedouro
embalam Safo ondinas lacrimosas,
crescentes arcos desenhando na água,
em caprichoso giro;
e o manso vento, portador de mágoa,
leva a Faon seu último suspiro...

A HERANÇA DE PROMETEU

Na veia de aço que as nações irmana,
sangue de luz, corre a veloz fagulha,
como um fragmento da razão humana;
e a palavra que a idéia desabrocha,
corta os ares, no pélago mergulha,
rompe as geleiras, vence a dura rocha
e, galgando os abismos mais profundos,
liga os pólos e abraça os cinco mundos!

Nem mais rápido, ó sol, ferira o lume
de teu nascente raio
o inacessível cume
do montanhoso píncaro himalaio;
nem mais brilha, dos trópicos
entre os vales ciclópicos,
na mica cintilante ou no ouro raro,
teu intenso fulgor em dia claro.

Sumiu-se o sol no ocaso?
Vaga o luto sombrio
na vastidão da noite? – O débil fio,
como serpente, enrosca-se e conduz
secreta força a misterioso vaso...
e em elétrico jorro esguicha a luz!
Ao clarão desta aurora,
(pasmai, povos antigos, deuses novos,
pasmai, futuros povos!)

na membrana, metálica, sonora,
vivo papiro, página animada,
Edison guarda a Tradição falada...

Houve outrora, no Caucaso, um proscrito,
diz a legenda grega,
que um dia subtraíra,
no páramo infinito,
a sagrada faísca à eterna pira,
porque ao homem guiasse a razão cega.

Pois bem! tempo há de vir em que o Deus Homem,
no anseio dos esforços que o consomem,
busque tocar no sideral assento,
cavalcando um condor de asas de arame;
irá restituir a chama ao céu
e obter indulto para o audaz gravame;
porém, não há de achar mais firmamento.

Serás, então, vingado, ó Prometeu!

O BONZO DO OCIDENTE

Enquanto, na ara sacra, o ázimo pão elevas
ante o estático olhar da crente multidão,
e, alma feita de lodo, alma feita de trevas,
finges seguir piedoso os *Passos da Paixão*;

A gangrena roaz dos sôfregos instintos
imprime-te no corpo asinino e suado,
os beijos sensuais, tantálicos, famintos,
da impureza carnal, do lúbrico *pecado*.

Sacrílego, onde tens recôndita a consciência,
onde abrigas, Tartufo, a misteriosa fé,
por que erijas em crime as normas da Existência,
e calques a virtude honesta com teu pé?

Prostitues a mulher, e a chamas Madalena,
perdoas o adultério e condenas o berço,
maculando do Amor a grande alma serena,
que forma o panteísmo imenso do universo.

Olha, torpe embaidor das vãs consciências cegas,
mocho da escuridão no século da luz,
enquanto na tribuna a caridade pregas,
pregas o Salvador segunda vez na cruz!

Debaixo da aparência humílima e bondosa,
(e não falta, aliás, quem, ínclita, proclame-a!)

ocultas uma jaula escura e pavorosa,
em que ruge, sangrenta, a pantera da infâmia!

Tivesses tu poder, e este formoso mundo,
que avista agora a luz de um sol prometedor,
não passaria, então, de um pantanal imundo,
do qual serias, sapo, o único ditador.

E, nesse esgar canino, hidrófobo nefário,
cobririas, até, se o pudesses, de rastros,
com a tua roupeta o espaço planetário,
só para os Galileus não descobrirem astros.



VISITA A UMA MINERAÇÃO

Duro penhasco, abre teu seio duro,
em que a luz primitiva adormecera;
o aço da Indústria, o cetro do futuro,
abutre novo, as fibras te lacerara.

E eis já rasgada funda galeria,
túmulo aberto da avareza insana,
onde nunca chegaste, ó grande Dia,
mas onde chega a intensa força humana.

Partindo aos estilhaços o veeiro,
a dinamite à rocha dá combate
e, em compassados golpes, o mineiro
a retumbante picareta bate.

Um estampido – e lasca-se o granito,
outro tiro – e o granito rola em seixos.
Das máquinas de ferro ao forte atrito,
rincham as rodas nos candentes eixos.

E a rica flora mineral desata
e rompe o véu ao rútilo tesouro:
– brota o esmeril, em fios corre a prata,
floresce a gema, abrem-se rosas de ouro.

Feérica visão, mas verdadeira.
Aqui fantástico alvanel gravara,

em fino esmalte, na época primeira,
plástica ideal da perfeição avara.

Colunas, arcarias, arabescos
brilham, porque a Memória nos esconde
os fabulosos paços principescos,
e os tesouros de Ofir e de Golconda.

Creso da Lídia, foste um miserável,
também, Lúculo, um miserável foste,
Alambra, arquitetura detestável,
Coluna de Vendome, humilde poste;

O íris compõe-se em luz, a luz se coalha
decompõe-se em íris, e de novo
cintila, ora na luz que o raio espalha,
ora na suave cor da gema de ovo.

Em cimbres augustos, a abóbada suspendem
palmeiras de cristal e bronze e cobre;
racimos de ouro de seus troncos pendem,
entre a enroscada silva que as encobre.

E, com a picareta e o camartelo,
o Homem que tem da criação o reino,
de destruir o esplêndido castelo,
novo Átila fatal, nada detém-no.

Demole, arrasa e quebra e faz escombros,
e ei-lo de novo ascende em áurea insania,
levando sobre os suarentos ombros
os espólios da flora subterrânea.

E toda aquela maravilha imensa,
que de espanto e de luz nos embebeda,
se apouca, se constringe e se condensa
no disco miserável da moeda!



SÍNTESE

Que importa à natureza o velho tema.
do ser e do não ser – o berço e a tumba,
se alguém folgue ao prazer, se à dor sucumba,
se ria ou chore, se suspire ou gema?

Seio de mãe e entranha de Saturno,
ela alimenta com intenso afeto
tudo que produziu, e por seu turno
devora avidamente o próprio feto.

O trágico problema em vão se agita,
à velha geração sucede a nova,
e a cada novo ser, que à luz palpita,
tece-se um berço, rasga-se uma cova.

E o homem, de um só dia peregrino,
de manhã deixa o berço, mal desperta,
e, ao voltar pela noirte – atroz destino! –,
acha o berço ocupado, a cova aberta.

SERENATAS

(CATULLE MENDÈS)

A Américo Lobo.

I

A madrugada ria-se em festim,
tu me chamaste: “vem”, e logo vim.

Mais tarde um pouco, “canta”, me disseste,
e eu cantei tua graça, alma terrestre.

Mas veio a noite (ó noite em que me vi!),
tu me mandaste: “parte” e eu não parti.

II

Mesmo assim arrufada, adoro ainda
o teu semblante, quando se enfurece,
pois, nesse olhar, que um puro esmalte alinda,
suave a própria cólera parece.

O Amor, que as delicadas leis ensina,
não raro, inda que sempre doce e liso,
no lábio que nos prende e nos fascina,
faz suceder os momos ao sorriso.

E, prudente, concede aos namorados,
 para curar as frouxidões morosas,
 que afetam sempre os peitos bem amados,
 as rixas, esses látegos de rosas.

III

Teu coração é de ouro fino; tudo
 é nítido e leal nessa alma pura;
 mas a esperança, que me foi escudo,
 vai descambando em dúvida e tortura.

Ah! minha irmã, eu tenho visto aos centos,
 à hora lânguida em que a noite tomba,
 dispersados meus sonhos pelos ventos,
 como as penas dispersas de uma pomba.

IV

A fria lua que rola
 com languidez de crioula,
 sonha dolorosamente
 no infinito céu dormente,

enquanto, das cristalinas
 fontes, em vagas surdinas,
 se exala, nos tristes ares,
 o pranto dos nenúfares.

V

Canta jovem pastor no bosque a sós,
e o eco vaidoso diz: “sou eu a voz!”

Sob a vidraça que a cortina vela,
a lâmpada murmura: “eu sou estrela!”

Nos lagos, sobre que pende a ramagem,
“quem existe sou eu”, diz sua imagem.

Porém, mais falsa, ó sina que deploro!
era a voz protestando-me: “eu te adoro!”

ANGÉLICA

Tu, por seres alvíssima, desdenhas
 a morena de longas tranças pretas:
 dizes que tens razão, talvez não tenhas.
 Por que desprezos para as violetas?

Que tem tua alva cor que sobreleve
 a cor morena em face de um espelho?
 A neve é branca, o sol vermelho, e a neve
 branca é vencida pelo sol vermelho.

Julgo igualmente belas na pintura
 todas as cores, todas as *nuanças*:
 em toda parte brilha a formosura,
 nas tranças louras, ou nas negras tranças.

Perdoa-me a dureza do conceito,
 voz da verdade, queiras ou não queiras:
 olha, criança, que, a qualquer respeito,
 são parecidas todas as caveiras!

BUCÓLICA

Na orgia dos sons, das cores,
ficou minha alma pagã;
bebendo o aroma das flores,
bebeu a luz da manhã.

Abriu-se-me a flor da vida
sob um sol fecundo e ardente;
amo a palmeira florida
e o soluçar da torrente...

Tenho taças de verdura
junto aos troncos seculares,
em que bebo a linfa pura
do néctar que vem dos ares.

Entendo o canto das aves,
que agitam o azul dos céus,
como de um templo nas naves
as litánias de Deus.

Nas clareiras escalvadas
das grandes, floridas matas,
choram frescas alvoradas
de pérolas as cascatas.

Entro altivo nas imensas
babílonias vegetais,

sob as líanas suspensas,
como arcadas triunfais.

Nas voltas da trepadeira,
leio estéticos segredos
e aprecio a sobranceira
atitude dos rochedos...

A natureza é uma mestra,
uma mestra maternal,
que nos dá lições de orquestra
e nos ensina o ideal.

Na orgia dos sons, das cores,
ficou minha alma pagã;
bebendo o aroma das flores,
bebeu a luz da manhã.

CONFIDÊNCIA

A meu irmão Bernardino de Lima.

Meu sono é povoado de quimeras,
que insólitas visões dormindo sinto!
Acho-me a sós num grande labirinto
de verdores, de luz, de primaveras;
mas tudo de um passado há muito extinto.

E cismo então... que dolorosa cisma
gostosamente verte-me a saudade
da bela quadra da primeira idade!
Servem-me as tristes lágrimas de prisma,
e tudo vejo claro e com verdade.

Vejo além... uma sombra que descansa,
pequenina e gentil, quase esvaída:
é minha infância límpida, vestida
da verdejante túnica – Esperança,
feita do olhar de nossa mãe querida.

.....
Ó passado, em que as rosas de meus anos
o tempo desfolhou, ó sorvedouro
de minhas ilusões e sonhos de ouro,
descerra-me de novo os teus arcanos,
e restitui-me o meu gentil tesouro.

Mas nisto acordo, o sol, por uma fresta,
dardeja-me no rosto um raio puro;
e, ao fugir do passado o vulto obscuro,
choro, mas não descreio, ergo-me, em festa
e saúdo-te, aurora do Futuro!



VIDA!

Olha esta gota de água cristalina:
é tão leve, tão tênue e pequenina,
que a sede vegetal mais estimula,
e nem ao menos molha
do lírio o hastil, o cálice ou a folha,
em que, líquida pérola, tremula;
dir-se-ia um pingo de sidérea mágoa.
Tu, que já penetraste os oceanos
e devassas recônditos arcanos,
não a desprezes, olha-a:
que vês na gota cristallina de água?

Nela se espelham fulgidos, celestes
prismas, que a luz exterior difunde,
como em puro diamante lapidado.
Mas se o olhar limitado
de uma lente revestes,
porque a vista sagaz mais se profunde,
verás, então, do turbilhão da Vida,
surdirem novos seres, e estes seres
aumentando-se em linha indefinida,
de modo a não poderes
contar sequer seu número. Detém-te
e observa a formação vária, infinita
dos corpos, cujo frêmito latente
um mesmo *protoplasma* anima e agita.

Mas não! O olhar perturba-se em vertigens
de febril paroxismo.

Nem procures saber-lhes as origens,
a esses entes anônimos, que viste.

Para o prescrutador olhar humano,
como no grande, existe
no infinito minúsculo – um abismo.

Homem, na gota de água há um oceano!

PALIMPSESTOS

I

Não há poema, hino ou carne
que de expressão mais palpite
do que esse estranho convite
que te aprova endereçar-me:
“Venha discreto.” Pois sinto
não houvesse no recinto
algum regente de orquestra
para ouvir nossa palestra.

II

Eu sei de uns poucos de sábios,
que vivem pulsando *in folios*,
para entender em teus olhos
o que não dizem teus lábios.
Lessem antes no meu peito
e veriam com despeito
que a ciência de minha amada
são quatro letras... mais nada.

III

Vive-me n'alma este afeto,
que é notório, tu mo dizes,
mas eu no vácuo completo

passo os dias infelizes.
Bem vês que assim me assemelho
ao vidro de um liso espelho:
– as imagens que lhe dão,
todos as vêem, ele não.

IV

E assim minha alma vive hoje,
correndo às dores entregue,
regato que de si foge
e que a si mesmo persegue...
E há de ir, no seu curso insano,
perder-se, enfim, no oceano,
contente por ter sofrido,
sofrendo por ter vivido.

V

Teu riso a torna amorosa,
mas não me tira a desgraça:
nem faz a pet'la de rosa
transbordar a cheia taça.
Resta, se choras, no entanto,
uma gota do teu pranto
e lá se vão minhas mágoas
na correnteza das águas...

VI

Estas loas da desgraça,
recebe-as e queima-as logo,
e, se o pranto que, as repassa
extinguir, acaso, o fogo,
rasga-as e lança os fragmentos
ao rio: – pobres lamentos!
irão, como ilhas, errantes,
pedaços de almas amantes.



FELICIDADE

Que mais desejo, tendo-vos comigo,
áureos cabelos, olhos de safira?
De vosso influxo ao precioso abrigo
floresce o Bem, o Mal é uma mentira.

A própria noite, a mãe dos pesadelos,
é para mim um matinal disfarce,
quando, fitando-te entre sonhos belos,
vejo a vida em deslumbres desatar-se.

Ah! quando de ti junto e comovido,
sinto pulsar teu coração, e o escuto,
como um suave pêndulo movido
no relógio do Amor casto, impoluto,

minha alma aspira o oxigenado clima
de um país ideal feito de auroras,
onde o porvir tranquilo se aproxima
ao sonoro tintinar das horas...

O ESPANTALHO

(SOULARY)

A Raul Pompéia.

Com seu chapéu taful de palha italiana,
quando ela aparecia, em louco turbilhão,
vinham logo os pardais ao côncavo da mão
a bicar-lhe a cereja – amada soberana!

Nem corte mais fiel, nem rainha mais lhana:
se aquela tinha fome, esta – bom coração.
O avaro jardineiro agastava-se em vão
e cuidava em pôr cobro à gulodice insana.

Morre ela! Uma manhã o jardineiro lança
sobre uma cerejeira o chapéu da criança,
servindo de espantalho à troça aventureira.

Artifício traidor! as aves familiares,
cuidando ver a irmã, acodem aos milhares
– não tinha uma cereja, à tarde, a cerejeira.

A RAIMUNDO CORREIA

Sorriu-te a Musa, infante inda no berço,
e dos “Primeiros sonhos” despertou-te;
e, desde então, cantando dia e noite,
leva-te o gênio musical do Verso.

As vastas “Sinfonias” do universo,
na lira de ouro sóbria, Orfeu legou-te
e, sem que ao gongorismo vão se afoute,
o estilo é rico, cinzelado e terso.

Ali, num *microcosmo*, condensaste
aromas, sons e luz, e, por contraste,
os gritos do clarim e a flauta langue.

Nos “Versos e Versões”, porém, conquistas
o ideal supremo dos geniais Artistas,
molhando a pena no teu próprio sangue.

 SÍMBOLOS

1888 – 1890

PRIMEIRA PARTE

DÚVIDA

À memória de Teófilo Dias.

O FIM DO SÉCULO

A Moniz Freire.

O século declina: é tarde no Planeta.
Todos tremem fitando a cíclica ampulheta,
quando, banhada já na aurora do seguinte,
da areia o último grão rolar:

– Século XX!

Grande foi a jornada. É chegado o momento
do repouso final, hora de testamento.
O espírito analisa, em rápido inventário,
o que pôde formar no espólio centenário:
o telégrafo uniu os velhos continentes;
a civilização uniu todas as gentes.
Ao verbo criador do Gênio, num só dia,
o sol da Indústria, a luz elétrica surgia.

Mergulharam, sutis, sondas do engenho humano,
o aerostato no espaço e o escafandro no oceano.
O infusório cresceu à luz do microscópio;
o infinito jorrou mundos ao telescópio.
O átomo foi medido, o céu teve igual sorte;
analisou-se a vida e analisou-se a morte.
Mas depois que, da ciência, as zonas perlustrara,
ao entrar o homem na alma, a alma lhe disse: “Pára!”

Então, desanimado, em torno Lança a vista
 e, descrendo de sua universal conquista,
 na febre do saber, que o atrai e que o repele,
 vê: – Mistério a seus pés, mistério acima dele
 e dentro em si, na luz e na treva – mistério.
 A ciência que traçou no labirinto etéreo,
 da estrada sideral a indefinida linha,
 no espírito, entretanto, um palmo não caminha!
 Demais, a perfeição fora tocar-lhe a meta,
 pois que, sem isto, a ciência é uma ilusão completa.

E viu o homem, perdida a crença de seus sonhos,
 dentro de cada abismo abismos mais medonhos.
 O destino é um problema, outro problema a origem:
 que poder nos criou, que forças nos dirigem?
 A eternidade é um traço, e nós e o verme e a estrela
 menos somos que um ponto imperceptível dela.

.....
 Eis a herança que lega o século cadente
 à pobre humanidade ávida e impaciente,
 sem cessar batalhando em todos os terrenos:
 – Alguns mundos de mais, muitas crenças de menos.
 E, quando a última crença, estrela transitória,
 de todo se extinguir na larga trajetória
 que a ambição lhe traçou, através da Matéria,
 buscando o último sol na última raia etérea?!
 Ai de nós! que será se, novo Édipo, a ciência
 confunde a antiga Esfinge invencível e vence-a,
 entrando dentro da alma, ao nosso olhar velada,
 para dizer: “O enigma é simplesmente... nada”?!

Sol, que tombas no ocaso, os teus futuros dias,
vindos na sucessão das épocas sombrias,
que, de assombros, trarão de trágica surpresa
ao homem, rei de posto em frente à Natureza!
É possível que, então, depois de longo eclipse,
como quem percorreu a curva de uma elipse
volta ao ponto inicial donde partiu, a crença
há de talvez voltar de novo mais intensa;
que é lei da Evolução marchar eternamente,
sem nunca exorbitar da esfera contingente,
de novo percorrendo os pontos percorridos
e, sem cessar, seguindo os trâmites seguidos.

Se este século, ó sol, também no seu ocaso,
vai marcar ao progresso humano o último prazo;
extinta a crença, extinto o ingênuo fetichismo,
ó sol, sublime Helióth, do teu sagrado abismo,
manda um raio incendiado em cólera divina!
Fulmina a humanidade e com ela fulmina
o esfalfado planeta! A História está bem cheia;
porque recomeçar a trágica Odisséia?!

NOSTALGIA PANTEÍSTA

Um dia, interrogando o níveo seio
de uma concha voltada contra o ouvido,
um longínquo rumor, como um gemido,
ouvi plangente e de saudades cheio.

Esse rumor tristíssimo, escutei-o:
é a música das ondas, é o bramido,
que ela guarda por tempo indefinido,
das solidões marinhas donde veio.

Homem, concha exilada, igual lamento
em ti mesmo ouvirás, se ouvido atento
aos recessos do espírito volveres.

É de saudade, esse lamento humano,
de uma vida anterior, pátrio oceano
da unidade concêntrica dos seres.

ECOS E REFLEXOS

A Araripe Júnior.

Ao nascer cada um recebe
um prisma risonho ou triste;
por ele vê quanto existe
na própria impressão que bebe.

Não raro a vista mais fina
se ilude e aquilo que vemos
é uma imagem que trazemos
impressa em nossa retina.

Se, as costas à luz voltadas,
andamos, eis que, adiante,
uma sombra itinerante
nos guia em nossas jornadas.

Falas aos ecos? As frases
dos ecos soltas, disjuntas,
são outras tantas perguntas
às perguntas que lhes fazes.

Conosco os destinos jogam,
mudando os berços em lousas
interrogamos as coisas
e as coisas nos interrogam.

Se lanças teus olhos, a esmo,
em qualquer ponto da terra,
cada fenômeno encerra
uma porção de ti mesmo.

Mas, se na vaga defesa
da alma, deres um mergulho,
apesar de teu orgulho,
naufragarás com certeza.

Nessa vaga escura, imensa,
morrerás, novo Leandro,
mesmo vestindo o escafandro
quer da razão, quer da crença!

SÍSIFO

Por um alto desígnio e lei estranha,
há muito cumpro a original sentença
de guindar uma rocha a uma montanha,
até que fique imóvel e suspensa.

Vou a subir; porém, mole tamanha,
na luta ascensional, quem há que vença?
Eis que solta, rolando, o abismo ganha,
quando, firme no píncaro, se pensa.

Até quando esta luta? O tempo voa,
na hecatombe das horas se esboroa
a esperança que, ao alto, me envereda.

Vamos! Coragem! Um supremo esforço:
que a penha galgue da montanha o dorso,
ou que, ao menos, me esmague em sua queda!

CORRESPONDÊNCIA

I

“Prisma, disse a Harmonia, dá-me as tintas
com que no íris a luz etérea esgotas.”

Responde o Prisma: “Dá-me as sete notas
com que os humanos sentimentos pintas.”

Intervém o Perfume: “Inutilmente
unir-vos-eis sem mim, alma das flores
das sete notas e das sete cores
guardo a aliança no meu seio ardente.”

II

Há, com efeito, acordes no perfume,
de intenso colorido harmonioso,
que, no delíquio do supremo gozo,
as sensações universais resume.

Nossos olhos não vêem, nossos ouvidos
não escutam; mas a alma inebriada
ouve cantar, na abóbada azulada,
os cintilantes astros comovidos.

Na embriaguez das flores, quando assoma,
entre sonhos, a morte, há de ser grato,
a alma romper nas sensações do olfato
e a vida evaporar em pleno Aroma!

COLISÃO

A vida é um mal; a morte, um bem incerto.
Maldizendo da vida, temos medo
dessa esfinge que, do alto do rochedo,
nos dita o enigma trágico, encoberto.

Maldizemos da vida; mas o certo
é que, ao fim, se desvenda esse segredo;
essa vida, termina tarde ou cedo,
essa morte nos leva longe ou perto.

Ao nada? À natureza? Aonde nos leva?
À luz eterna, à irreparável treva,
onde a dor de outros tempos se suporte?

Se fugimos da vida, que incerteza!
Se evitamos a morte... ó Natureza,
que tédio a vida, que terror a morte!

HISTÓRIA DE UMA FONTE

Que vida tão curta a nossa
e a tantas lutas entregue!
Nossa alma ideais persegue,
embora obtê-los não possa.

Sei de uma fonte que brota
de agreste penha, num ermo,
e cai, por anos sem termo,
lentamente, gota a gota...

É tão pequena, que quase,
à luz do sol, se evapora;
mas tanto correu, que agora
tem uma pia na base.

Na pia já se presume
mais forte e não se recorda
da humilde origem: – transborda
vaidosa de seu volume.

Ferve, espuma, rodopia
e, em meandros derivando,
com murmúrio doce e brando,
e ei-la a correr noite e dia...

Sorri-lhe o oceano já perto,
os corais abrem-lhe arcadas,
e mil conchas nacaradas
ostentam-lhe o seio aberto.

Que futuro! Tu, mesquinha
fonte nascida entre abrolhos,
num abrir e fechar de olhos
tornada vaga marinha!

Veres as gotas obscuras,
tu, misérrima água doce,
do sal das ondas na posse,
entre as pérolas mais puras;

Livre dos saltos violentos,
em que hoje te dilaceras,
livre da goela das feras
e dos rochedos sedentos;

No alcochoado da espuma,
sobre o dorso azul das vagas,
– eis a ventura que afagas
sem mais ambição nenhuma.

No meio, porém, do sonho
desta visão favorita,
a fonte se precipita
num desengano medonho.

Sorve-a toda no rochedo
fenda profunda rasgada,
mas tão estreita e acanhada
que nela mal cabe um dedo.

Nutrindo ainda a esperança
 de encher o abismo algum dia,
 nasce e, correndo, porfia
 e para o báratro avança.

Mas, nessa eterna revolta
 contra a ventura, que a esquece,
 por uma fenda aparece,
 por outra vai e não volta.



BABEL

Humanidade, elevas teu lamento
como uma uma torre de Babel maldita:
tens sobre a fronte a abóbada infinita;
mas tens preso na terra o pensamento.

Tua alma aberta ao sideral assento,
debalde geme e chora e clama e grita;
há-de a torre blasfema que ela habita
ruir num grande desmoronamento.

Será no dia em que, de todo, a crença
compreender que a vastidão imensa
já não encerra as ilusões divinas.

A razão, sobreviva ao cataclismo,
levantará nova Babel do abisrno...
– Feliz quem perecer sob as ruínas!

PARADOXO

À fumaça ligeira se costuma
 comparar o que é vão e fugitivo
 e não há fogo que se não presuma
 substancioso, duradouro e vivo.

“Labareda da fé”, é o vélho estilo,
 “chama sagrada, fogo do talento”,
 enquanto é fumo e é nada tudo aquilo
 que é leve e acaba em rápido momento.

Que preconceito! Extinta, a chama escassa
 no obscuro combustível, que a prendera,
 ainda sobe a trêmula fumaça
 na curva azul da ilimitada esfera.

E, quanto menos densa, mais se espraia
 em transparência, em extensão fecunda;
 ascende, subtiliza-se e desmaia
 no vasto espaço que a amplidão circunda.

Vai-se – não se aniquila: como d’antes,
 o mesmo fumo permanece ileso;
 seus invisíveis átomos errantes
 gravitam sobre corpos de mais peso.

E ele – nuvem levíssima e modesta –
 subsiste eternamente, erra e flutua.
 Quanto à chama orgulhosa, ela só resta
 na lembrança que o fumo perpetua.

PELO ESPAÇO

Eu disse ao pensamento: “Águia divina,
leva-me além...” E além, subitamente,
pelo sidéreo espaço transparente
arreatou-me a força peregrina.

Durante eras sem fim, foi minha sina
errar pelo infinito, tendo em frente
novos sóis, novos mundos, nova gente,
orbes nascentes e orbes em ruína.

Cheio de tédio, ao Pensamento disse:
“Fora feliz se agora conseguisse
tocar a meta da região etérea”.

E mais rápido fui arrebatado...
Percorri, perscrutei o Ilimitado,
mas não tinha saído da Matéria.

LATET ANGUIS

Não vos fieis muito em flores:
há no jardim mais ameno
junto ao aroma – o veneno –,
entre as delícias – as dores.

Da rosa o espinho pungente
decerto é menos nocivo
do que o perfume expressivo
do filtro que traz latente.

A cada gota de prata,
que sorve a flor, se mistura
uma complexa tintura
que ora alimenta, ora mata.

Do cálice às vezes corre,
convertida em mel, mas vêde:
inseto, que tenha sede
e venha a bebê-la – morre!

Mal sabeis, frágeis crianças,
que as inocentes capelas,
com que, para embelecê-las,
toucais as virgínias tranças;

Que as plantas, que cultivastes
com vossos franzinos dedos,

contém terríveis segredos
de química em suas hastes.

Mal sabeis (ingênua sorte!)
que a irmã vossa, a deusa Flora,
filha de outubro e da aurora,
é pérfida mãe da morte!



VOLTA AO PASSADO

Quis rever em memória o santo abrigo
onde deixei as ilusões dormindo.
“Vou despertá-las”, murmurei partindo,
“e hei de trazê-las outra vez comigo.”

Nova e última ilusão. No sítio antigo,
jardim outrora florescente e lindo,
já ninguém dorme: – tudo é morto e findo,
só de cada ilusão resta um jazigo.

Campas sem epitáfio; agora é tudo
um cemitério pavoroso e mudo,
bem que ainda de flores se alcatife.

E, dos ciprestes na última avenida,
vejo a última ilusão que me convida,
martelando nas tábuas de um esquife!

O REINO MINERAL

Guiado pela luz trêmula de uma tocha,
desci a uma caverna e interroguei à rocha:
“Muda, estéril jazida, onde somente medra
à hera mesquinha, foste, ó pedra, sempre pedra?
Sufocada em carbono, em ciclos sem limite,
choraste sempre assim prantos de estalactite?
Não sentiste da lua o lânguido desmaio?
Nunca o sol te enviou um glorioso raio?
O ar livre, embalsamado em eflúvios suaves,
o ar livre, alma da flor, o ar livre, alma das aves,
não pôde penetrar jamais teu duro seio?
A vida misteriosa, alguma vez, não veio
uma flor, uma planta, uma raiz trazer-te,
avigorando assim tua existência inerte?
Ó pedra, sempre foste o Prometeu cativo
da inação, sem gozar do protoplasma vivo?”
Mas, ao baço clarão da tocha, extinta quase,
estremeceu, por fim, a pedra em sua base,
e tudo começou a ressurgir da morte,
ao clarão de uma luz interior mais forte.
Um bloco de granito intumescido aumenta
e, de acesa esmeralda, em árvores rebenta.
Um seixo abre-se em flor, outro enrubece em fruto
e basta floração sai do rochedo bruto.
É o reino vegetal em sua plenitude,
na robusta explosão da seiva e da saúde.

Alarga-se o horizonte, e onde quer que se estenda
a vista, um novo mundo imenso se desvenda
de árvores, de animais, de pássaros, de insetos
e de seres, enfim, de múltiplos aspectos.
Monumentos, Babéis, populosas cidades,
esquecidas no pó das prístinas idades,
como num cosmorama ao ressoar da orquestra,
ressurgem ante mim do seio da floresta!
E, num desdobramento enorme, rediviva,
eu vi desabrochar a vida primitiva.

Mas o sol apagou-se e o archote estava extinto.
Mal pude abandonar o escuro labirinto,
ouvindo atrás de mim, com acento tremendo,
uma voz do interior, que vinha me dizendo:
“Formas, viveis, morreis: somente eu sou eterna.”

Foi assim que falou a rocha da caverna.

ESPERANÇA E SAUDADE

Sorte falaz a que nos guia a vida!
Porque há de ser tão rápida a ventura,
que só a amamos, quando é já perdida
ou depende de uma época futura?

O que o presente mal nos afigura
era esperança, há pouco apetecida,
e, uma vez no passado, eis que perdura
como saudade que não mais se olvida.

Há sempre queixas do atual momento
e, entre as datas, se eleva o pensamento,
como uma ponte de sombrio aspecto.

Em busca da ventura que ignoramos,
temos saudade ao bem que não gozamos,
ilusão de ilusões, sonho completo!

AMOR FANTASISTA

Almas felizes, almas dos que se amam.
 Embevecidos em seu puro afeto,
 enquanto, firmes, na paixão se inflamam,
 tudo reveste um portentoso aspecto.

Asas abertas, como pandas velas,
 ei-las de cosmo em cosmo arrebatadas:
 sobre as cabeças rolam-lhes estrelas,
 como flamínias flores desfolhadas.

As harmonias do éter as embalam,
 o azul do espaço puro as oxigena;
 a luz descanta, as nebulosas falam
 na vastidão da abóbada serena...

E elas, detendo o grandioso arroubo,
 lançam atrás o olhar: – no sorvedouro
 vêm, com espanto, sobre o escuro globo,
 fundir-se o sol em cataratas de ouro!

Almas ingênuas, mais realidade!
 Despertai desse sonho mentiroso;
 que o vosso amor não passa, na verdade,
 de uma expressão eufêmica do Gozo!

DOIS DESERTOS

Cerca-me a solidão, vasta ruína
de sonhos mortos, arraial funéreo,
arcabouço tristíssimo do império
que edifiquei na mente peregrina.

Vivo, porque me lembro e me calcina
ainda a dor humana: o mais – mistério...
Nesta arena, teatro e cemitério,
que termo estranho a sorte me destina?

Por fim, a própria dor, preço da vida,
saciada fera, após luta renhida,
há-de-me, um dia, abandonar decerto.

E, insensível, aos gozos e à tristeza,
hei-de ficar em frente à Natureza,
como um deserto em frente a outro deserto.

MUNDO INTERIOR

Quem me vê meditabundo
e de olhos fechados, brada:
“Eis uma alma encarcerada,
indiferente a este mundo.”

Mal sabe a turba inesperta
que, por mais que se retraia
de nossa matéria a raia,
mais a razão se liberta.

Pois, da abstração da Utopia,
surge não raro um compasso;
é um sonho infinito o espaço,
mas real a Astronomia.

Se sondo, investigo, estudo,
buscando a ciência que almejo,
fito os astros – nada vejo –,
cerro os olhos – vejo tudo.

Nas horas em que medito
(quão breves são essas horas!).
em minha alma abrem-se auroras
com portas para o infinito.

Nesse mundo de esplendores,
com os sentidos devoro
o acorde, prisma sonoro,
o prisma, acorde das cores.

E, para que mais me encante,
o pensamento divino
torna-me o olfato mais fino
e a vista, mais penetrante.

Quanto à minha alma, entretém-na
a harmonia eternamente;
porque o silêncio inclemente
só na matéria é que reina.



RISO E PRANTO

Duas frações o grande todo humano
encerra: uma que ri, outra que chora.
Dúplice monstro, contrastado Jano,
tem numa face – a noite e noutra – a aurora.

Mas, em seu seio, eternamente mora,
como o pólipo no profundo oceano,
a dor que o riso mentiroso inflora,
a mesma dor que verte o pranto insano.

Basta que riso ou lágrima ressume
da contração de um músculo irritado,
temos amor, pesar, ódio ou ciúme.

Nem sempre o riso é uma expressão de agrado,
e, às vezes, quem mais chora se presume
feliz, por parecer mais desgraçado.

FRAGMENTO

O POETA

Pudesse eu minha vista escura e turva
subtrair ao cenário da Existência,
a esse tédio revel, que só se curva
às implacáveis leis da Decadência.

Vida crepuscular, sol de luz baça,
malograda manhã, que ensombra a sorte,
só serves de atestar ao ser que passa
a noite eterna que virá da morte.

A VIDA

Mal me interpretas, louco pessimista,
através de teu prisma obscurecido:
lança em ti mesmo a desvairada vista
e em ti mesmo acharás um desmentido.

Quando a tua tiorba triunfante
cantando, a grande Natureza acorda,
não penses ser tua alma a voz cantante,
sou eu mesma que canto em cada corda.

Não blasfemes à Vida e, para veres
minha imortalidade, se perscrutas
a ciência – basta um fato: pelos seres
sempre da Morte triunfei nas lutas.

A MORTE

Efêmera e vaidosa! Quanto mentes
ao grandioso, universal ensino!
És minha irmã, somos os confluente
do mesmo estuário imenso do Destino.

Nasces de meus destroços, tua boca
vem beber na medula de meus ossos;
és um extremo que outro extremo toca:
que importa a forma dos comuns destroços?

Surges aqui? Eis-me a teu lado; brilha
ali? Eis-me contigo; e, em toda parte,
onde pompeiam tuas maravilhas,
eu desfraldo também meu estandarte!

A Vida é, pois, a Morte e a Morte – Vida:
nesta fusão é que o imortal repousa.
Vai-se um, vem outro em linha indefinida,
eis os pólos humanos: Berço e Lousa.

Aquele pobre sonhador de há pouco,
rei do engenho, monarca sem vassalo,
enquanto é vivo, tratam-no de louco,
para ser imortal, venho sagrá-lo.

Eu sou a porta da Posteridade;
por mim entram os mártires na História.

A VIDA

Mas a História sou eu e a eternidade
bebe na Vida a imorredoura glória.

O POETA

Vanilóquios! Sois duas parasitas,
duas bocas vorazes que se mordem;
sois as vagas das dores infinitas,
que se chocam em ríspida desordem.

Viver? Lutar. Morrer? Desagregar-se
para lutar de novo em formas novas.
Que importa o nome, se ele é um vão disfarce?
Tantos átomos somos, quantas provas!

A Evolução é uma hecatombe imensa,
a vida – um espetáculo tremendo.
Por mais que, em nós, a vida à morte vença,
há sempre em nós alguém que está morrendo!

RISO DE CAVEIRA

Meu riso data do primeiro instante,
em que num ventre palpitei um dia,
e quando o tenro infante
nasceu chorando, dentro dele eu ria.

Sem dentes ria, esboço primitivo
do sorriso, sem par, dos inocentes;
mas o escárnio incisivo
vinha surgindo à proporção dos dentes.

A formosura humana é muito triste;
ri-me dela, porém, oculta; ri-me
de tudo quanto existe:
Nobres ou más ações, virtude ou crime.

Não se surpreendam da Escritura os sábios
de andar meu riso oculto entre refolhos,
tendo na boca uma mordaça – os lábios –,
nos olhos uma venda – os próprios olhos.

Fibras e nervos, músculos e veias
rasgaram-se com a máscara do rosto
e, rôtas as cadeias,
eis o meu riso em liberdade exposto!

Vejo, de minhas órbitas escuras,
o nada humano fátuo, incorrigível,
e as humanas loucuras
em busca do ideal ou do impossível.

Ideal! Impossível! Peregrinos
da jornada brevíssima do mundo,
 lede vossos destinos
em meu olhar caótico e profundo.

Muito me ri de vós, sonhos humanos,
eu que também na poeira fui gerada,
a ponto de, pelo volver dos anos,
ossificar-me numa gargalhada...

E, hoje, ao roer-me a cárie dissolvente,
quero deixar de rir; mas já não posso...
 E rio eternamente
em minha muda gargalhada de osso!

CONTRADIÇÕES

– Não vos levem do amor as sugestões lascivas.
Mar de vagas azuis na superfície, encerra
no fundo o lodo amargo. Almas do amor cativas,
não fora ele e seria um paraíso a terra.

– Almas que não amais, a sede vos devora,
um desejo infinito arde em vossas entranhas.
Não é a luz do ideal a que adorais na aurora,
nem vos conduz ao céu a estrada das montanhas.

Amai e vivereis; o amor é o grande centro
da vida, ele alivia o vosso seio enfermo:
é um mar das azuis tendo pérolas dentro;
amai, pois sem o amor a terra fora um ermo.

Fala o Prazer assim: – Vinde, que eu vos protejo.
Diz o Tédio: – Evitai a nódoa deletéria.
E as almas virginais murmuram: – Que desejo!
Mas as outras em coro exclamam: – Que miséria!

D. QUIXOTE

Tempo fecundo aquele em feitos bravos.
Triste Figura, a flor dos cavaleiros,
peregrinava a desfazer agravos
com Sancho, o mais leal dos escudeiros.

Do virginal decoro das virtudes
Paladino, ele, às vezes, num momento,
sozinho suplantava, a golpes rudes,
os moinhos ciclópicos de... vento.

Na sombria armadura legendária,
pulava um coração adamantino:
com ela conquistou a Barataria
e o capacete do feroz Membrino.

Se ao puro bem vencia o mal infando,
era vê-lo, na rápida carreira,
fantástico, sublime, galopando
nas estradas em nuvens de poeira.

Sublime e louco heroísmo! Que loucura
é todo o sentimento que transborda:
o crânio, que adormece em noite escura,
não raro cede ao coração que acorda!

Almas às vezes bem equilibradas
deixam, por ser seu sentimento pouco

– o direito à mercê das gargalhadas,
a justiça num cérebro de louco!

Conseguiste o brasão maravilhoso
com que os heróis os séculos aclamam:
foste um burlesco, um doido, um generoso;
ri-se o mundo de ti, mas todos te amam!



VIAGEM ETERNA

Céu e areia: no céu, um sol candente
e, na areia, seus raios... Caravana,
suspende a marcha audaciosa e insana,
para volver ao teu país detém-te!

Não! que, além no horizonte, lentamente,
surge um sinal de habitação humana.
Ergue-se, em verde bosque, uma choupana
e teu olfato eflúvios bons presente.

Prossegue a caravana e, quando pensa
estar do termo da jornada perto,
vai-se a miragem, era uma miragem.

Cumpres, Humanidade, atroz sentença:
Hás de, em vão, percorrer todo o deserto,
não chegarás ao termo da viagem!

A UM CEGO

És cego? Antes o foras desde o berço,
mais te invejara a treva que te invejo.
Se o olhar me diz: “Eu vejo um universo”,
a alma me diz aflita: “Eu nada vejo!”

Melhor não sonhas, se também não vires
o mundo externo que te envolve, e é certo
que não farás das vivas tintas do íris
um enganoso paraíso aberto.

E nem o chorarás perdido. Chore-o
quem tem no firme olhar clara pupila
por ninho de ilusões e, no ilusório,
consome a vida e nele se aniquila.

Somente a treva, irmã do nada, existe.
É por isso que as órbitas vazias
ao céu elevas, suplicante e triste,
termo pedindo a alguém para teus dias!

AD MAJOREM DEI GLORIAM

Ante o vulto senil do Juiz Executivo
compareceu o Algoz, da lei o braço vivo.
Aquele, austero lê; este se curva todo
e, em seguida, se exprime, humilde, deste modo:
“Para glória maior de Deus, Senhor, eu venho
dar conta da missão, de cujo desempenho,
vosso excelso poder por bem houve incumbir-me.
Foi tudo no melhor, pois tenho o braço firme.
O fogo, a fome e o mar tive por ajudantes
para os réus que, em viver, eram recalcitrantes.
Os que fiz expirar, no ecúleo decompostos,
tinham a luz da fé nos macerados rostos.
– Bendito seja Deus! – bradava um ateuista,
e, de todos os mais condenados da lista,
só um impenitente, em seu orgulho pleno,
recusou confessar a lei do Nazareno.
Chorou nos borzeguins, rangeu na corda tesa
e empalado bramio; mas o ânimo e firmeza
sempre mostrou bradando: – É livre a humanidade;
morra a fé que escraviza e viva a Liberdade! –”.

“E que fizestes dele?”, o juiz inquieto atalha.
“Mandei-o espicaçar a golpes de navalha
e seu corpo sangrento expor ao sol e às moscas;
e, como ainda vivia, entre candentes roscas
de ferro, mandei fosse oprimido o seu ventre.”
E, a despeito de tudo, entre as torturas, entre

o crepitar da carne ardendo, no supremo
paroxismo da dor, o cínico blasfemo
(e o carrasco enxugou a fronte enfebrecida)
disse ainda: “Sou livre!” – e morreu em seguida.

“E do corpo infiel que heis feito?”

“Ao mar lancei-o;

mas, ao cair, meteu-se uma onda de perneio,
que o levou e repôs na praia descoberta,
onde o abutre voraz, de goela sempre aberta,
há de roer-lhe a carne e triturar-lhe os ossos.
Busquei assim cumprir os mandamentos vossos.”

Disse, corteja e sai. E o juiz da lei clemente
continua a leitura imperturbavelmente...

NEMO CONTENTUS

Arde o verão. O milharal definha;
grassa a formiga, a fome se avizinha.
Sob os raios do sol, em que inflamam,
“Ah! quem nos dera a chuva!”, todos clamam.

Dos céus, a chuva irrompe em aguaceiros;
enchem-se os rios, enchem-se os celeiros;
prospera o gado, extingue-se a saúva.
Queixam-se todos: “Que maldita chuva!”

Nem sol, nem chuva: da hibernal neblina,
envolve o espaço a clâmide opalina.
“Que tédio! Antes a chuva francamente!”,
diz um; diz outro: “Antes o sol ardente!”

CORO DAS ESFERAS

FRAGMENTO

Os séculos, os dias
vão rolando, rolando...
Das nebulosas manam harmonias,
que se vão em estrelas condensando...

Somos mil, somos uma
num infinito só;
pois, da matéria universal, em suma,
cada planeta é um átomo de pó.

A fração não derroga,
nos paramos fecundos,
a lei da vida que, inflamada, voga
na ondulação harmônica dos mundos.

Aniquilam-se as eras,
extingue-se uma luz...
juntam-se numa esfera outras esferas
pela norma atrativa que as seduz.

Das entranhas da Morte,
surgem vitais palpites
e todas vamos ter a mesma sorte
no incorruptível éter sem limites.

A Força nos anima
na conquista a que vamos...
E, através da estelífera campina,
os grandes astros de Hércules buscamos...

E, para além, quem sabe?
quem sabe se não há
um mundo novo, que não mais acabe,
onde os sóis brilhem como brilham cá?

E vamos na corrente
da etérea evolução
boiando, morte e vida juntamente,
pólos eternos da Transformação...

METAMORFOSE

Afirmam sábios que, nos verdes mares,
 uma exótica planta às vezes brota,
 cujo frágil hastil liga a remota
 região das algas à região dos ares...

O salso germe, que, no hastil, se apruma,
 filho da funda, submarina rocha,
 – branco lírio – à flor da água desabrocha,
 aljofrado de pérolas de espuma.

E, quando ao sopro do terral se inclina,
 e ouve os lamentos de longínqua plaga,
 bebendo eflúvios de fragrância vaga,
 chora os irmãos da selva e da campina.

Chora; e do espaço mal a noite desce,
 raia o cálice em pétalas singelas
 e, assimilando o fogo das estrelas
 – estrela sobre as ondas fosforesce.

Mas rompe o dia aos beijos da alvorada,
 nem mais flor, nem mais astro: é um ente vivo!
 Largando o hastil, em que se viu cativo,
 o zoófito livre sobrenada...

Ora, isento de peias e de mágoa,
 vai perlustrando o líquido caminho,

sem se lembrar do leve hastil mesquinho,
que o suspendeu do fundo à tona da água.

Celebrem outros o sublime arcano,
metamorphose, que a ciência encanta;
quanto a mim, só lastimo a viúva planta,
que ficou sepultada no oceano...

SEGUNDA PARTE

AFETOS

A minha esposa.

RESSONÂNCIA

A Affonso Celso Júnior.

Há, na escala do alheio sentimento,
mais de uma nota, que, uma vez ferida,
vem despertar-nos na alma adormecida
a mesma vibração, o mesmo acento.

O violoncelo, o mágico instrumento,
basta que um som na orquestra comovida,
com os seus, ressonante, coincida,

ressoa, embora em mudo isolamento.

Mas, se não tem a respectiva corda,
a nenhuma das vozes ele acorda
e, indiferente, se conserva a tudo.

O coração também: em cada fibra
responde a um toque irmão; mas, quando o vibra,
um sentimento estranho – fica mudo...

PSICOLOGIA

A um sincero psicólogo moderno,
“qual a sede do afeto?”, perguntei.
“Bem sei que o afeto é um propulsor interno;
mas onde está, não sei.”

Ao escalpelo, ao bisturi, à sonda,
ao microscópio igual questão foi posta;
e, se alguém esperar que se responda,
ficará sem resposta.

A um moderno cantor da natureza:
“Onde o afeto reside?” Repeti.
– Pôs a mão sobre o peito com firmeza
e respondeu-me: “Aqui.”

É que a ciência deduz e o sábio pensa,
iluminados da razão somente;
mas o poeta, em sua vida intensa,
deduz, cogita e sente...

PUBERDADE

Entre moça e menina, mais ainda
menina do que moça, um pensamento
a enleva... Que há de a criatura linda
pensar, que não consiga num momento?

“Quinze anos já. Porque é que agora afago
certa idéia que, às vezes, tenho em mente,
e destas flores que comigo trago,
dou preferência às de perfume ardente?”

Por que será que, envergonhada, coro,
quando me vem à idéia aquele moço?
Quero sorrir – e ao mesmo tempo choro;
sinto vontade de chorar – não posso!”

E a sonhadora lânguida ao espaço
eleva o olhar úmido de desejo:
cinge-lhe o colo a idéia de um abraço,
roça-lhe os lábios a ilusão de um beijo.

FLOR MARINHA

Há, nos seus ademanes curvilíneos,
a doce languidez da vaga esquiva:
seus olhos são dois fulgidos escrínios
de gemas com que o afeto nos cativa.

Flor das espumas; dos corais sanguíneos
nenhum tem de seus lábios a cor viva;
quanto aos cabelos, meu amor define-os:
– Fios de ébano em onda fugitiva...

Não sou homem do mar; contudo, afago
na alma um doido capricho, um sonho vago,
um vago, sonho singular talvez:

É de um dia na praia surpreendê-la
e unir a minha sorte à sorte dela
sobre o dorso espumante das marés!...

CANTEMOS!

Cantemos, sim! Nossos cantares, goze-os
o mundo, celebrando-os mais e mais:
tu cantarás meigos idílios róseos;
eu, as vermelhas odes marciais.

Eu cantarei a dor, o ceticismo,
a vida em luta, a rispidez da sorte,
o sangue, a tréva, as convulsões do abismo
e os descabros trágicos da morte.

Tu cantarás as coisas mais suaves:
o germinar das plantas no jardim,
o alvor da neve, o voejar das aves
e tudo mais que for suave assim.

Canta, mas sem esforço e que a beleza
de teu corpo não sofra com a idéia;
pois não convém à tua natureza
os candentes arrosos da epopéia!

Não deve de teu colo o puro arminho
as irritantes notas acolher:
devem cantar somente nesse ninho
as aves da alegria e do prazer.

Repara em ti! Não fosses tão modesta,
e então dir-te-ia que os mais ricos temas

tens na própria beleza, e só com esta
cantarias poemas e poemas.

Canta! Às vezes, um verso meu acaba
uma estrofe estrondando com fragor:
é o baque de uma idéia que desaba,
ao despertar de um sonho enganador.

Continuarás o interrompido carne,
e, embora as nossas almas em contraste,
há de o mundo louvar-te e há de louvar-me
o que cantei e o que também cantaste.

Mas, no momento de cantar os ternos
hinos do amor singelo, ardente e santo,
então nos ouçam séculos eternos,
cantando num dueto o mesmo canto.



A SERENATA

À D. Olga de Suckow.

Plenilúnio de Maio em montanhas de Minas!
Canta, ao longe, uma flauta e um violoncelo chora.
Perfuma-se o luar nas flores das campinas,
subtiliza-se o aroma em languidez sonora.

Ao doce encantamento azul das cavatinas,
nessas noites de luz mais belas do que a aurora,
as errantes visões das almas peregrinas
vão voando a cantar pela amplidão afora...

E chora o violoncelo e a flauta, ao longe, canta.
Das montanhas, cantando, a névoa se levanta,
banhada de luar, de sonhos, de harmonia.

Com profano rumor, porém, desponta o dia,
E, na última porção da névoa transparente,
a flauta e o violoncelo expiram lentamente.

O LARANJAL

A Coelho Neto.

A Flora virginal do cândido noivado,
 uma vez, ao passar por um extenso prado,
 disse: “Aqui vou fazer um ninho para o Amor.”
 Nesse instante, a manhã jorrava seu fulgor,
 como um leque de luz aberto sobre os montes;
 um beijo efluvioso enchia os horizontes,
 fazendo uma carícia em tudo palpitar.
 Não havia fugir, era forçoso amar.
 Então, a cornucópia abrindo, a deusa disse
 com riso celestial, úmido de meiguice:
 “Eis a terma floral do gozo e do prazer:
 amantes corações, vinde nela beber
 a ventura que torna as afeições mais ternas;
 mas, atendei-me bem, olhai que são eternas.
 Eu vos permitto aqui tudo nesta manhã:
 tão somente evitai cair nas mãos de Pã.
 Recomendo-vos muito e muito precavei-vos
 do excesso, pois que o excesso excita e cansa os nervos;
 o vinho do prazer embriaga muita vez,
 e em assuntos de amor – nada de embriaguez.
 Dou-vos mais um conselho, ainda que excusado:
 ‘Cada um a seu par limite o seu agrado’.”
 E o vaso nupcial, em ondas copiosas,
 começou de entornar, não as sanguíneas rosas
 das trágicas paixões, mas botões virginais

da aromática flor dos verdes laranjais.
Ao romper os botões, as pétalas se abriam
e a alvinevosa poeira às auras despediam,
tanta que foi formando um nimbo na amplidão,
que a manhã envolveu em branca cerração.
E com pasmo dizia a gente, o espaço olhando:
“Que candidez de neve e que perfume brando!”
Eis que de toda parte amantes, dois a dois,
em grupos festivos vêm chegando, depois
de ouvirem pelo espaço o matinal convite.
E, no inefável gozo, eterno, sem limite,
sob as emanações balsâmicas do céu,
abraçado com Flora, engolfa-se o Himeneu.
Deste enlace manou a chuva de sementes,
que, caindo na terra, em ímpetos frementes,
germinaram por fim, com seiva tropical,
a flora deste imenso e verde laranjal,
onde nós, minha amada, em tempos não remotos,
trocando os corações, trocando nossos votos,
inculpamos num tronco, em alterno penhor,
juntos, teu nome e o meu, num só nome de amor.

AS LEMBRANÇAS

(SULLY PRUDHOMME)

A Cesário Alvim.

Das velhas impressões da infância a idéia grata
perdura-nos fiel, volvam embora os anos;
em vão, do nosso Abril, as flores sofrem danos,
a imagem delas fica indelével, exata.

Ao contrário, ai de nós! – ninguém conserva intacta
a memória, apesar de esforços sobre-humanos,
das novas emoções, efêmeros enganos,
cujo traço se apaga, apenas se retrata.

Como esperto escansão que no banquete a taça
entretém sempre cheia, a cada vez que passa,
passa o tempo e nos enche. a memória também.

A lembrança mais nova é a gota derradeira,
que, ao choque mais sutil, transborda e cai; porém,
no fundo, permanece a primitiva – inteira.

A VOZ DO MAR

Ao Dr. Gustavo de Suckow.

A voz do mar serena, indefinida e vaga,
que a ondulação da brisa intermitente afaga
 por noites de verão,
 na alma contemplativa
desperta-nos à mente a quadra primitiva
 dos tempos que lá vão...

Fecha os olhos, agora, e no espírito, em cheio,
as ilusões acolhe. Assim como quem veio
 de um remoto país,
 nas brumas da distância,
verás que vem surgindo a aprazível estância
 verdejante e feliz
onde fumeja o lar da tua mocidade,
sob o prestígio amargo e doce da saudade.

E a voz do mar, vibrando em tua fiel mente,
numa reprodução sensível às imagens,
 colora em luz nitente
 as complexas paisagens.
Vêm surgindo as florestas
 da curva azul das ondas,
entre modulações de místicas orquestras.
 Eis as copas redondas
 das árvores frondosas,
espanejando no ar mil flores perfumosas;
 flores que não dão fruto,

mas cujo cálice doce angélico, impoluto,
 na manhã da existência,
 verte aos lábios da infância o néctar da inocência;
 perfumes que somente instila a Fantasia,
 alquimista dos sonhos.

Ei-los, mais perto agora, os píncaros risonhos
 das montanhas natais. Cor, perfume, harmonia,
 cantai, ardei, luzi! A plaga se aproxima
 e mais e mais se anima.

Dentro em pouco, verás os entes mais queridos,
 generosos e francos,
 que te acenam da praia, em gestos conhecidos.
 agitando em triunfo uns grandes lenços brancos,
 És um ressuscitado; eles, sim, são os vivos;
 no entanto, há muito já que a morte os tem cativos.

 Foi longa tua viagem...

A outra não tornarás jamais em tua vida.
 A volta, do passado à ridente paragem,
 no olvido adormecida,
 vale mais que a aventura
 de uma época futura,
 de um tempo sempre incerto,
 quando mesmo o destino o faça um céu aberto.

.....

E sobre essa ilusão da Fantasia canta,
 num prolongado som que o peito te quebranta,
 e fascina e hipnotiza,
 ao langoroso arfar da sonhadora vaga
 e à ondulação da brisa,
 a voz do mar serena, indefinida e vaga...

A UMA POETISA SATÍRICA

Se bem me lembro, um dia me disseste
que o gênero das sátiras cultivas.
Ortiga tu, a flor das sensitivas?
Anjo de amor – um Juvenal agreste?

Não, com certeza: a forma que reveste
tuas composições belas e altivas,
é bem diversa, embora pungitivas
firam, pois nascem do ideal celeste.

Astro, o fogo da sátira te inflama;
rosa, tens os espinhos do epigrama;
feiticeira, alfinetas em arminhos

Fizeste-me, entretanto, a alma ditosa
ferindo-a, pois bem sei que guardas, rosa,
as setas de Cupido entre os espinhos.

PALAVRAS DE UM AMANTE

(ACKERMANN)

Quando, feliz, me entrego à corrente infinita
do amor, que a alma transporta e o sangue faz arder,
e aperto febrilmente, ao seio que palpita,
um adorado ser;

Bem sei que o que eu abraço é um frágil amálgama
de misérias e luz, sob uma forma vã
que esse coração, feito de argila e chama,
será cinza amanhã;

Que dele nem sequer uma faúla rápida
saltará, remontando ao foco que o gerou:
um punhado de terra e, por cima, uma lápida,
e tudo se acabou...

E vir, tranqüilo, alguém, no instante angustiado,
em que, do espólio humano, a vida esvaeceu,
ante a fria relíquia, ante esse pó sagrado,
falar ainda em céu!

Eterno céu, dizeis! Que estranha ameaça aquela!
Ao amante infeliz que em desespero está,
porque atirar sem pena um nome que lhe gela
as fibras rôtas já?

Pois quê! Mesmo apesar do sepulcro profundo,
o objeto deste amor quere-lo-ás, céu atroz?
– Um túmulo é bastante, eu não desejo um mundo
erguendo-se entre nós!

Em vão me respondeis em minha vil desdita:
“O ente que, aos braços teus, a morte vem roubar,
nesse céu contra o qual tanto se clama e grita,
no céu te há de abraçar.”

Mas que restituição! De outra auréola cingido,
cheio de outro pensar e cheio de outro ardor,
nada mais tendo em si desse ídolo querido,
outrora meu amor.

Ah! cem vezes melhor, é que desapareça
com ele quanto foi na vida; pois o mal
que me consome e punge é menos duro que essa
esperança fatal.

Contanto que ainda sinta, à mínima carícia,
bater um seio vivo em paixão – que, depois,
sobre o nada, a mesma onda imensa de delícia
nos arrebate, os dois.

Sem inútil queixume e sem saudade inútil,
com o que apalpo e vejo é que posso contar.
Não! Meu profundo amor numa ilusão tão fútil,
não se há de saciar!

De fato, de que serve o vosso céu enfermo,
se esta alma não é mais que ardor, vôo e transporte?
Cá baixo é que é meu céu aberto, céu sem termo
e na vida e na morte...

Durar? Ó Natureza, ó poder incriado,
ao teu divino olhar quando se une um casal,
que importa ao seu amor saber que é limitado,
se se sente imortal?

Sente-se uma volúpia horrível que deleita,
em imergir no vácuo a olhar em paroxismo,
e, decerto, é mais forte o abraço que se estreita
à borda de um abismo.

Quando a morte fatal quebrasse esse invisível
líame que, um ao outro unidos, nos retém,
e eu sentisse escapar na angústia indescritível,
meu tesouro, meu bem;

Eu teria ainda força e, na mágoa suprema,
todo entregue a esse “adeus” que nos há de apartar,
nutriria bastante amor nessa hora extrema
para nada esperar!

ALMAS PARALELAS

Alma irmã de minha alma, espelho vivo
de outro espelho fio que te retrata,
alma de luz serena e intemerata,
cujo influxo de amor me tem cativo!

Bem sinto, que em mim vives e em ti vivo;
no entanto (e eis o desgosto que me mata!),
do amor a doce vaga me arrebatava
e não posso atingir teu vulto esquivo.

O mesmo curso têm nossos destinos
do gozo o mel, da dor os desatinos
a um nada inspiram, sem que ao outro inspirem.

Mas, triste sorte! Ó bela entre as mais belas!
Eles são como duas paralelas;
— Próximos correm, sem jamais se unirem!...

POEMAS ÍNTIMOS

I

Que doces ecos em minha alma acorda
teu grato nome, que a harmonia gera!
Perfúmeo, fresco e matinal, recorda
as alegres canções da Primavera.

Teu nome é a voz singela da verdade.
virgem, como teus seios virginais;
farol e lume, altar e divindade,
nele tenho os supremos ideais.

Dilacera-me o peito o duro cardo
de um desgoto que, há muito, me consome,
fica uma parte intata, nela guardo,
escrito em letras fúlgidas, teu nome.

E, ó minha irmã, ó minha terna amante,
quando eu saudar as imortais auroras,
unjam-me ainda o lábio agonizante
aquelas duas sílabas sonoras!

II

Quis ocultar-te este afeto,
a ti e ao mundo, com zelo
mas eis que, em verso indiscreto,
minha alma veio a dizê-lo.

A essência, acaso, se esconde?
Podeis num cofre guardá-la:
no cofre há sempre por onde,
por onde o aroma se exala.

Quando nossa alma sincera
nutre um amor inocente,
nossa alma o amor reverbera
como um cristal transparente.

Se, todavia, julgares
magoada tua beleza,
confiarei meus pesares,
em silêncio, à natureza.

E, em meu exílio, hás de vê-la
a inspirar-me, em meu exílio,
o teu nome em cada estrela
e em cada flor – um *idillio*.

III

És a primeira e o duvidas;
além de tudo és modesta,
entre as coroas, mais esta
jóia das jóias queridas.

Nem digas que o meu passado
mostra ser isto lisonja;
sobre o passado uma esponja;
só tu és meu bem amado.

Minha pena independente
nunca escreveu outro nome;
só o teu e este ficou-me
na alma escrito eternamente.

As zonas da fantasia,
vaguei-as uma por uma
em leve batel de espuma;
mas depois d'aquele dia...

Depois do dia risonho
em que te vi, no meu seio
palpita um único anseio,
anseia um único sonho.

É de erguer-te uma obra de arte
com odes imorredouras,
onde as gerações vindouras
venham em coro aclamar-te.

Então, ignoto profeta,
no olvido do mundo novo,
cantará na voz do povo
o teu artita-poeta!

IV

Tarde cinzenta de hibernal tristeza!
Ai! pobres andorinhas vagabundas,
levais no vôo incerto as mágoas fundas
que o inverno espalha em toda natureza!

Flores que desmaiais, o sol deixou-vos
quando em botão apenas vos formáveis;
nem vos trará, flores inconsoláveis,
a primavera mais gentis renovos.

Como tudo está triste! Tudo invade,
nostálgico do sol, o inverno frio;
e o pranto, como um caudaloso rio,
os corações nos enche de saudade.

E vai correndo mais e mais copioso
e nos leva a boiar na escura vaga,
cresce mais e não vejo uma só plaga,
onde verdeje um porto bonançoso.

Vão-se as aves com os últimos fulgores
do sol... Vê-se, através de tuas mágoas,
vê se avistas, minha alma, além das águas
neste pélago uma *Ilha dos amores*.

V

Ao despertar, esta manhã, no leito,
tive uma estranha sensação de frio,
leveí a mão ao peito: era vazio,
em vão busquei o coração no peito.
“Sem, coração, sem coração!” , disseste.
Porém, mal sabes que, durante o sono,
por te buscar foi que deixou seu dono,
voando na asa de ouro que lhe deste.

Sei que o reténs numa prisão de arminho
e ele beija teus seios onde mora.
Uma compensação é justa agora:
manda-me em troca o teu, guardo-lhe um ninho.

VI

Teu segredo é o segredo que, discreto,
guardo também desde o feliz momento
em que, almas gêmeas, nos uniu o afecto
no consórcio ideal do pensamento.

Vivo do teu segredo, o mundo estulto,
muito embora nos sonde com malícia:
 façamos sempre por trazê-lo oculto
teu segredo, minha única delícia.

Armem-se, embora aéreas conjecturas,
fixando o norte do imã, que nos prende;
jamais serão sabidas as venturas
deste afecto que o mundo não entende.

E, abrindo as asas nossas almas juntas,
hão de pairar em plagas mais serenas
para, de lá, se rirem das perguntas
da curiosas multidões terrenas...

A MORTE DO POETA

“Pobre cantor agonizante!” – exclama
a esposa – “Celebraste meus encantos
em mil festivos, inspirados cantos;
morre em paz, tens segura a eterna fama.”

Soluça a velha mãe, que a dor inflama:
“Não partas, fruto dos afetos santos;
irei, filho, por ti” – e o olhar em prantos
no espaço azul, pela amplidão derrama.

Foi desse triste e angustiado olhar
que a alma se desprende do moribundo
num puríssimo raio de luar...

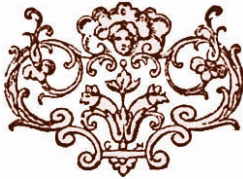
E, buscando outras plagas, no outro mundo,
no éter incorruptivo e profundo,
foi, entre os astros imortais, rolar!

INVERNO E ESTIO

(H. HEINE)

Em tua face mora o ardente estio,
mas em teu coração – o inverno frio.

Tempo virá, querida, em que te passe
o estio ao coração, o inverno à face...



O GEMIDO

Há no gemido uma poesia triste,
um conjunto dramático pungente,
uma idéia sem forma equivalente,
e para a qual nenhuma nota existe.

No longínquo gemido não ouviste
alguma vez chorar uma alma ausente,
uma alma que soluça, porque sente
a agonia, que aos bálsamos resiste?

Será queixa? Mas a alma se exaspera,
e conforto nenhum jamais espera...
Será protesto? Falta-lhe a energia.

Para quem apelar? Nenhum ouvido.
Nele, um conjunto vejo todavia:
Queixa, protesto e alívio – eis o gemido

A MEU FILHO

DURANTE UMA OFTALMIA

Que mal fizeste à luz do sol, meu filho,
por que um raio do sol assim te fira?
Vejo em teus olhos, onde a luz expira,
a, pouco e pouco, desmaiar o brilho.
Ah! o sol, que tem manchas, invejou-te
o puro olhar sem manchas, cor da noite

Dize ao sol invejoso e incandescente
que és frágil, pequenino e inofensivo;
que há um ano ainda não estavas vivo
e de teres nascido és inocente;
e que o inocente, ó filho que amo e zelo,
não tem culpa nenhuma de ser belo.

FLORESTA E MAR

Uma floresta é um mar. Que de rumores
em seu seio, onde a seiva ardente mora!
É o destino comum ao mar e à flora
ter a mesma tragédia, as mesmas dores.

Ambos mostram riquezas e esplendores:
o mar, pelas marés, pérolas chora;
e, ao receber a selva a luz da aurora,
surgem-lhe à tona, como espuma, as flores.

Que majestade no oceano, quando
vem a noite do espaço desdobrando,
sobre ele, a negra clâmide de Atlante!

Porém, quanto a floresta mais me agrada,
ostentando-se à luz da madrugada
rumorosa, aromática, brilhante!

A PUREZA

À minha irmã D. Maria Augusta de Lima.

Nunca à impureza dediquei meus versos,
na blasfêmia de uma ode consagrando
os amores perversos.

Sinto minha alma revoltada, quando
vejo de galas revestido o vício,
ocupando no altar do sacrifício
o trono da virtude.

No ideal que procuro
só amo o belo, quando o belo é puro
e amo a pureza em toda a plenitude.

Eu deploro que o sol manchas ostente;
que, do lírio no cálice inocente,
não raro inseto imundo, ou verme ascoso,
venha abrigar-se...

Sonho a castidade,
um brilhante puríssimo sem jaça,
um brilhante formoso,
cuja luz não se embaça
quer na velhice, quer na mocidade.
Sonho a candura, que se não perturba,
mesmo ao jorrar-lhe quente das entranhas
o sangue virginal da puberdade;
e que, por entre a turba

dos amores profanos
e de paixões estranhas,
vai levando a puríssima capela,
tendo na boca purpurina e bela
somente os beijos castos de seus pais,
como na frente os beijos fraternais.

O amor por natureza nos fascina
e à união nos inclina;
a prole vem do amor naturalmente;
mas somente a pureza,
a pureza sem mácula, somente,
suplanta, vence e esmaga a natureza.
Nas lutas do destino,
sempre vitoriosa,
é belo ser esposa,
é sublime ser mãe, mas é divino,
ó mulher soberana,
ser pura, que a pureza é mais que humana!

INDESTRUTÍVEL

Debalde o tempo pérfido e faminto,
aos poucos me devora, entre torturas,
as ilusões mais belas e mais puras
e o próprio coração em sangue tinto.

Indestrutível dentro em mim te sinto,
como efeito das muitas desventuras,
grata lembrança que fiel perduras,
fria relíquia do passado extinto.

Assim, latente chama insidiosa,
que de mão malfeitora, ou descuidosa,
no solo cai de exuberante mata,

Troncos, flores e frutos, vencedora,
tudo arrasa, por fim, tudo devora,
menos a cinza que perdura intacta.

DEVANEIO FÚNEBRE

Amo mais visitar, que os opulentos paços,
a necrópole triste, os labirintos quietos,
onde dormem sonhando os velhos esqueletos,
postos, em cruz no peito, os carcomidos braços.

A paz dos mortos tem, para mim, certo encanto;
em noites de luar, de silêncio e de sombras,
julgo ver na extensão das úmidas alfombras,
em cada lírio uma alma; em cada gota, um pranto.

A morte aí parece uma deusa pacífica,
juntando em aliança o rico a o proletário
e, rainha sem par no trono do ossuário,
não tem, como no leito, a mesma forma horrífica.

Dos vegetais irmãos as torcidas raízes
abraçam, cordiais, os ossos dos que foram,
e as estrelas, do azul, o orvalho santo choram
sobre as urnas finais dos corações felizes.

Para enfeitar-te a trança, eu só desejo colhas,
ó minha amada, um ramo entre esta florescência;
que às vezes valem mais do goivo as tristes folhas
do que as follas azuis do livro da Existência.

TEÓFILO DIAS

I

Jaz uma lira a balançar suspensa
dos braços de uma cruz, símbolos santos;
onde, porém, os hinos eram tantos,
onde, o cantor cheio de vida e crença?

Aves, chorai conosco a mágoa intensa!
Astros, que ele cantou, fazei-vos prantos!
Vinde gemer nos ecos de seus cantos,
florestas virgens, natureza imensa!

Na frágil urna, que encerrava a essência
divina dos eleitos, a existência
já não podia agora ser contida.

Que a palma de imortal, que ela procura,
quando a encontra, desfaz-se a criatura
na combustão do gênio destruída.

II

Maldita a chama, que, no crânio acesa,
cresta o organismo e o coração devora!
Maldito o sol, que mata, em plena aurora,
a obra prima da fértil natureza!

Já nasce o poeta com a lira presa
da nevrose que a fere de hora em hora,
e, quando vibra a nota mais sonora,
vem a morte buscá-lo sem surpresa.

Alma que foste um sol, alma de chama,
voaste, bem sei; mas há de a tua fama
ecoar em vastíssimo proscênio.

Verá, quem ler teu poético tesouro,
teu coração em cada estrofe de ouro,
em cada verso triunfal – teu gênio.

FRANCISCO OTAVIANO

Viver, princípio e fim, momento breve,
traço de sangue entre a alegria e o pranto...
Morrer, dormir: que outro destino deve
do mistério do além rasgar o manto?

Sonhar? Decerto sonha ele, que teve
todo o arrojo do Belo e todo o encanto;
cisne ideal nas penas cor de neve,
águia nas asas, rouxinol no canto.

Sonhar, não mais: é tudo quanto basta,
pois na ilusão ficou-lhe a vida gasta
no encalço de intangível misterioso.

Se, dos sonhos, no entanto, o peregrino
desejou ir além, foi seu destino
dormir o eterno sono glorioso!

A ÁGUIA CEGA

A C. C. Branco.

Após longas derrotas pelo espaço,
tendo fitado já de perto os astros,
a Águia baqueia e, pelo chão, de rastros,
mal as asas suporta de cansaço.

Contudo, vive: seu olhar agora,
em que a luz do universo se condensa,
reflete a máxima energia intensa
que se expandia no seu vôo outrora.

E que lhe importam essas asas, quando
seus grandes olhos no infinito voam
e de mundos sem termo se povoam,
os passados arroubos lembrando?

Súbito (ó sorte mísera imprevista!)
em pleno meio-dia o sol se apaga
e da negra cegueira a fria vaga
banhou-lhe o cérebro e extinguiu-lhe a vista!

Disse-lhe, então, alguém: “É tua sorte
ouvir hinos eternos doravante;
viva terás a glória irradiante.”
– Mas a Águia cega preferiu a morte.

TERCEIRA PARTE

NEGAÇÃO

A Raimundo Correia.

NUNCA!

A Rodolfo Paixão.

“É cedo!” – ao homem uma voz responde,
quando, recém-nascido, o olhar aberto
pela primeira vez, levanta incerto,
interrogando o fado que se esconde.

“É cedo ainda.” Do zênite já perto
o espírito, por mais que inquiria e sonde,
a mesma voz, que vem não sabe d’onde,
repete o cruel dístico encoberto.

Fitando o ocaso, afaga uma esperança.
“Espera”, diz-lhe a voz, e não se cansa
de esperar que do ocaso venha a aurora.

E a noite vem. No vítreo olhar silente,
morto, ainda interroga avidamente...
– Porém, responde a voz: “É tarde agora!”

A UM OTIMISTA

Pensas que são inteiramente nossos
nossos corpos de argila? Não no creias.
Para reter a vida, em vão anseias:
dela não guardarás sequer destroços.

Não tens, fingido herdeiro de colossos,
destinado a guardar cousas alheias,
nem o sangue que corre em tuas veias,
nem a sutil medula de teus ossos.

Uma voz noutra voz reproduzida,
reproduzindo antiga voz perdida,
o eco responde à voz – eco também...

Ris-te da sombra que refletes? Ri-se
também de ti a sombra: quem te disse
que não és – olha atrás! – sombra de alguém?

HUMUS HOMO

A João Pinheiro.

Há qualquer coisa que nos solicita
dentro da terra, e liga (obscuro arcano!)
seu coração e o coração humano:
quando um deles palpita, o outro palpita.

Urna sem par da humanidade aflita,
Céres nutriz faz do suor insano.
O homem que, por castigo, é soberano
seu ventre famulento não evita.

A terra é do homem, o homem é da terra;
tudo quanto este encerra, aquela encerra:
a mesma essência, idênticos destroços.

Ah! quando encaro a terra pelo instinto
fatal de meu destino, tremo e sinto
dentro da carne estremecer meus ossos!

DE PROFUNDIS

Não serei eu quem, lamentoso, brade
do profundo negror da infanda sorte;
pois já não teme o aniquilado a morte,
para que aos céus implore inda piedade.

Pela turva espiral de trevas há de
ir minha alma descendo, ativa e forte,
até que, por destino, enfim, suporte
o destino comum à humanidade.

Sucede à dor, que punge, dor pungente,
e se à esperança o coração se abraça,
é que mais rudes golpes já presente.

Mas um consolo há na desgraça:
não penhorar a condição presente;
pois do fundo do abismo ninguém passa!

ESTÂNCIAS FILOSÓFICAS

I

Há muito que folheio o livro do destino,
roteiro que de Ahasvero, há séculos, herdamos:
Leitor e peregrino,
busco a palavra – *fim* e acho a palavra – *vamos!*

II

A crença é a pretensão de ver em plena treva;
sinto que há, mas não vejo, um fundo em cada abismo.
Entreguemo-nos, pois, à sina que nos leva...
– E eis aí porque a crença é mãe do ceticismo.

Debalde a liberdade humana se escraviza,
há de sempre a razão ficar vagando solta,
e ante o *crer ou morrer* da trágica divisa,
rompe do próprio dogma um grito de revolta!

III

O manancial da Vida é um só, porém, milhares
são as bocas; por isso ocupam os lugares
aqueles, que, ligeiros,
se antecipam. E, assim, os últimos, aos pares,
contentam-se em beber o sangue dos primeiros.

Feliz quem, ao nascer, durou somente uma hora,
e, inviável à luz, anoiteceu na aurora,
sem mesmo ter bebido
no leite maternal o sangue que avigora...
Porém, muito melhor é nunca ter nascido...

IV

Vai sepultar-se alguém: ao féretro, que encerra
seus restos, rola o pó no derradeiro abrigo.
Os amigos em coro exclamam: “Pobre amigo,
seja-te leve a terra!”
E atiram-lhe mais terra...

V

O homem de gênio em toda parte avista
a humana contingência e pequenez;
águia sem vôo, por tão vil conquista
bem pouco vale mais que a Estupidez.

Não ter asas, em que a alma se levante,
é para lastimar;
mas, pior: é ridículo e humilhante
tê-las nos ombros sem poder voar!

VI

Qualquer esforço, por mais leve, rompe
da honestidade a túnica inconsútil;

nem depois o remorso e o pranto inútil
podem delir a nódoa que corrompe.

Nunca a própria virtude e a alheia ofendas:
é um cristal puro, que, uma vez quebrado,
se os fragmentos unires, emendado
conserva os traços negros das emendas.

A virtude, que é virgem, não tolera
a espúria união do vício arrependido;
a queda é sempre queda, e nem o olvido
converte em bom o mau que dantes era.

Prefiro o arrojo, o franco atrevimento
do vicioso revel, que afronta o abismo,
a essas almas, que morrem de histerismo
na covardia do arrependimento.

VII

Triste contradição que um tribunal degrada!
Se o direito, afinal, na igualdade descansa,
porque é que da justiça então dais à balança
o apêndice fatal de uma sinistra espada?

Ou incendiado em ira, ou de ânimo sereno,
o julgamento arranca um ai! sempre aos vencidos:
Balança e Espada, sois os símbolos unidos
da decisão de Breno!

VIII

No derradeiro olhar do moribundo,
 aos amigos em roda de seu leito,
 há uma ameaça de feroz despeito:
 “Cá vos espero a todos no outro mundo!”

No rosto, a piedade e, nos refolhos
 da alma, um terror, que as carnes arrepia,
 aproximam-se todos e, à porfia,
 todos se apressam em fechar-lhe os olhos.

IX

A pragmática vã do despotismo culto
 prescreve, entre milhões de normas que define,
 que, diante de *el-rey*, o súdito se incline,
 porque um diminuindo, assumo o outro mais vulto.

Tu, Liberdade, não! Planeta sempre novo,
 tens o engaste no céu da consciência humana;
 por isso, a tua luz serena e soberana
 se eleva tanto mais quanto mais alto é um povo!

X

Aves de arribação, em bandos forasteiros,
 voamos febrilmente aos páramos da aurora.
 A sede nos consome, o espaço nos devora:
 a partilha da luz será para os primeiros.

Ir à frente! Se alguém, com asas mais possantes,
te toma a dianteira enquanto o vôo atrasas,
não trepidas: sem dó, cortas-lhe então as asas
e com elas lá vais à frente como dantes.

Em teus ombros, porém, vencidos de cansaço,
dentro em pouco verás que essas asas alheias,
pesam como uma cruz; e exâmine baqueias,
arrojado no espaço!

Como tu, vão caindo outros aventureiros,
enquanto em vôo lento, a multidão agora
de outros de asa menor vai conquistando a aurora;
e os últimos serão os únicos primeiros.

XI

Que vão orgulho, o teu, pobre ciência!
Com instrumento humano buscar ousas
o segredo recôndito das coisas,
o recôndito arcano da existência!

Se, em decompor, da víscera à epiderme
a tua análise única consiste,
já muito antes da química preexiste
a dissolvente análise do Verme!

XII

Disse o sublime Mestre (antes nunca o dissesse!):
“Não saiba a esquerda o bem que a mão direita presta.”

Veio a Filantropia e, para ser modesta,
com a mão direita oculta... em público aparece.

Disseste-o mal, ó Cristo; a caridade, ufana
de renome, melhor derrama os benefícios;
mas quiseste riscar do número dos vícios,
em prol do benfeitor, a ingratidão humana.

XIII

Maldito sejas, sórdido interesse,
que os corações embriagas e envenenas!
Bendita a dor daquele que padece
por se despir das ambições terrenas!

Bendita a dor, ó mártires! No entanto,
sois pretendentes a um lugar na História:
o vosso egoísmo é bem maior, porquanto
vendeis o próprio sangue pela glória!

XIV

A treva me asfixia, a plena luz me obumbra,
faz-me tédio a penumbra:
onde hei de o gozo achar?
A ignorância é cegueira, as ciências – ateísmo,
a indiferença – morte, e a alma humana – um abismo
misterioso, profundo e amargo como o Mar!

XV

Na hipocrisia, existe mais franqueza
do que naquilo que chamais reserva.
Aquele só dos vícios a torpeza
no interior recôndita conserva.

Ao passo que esta, sempre variável,
oculta ora a virtude, ora o defeito.
O hipócrita direis que é um miserável;
mas antes miserável, que suspeito!...

Por uma lei funesta existe em toda parte
o selo de uma eterna antítese irrisória,
com o “sim” e o “não” em luta, o mundo se reparte,
elevando a Babel universal da História.

O canto da ave sai do bico com que fere,
no interior de um beijo ocultam-se incisivos,
junto do seio que ama há o ventre que digere,
e, afinal, a existência é um túmulo de vivos.

XVII

O homem tem o direito, a fera tem os dentes;
mas pela mesma lei se rege a natureza:
o homem e a fera vão, no ataque ou na defesa,
vertendo em seu proveito o sangue aos outros entes.

Suga o materno seio a boquinha vermelha
da criança; a formiga uma colméia invade...
Pois não é sempre o sangue, embora a variedade,
ou no leite materno, ou no favo da abelha?

XVIII

Nossa vontade, que é nos atos forte,
a ponto de afrontar a própria morte,
não tem, contudo, forças e energia
ante o assalto invasor, que, num momento,
faz em nós criminoso pensamento,
que, aliás, repelindo renuncia.

Repele-o, ele resiste;
vergasta-o com a virtude, porém, triste,
vê-se obrigada a abandoná-lo intacto.
E ele fica em nossa alma, solapando,
destruindo-lhe as forças, até quando
possa encarnar-se em ato.

A força de vontade é a melhor prova
de nossa mesquinhez; se não renova
a cada idéia má o impulso ousado
da resistência heróica, o heróico esforço;
ela é a primeira, que amolece o dorso
aos lúbricos afagos do pecado.

Porém, não há virtude, nem cilício
que apague da alma inteiramente o vício,
por mais pura que seja e mais pudica.

Vença embora a virtude alta e sublime;
proscrava-se com zêlo o infame crime:
mesmo vencido, – o pensamento fica!

XIX

Natureza assassina, é sempre teu processo
formar na destruição o universal progresso.
Para a planta crescer – tens o *humus* e o calor;
para que ela floresça – inspiras-lhe o carbono;
e, finda a primavera, ao lourejar do outono,
para tornar-se em fruto – há de morrer a flor!

XX

É belo o amor filial, é muito belo
o amor dos pais, da esposa, o amor fraterno:
nesse vínculo santo existe o selo
de um sentimento legendário e eterno.

Mas vão-se os troncos da família. À glória
dessa união – rasga-se outro cenário
– dos troncos mortos a fiel memória
se perpetua... em autos de inventário.

XXI

Lavra por toda parte a revoltosa chama.
Com aparente calma, a Natureza austera
sente que íntima raiva os seios lhe lacera.

Ergue-se e assim exclama:

“Não quero obedecer! Estrelas, extingui-vos;
 arde, vegetação; velai-vos, céus altivos;
 abre-te, abismo; estanca, ó mar, teu pranto insano!”

Mas o céu continua a florescer de estrelas,
 a terra a se estrelar de flores sempre belas
 e como d’antes a água a encher o vão do oceano.

E a Natureza, então, terrível e funesta,
 não podendo vencer a sujeição que a invade,
 põe as nuvens no espaço, o incêndio na floresta,
 nos montes os vulcões, no mar a tempestade!

XXII

O apetite voraz que nos consome,
 irmãos nos faz das feras mais cruéis;
 eis o dilema, a grande lei das leis:
 Ou devorar, ou perecer de fome.

Devorar, devorar todos os dias
 da subsistência o disputado pão,
 quer seja ganho com a nossa mão,
 quer com o suor de alheias agonias.

Sejam ferozes, sejam inocentes,
 os animais a mesma carne têm;
 somos carrascos e, no próprio bem,
 range uma guilhotina em nossos dentes.

Lobo não come lobo; a nosso turno,
o semelhante respeitamos nós...
Bem se vê que o antropófago feroz
é mais franco e mais lógico Saturno.

XXIII

Que nos resta depois da ríspida batalha,
dos naufrágios sem fim, de tanta insana lida?
A tudo envolve a vasta e lúgubre mortalha,
e exclamamos, então: “De que nos serve a vida?”

Foram-se os sonhos bons. As almas sentem frio,
perdidas na orfandade e presas da descrença,
e, do espaço minaz, de antigos sóis vazio,
cai com asas de abutre a noite eterna e imensa.

Não! Nesse cemitério ainda fosforesce
a pálida razão, do espírito irmã gêmea,
e, do negro mar morto, eleva-se e aparece
rubra, feroz, revel – a rocha da Blasfêmia!

XXIV

Este globo – tão grande! – é um átomo invisível
no universo, e esse mesmo universo, é possível
que obedeça a outros sóis errantes pelo espaço,
ligados entre si por misterioso laço.
Vai de certo esse laço a outros centros de vida,
que é lei da Progressão ser sempre indefinida...

E além, e mais além, na imensidade etérea,
 quem sabe dos bilhões de formas da Matéria!
 Oceano infinito, onde *ab eterno* brilha
 a grande nebulosa apenas conio uma ilha!
 E ainda... (o éter não tem marco, ou raias extremas)
 quem nega as sucessões dos orbes, dos sistemas?
 Basta! Mil eras já, que dali uma seta
 de luz, tirada à cauda ardente de um cometa,
 consuma a percorrer o sideral caminho,
 nunca há de vir ao sol, grão de areia mesquinho.

Infinitos, dizei-me: a Terra soberana
 onde fica? Onde fica a criatura humana?



 LAUDAS INÉDITAS

Como alvíssimo lenço de cambraia,
de prantos e perfumes ensopado,
que pelo mar agita o bem amado
à bem amada que ficou na praia...

Viajor do futuro mar nublado,
minha alma agito (ó sonhos, perfumai-a)
à mocidade amiga que desmaia
nos longínquos azuis do meu passado.

Ó sonhos, perfumai-a, que de prantos,
se algum lhe falta, nestes pobres cantos
novos prantos e lágrimas abrigo.

Triste irrisão do meu martírio imenso!
o ausente leva o lacrimoso lenço,
mas minha alma ficou, não vem comigo.

VOZ DAS COUSAS

Aos ouvidos do vulgo indiferente
passa o rumor das cousas. Quem me dera
vertê-lo em notas de harmonia austera,
o original guardando fielmente!

Quem não sabe cantar também não sente
a sinfonia que o silêncio gera
através dos espaços, onde impera
a música dos sóis eternamente.

Sons vagos, indecisos e serenos
passam por ti, ó vulgo, sem ao menos
este rumor das cousas entenderes.

Entendê-lo somente ao poeta é dado,
que é seu destino andar arrebatado
na sugestiva música dos seres.

VOZES NA SOMBRA

– Quem és tu? Quem és tu?

– Eu sou a Negação.

– E tu, quem és?

– Eu sou o espaço e a duração,
princípio e fim eterno.

– Eu sou a Fé.

– Eu sou o Raciocínio

– Eu sou...

– Basta de embuste: a infância humana já passou,
unamo-nos num vínculo fraterno.

Que é o numero? O Abstrato aqui, aquém e além...

O corpo é a negação do espaço que o contém,
o espaço é uma palavra,

uma palavra o tempo, a ordem, a sucessão...

Palavras de palavra: eu sou a negação,

o incêndio destruidor que, pelos mundos, lava.

– Deixa-me que te apalpe: o nada é que tu és;

aonde alças a cabeça, onde assentas os pés?

– Ah! também tu me negas,
como eu te nego a ti: um de nós é de mais...

Pois bem! Vamos lutar em condições iguais,

confiemos ao caos nossas refregas

Salve, crença universal!

– Salve, ó Nada!

EPÍLOGO

Luz...

Éter...

Alma...

Sombra dissipada...



REQUIESCAT

Dorme em paz, alma outrora ativa e forte,
dorme, agora mesquinha em tua tumba;
não mais a glória ardente que retumba
vibrará teu olhar que sela a Morte!

Sonha em paz: não há luta que conforte,
nem há vivo ideal que não sucumba;
da grilheta mortal que ao chão te chumba,
nunca mais te liberte a vária sorte.

Descansa em paz do torvelim medonho,
em que andaste envolvida, sem bonança,
em busca da Miragem e do Sonho.

Descansa, sonha e dorme. O tempo avança.
Não me sigas no abismo que transponho,
dorme em paz, sonha em paz, em paz descansa.

OS SENTIDOS

Há uma correspondência que equilibra
todas as formas num consenso eterno:
dos sentidos humanos cada fibra
liga a nossa existência ao mundo externo.

Os olhos querem luz; flores, o olfato;
frutos, o paladar; o ouvido, harpejos;
macia polpa setinosa, o tato;
o coração, afeto; os lábios, beijos.

Há, porém, de outras laços um sistema,
que a natureza em nós conserva inerte:
para a ciência e a fé sempre é problema;
basta, no entanto, um toque que os desperte...

E como vós, ó sensações, outrora
adormecidas no organismo estáveis,
eles dormem também, presos embora
ao turbilhão das cousas impalpáveis.

Cérebro humano, criador da Psique,
centro radial do cosmos consciente,
para que ainda mais perfeita fique,
deixa que as formas Psique nua ostente!

Em suas pomas virginais bebidas
pelos nossos sentidos, a ciência
confundirá na comunhão da vida
o homem e a terra, o amor e a inteligência.



NOITE DE ESTIO

Vem, dá-me a tua mão. Vamos sozinhos
amar-nos nesta noite a céu aberto...
o estio brilha nas estrelas, perto
de nós cantam de amor os passarinhos.

Devem ter mais doçura os teus carinhos
neste sítio de humano lar deserto.
Não ouves um cicio? São, decerto,
os amores das plantas e dos ninhos.

E, ao abraçar-te, louco de ventura,
envolvendo-te, amada criatura,
com meus beijos ardentes e fecundos,

A tiorba do amor canta no espaço,
o éter germina e, dentro em seu regaço,
num beijo sideral se unem os mundos.

NO MAR

Em verde-negro, esconso lenho,
discorro o mar, de além a além...
O céu me pede o que eu não tenho,
o mar me nega o que ele tem.

O céu me pede a crença e o pranto,
matar-me a sede o mar não quer:
mesmo com o mar posso, no entanto,
da minha mágoa o céu encher?

Quem me mandou a esta viagem?
Donde parti? Quando embarquei?
Qual meu roteiro? A que paragem?
Devo voltar? Não sei, não sei.

Que estranha voz... rumor das vagas...
sombras além... névoas talvez...
Quem sabe? Estão próximas plagas
onde aportar por uma vez.

Não tem a névoa essa figura,
o mar não fala. É uma ilusão.
Pensar em praia é uma loucura,
aves não há nesta amplidão.

Desmaia a luz... o vento esfria,
na água dormente a ressonar...

Por que o tremor que me arrepia,
fitando o céu, fitando o mar?

Cai sobre mim a Noite imensa.
Que ela confunda em seu negror
as sombras vãs da minha crença,
a rouca voz do meu pavor!

Mudez e treva, olvido e nada...
Melhor. Não sinto o espectro meu.
No berço-esquife a alma encerrada
pensa, talvez, que já morreu!



DEVANEIO DO SUICIDA

Ao surdir da matéria, a vida aspira
 a uma vida melhor, ou fauna ou flora:
 a primitiva planta que respira
 o animal primitivo humilde adora.

A vida adora o instinto, ao qual se curva;
 o instinto inquieto um novo sonho esboça,
 e pede, alçando aos céus a face turva,
 um novo ser que dominá-lo possa.

E de espécie em espécie, de elo em elo,
 vai a cadeia orgânica subindo...
 Eis o ente humano, e a natureza, ao vê-lo,
 proclama-o rei e o seu trabalho, findo.

Lançando em torno o olhar e o pensamento,
 o homem é presa de fatal vertigem,
 e, a debater-se no deslumbramento,
 pergunta à natureza a sua origem.

E perguntando a origem donde veio,
 sente-se escravo de uma entranha escrava,
 e de um ignoto anelo inflando o seio,
 o olhar perscrutador no espaço crava.

Ei-lo adorando a aurora no oriente;
 o sol, hóstia de chamas, o intimida;

se estala a tempestade, triste crente,
ao raio eleva a prece enternecida.

Ele adora o perigo, porque o teme,
e o perigo aos seus pés semeia abrolhos.
“Precária realeza!” Ele então geme:
“Antes à vida eu não abrisse os olhos!”

Retoma o cetro teu, ó Natureza,
e protege o teu filho derradeiro.
Não é minha a coroa; a realeza,
quando fraca, é pior que o cativoiro.”
Liberdade e razão, sina tremenda,
coroas de irrisão a um rei proscrito,
liberdade sem asas com que ascenda,
razão que não penetra no infinito!

Quero despir-me da matéria viva
e da idéia cruel que me lanceia;
quero dormir na rocha primitiva,
se na rocha não dorme alguma idéia!

ASPECTOS

O sol bondoso das antigas eras
por todos distribui seus raios de ouro;
sob o espaço onde esplendem as esferas,
prodigaliza a vida o seu tesouro.

– O sol destrói a seara e exaure as fontes;
se gera a luz, de treva é que se nutre.
Nas planícies, nos vales ou nos montes,
para ser pelicano, faz-se abutre.

No banquete comum da natureza,
a Flora e a Fauna fraternais se abraçam;
a Criação estende a lauta mesa
às multidões dos seres que perpassam...

– Carne e sangue de irmãos, eis o banquete
de irmãos assassinados seiva e fruto:
à Fauna forte a Flora se submete
e é sempre dos mais fracos o tributo.

Ondê lhe apraz a ave tece o ninho;
em alheios trigais os melros bolem;
aos beijos das abelhas, com carinho,
oferecem as flores o seu pólen.

– A ave aquece o ninho e a prole impluma
para as garras das aves de rapina;
a abelha sangra a flor que o mel ressuma;
a própria flor não raro é uma assassina!

ENTERRADO VIVO

PARÁFRASE

Enterraram-no vivo. Ele desperta,
estremece num frêmito convulso,
chama: ninguém responde. Na deserta,
espessa treva só lhe acode o pulso.

Da comunhão dos vivos, vivo expulso.
Com a pupila hediondamente aberta,
tenta a cabeça erguer – baldado impulso.
Vai os braços abrir e mais se aperta.

Sente o mesquinho, o trágico despeito:
sete palmos de terra sobre o peito
e um caixão de seis tábuas por abrigo.

Alma, retém teu surto e teu lamento,
não tentes mais erguer-te ao firmamento,
dorme, enterrada viva em teu jazigo!

LUX-UMBRA

Bem te conheço: és o luar mortuário,
que me arrepiá nas visões noturnas;
és vago como das funéreas urnas
o fogo fátuo errante e solitário.

Clarão de ossadas e de vermes,
luminoso suor das verdes epidermes,
chama de que o morcego é a mariposa,
és mais alguma coisa?

Luz espectral, és o reflexo
da fria morte e do remorso;
para fugir, em vão me esforço,
ao beijo teu, ao teu amplexo!

Quem me dera cegar nas taciturnas
trevas das furnas!

Bem te conheço: és o luar mortuário,
meu círio, minha sombra e meu sudário.

Para fugir, em vão me esforço,
ao beijo teu, ao teu amplexo,
luz espectral, que és o reflexo
da fria morte e do remorso!

Clarão de ossadas e de vermes,
luminoso suor das verdes epidermes.

Vendo o clarão pressago,
vendo o clarão funéreo,
eu tenho um terror vago,

a algida sensação de um cemitério.

E, através do meu medo,
eu penso, eu sonho, eu cismo
que dessa luz na misteriosa tocha
vai surgir a palavra de um segredo,
enquanto, com sarcasmos, desabrocha
não sei que flora lúgubre do abismo.

Chama de que o morcego é a mariposa,
és mais alguma coisa!

Na noite lúgubre, és meu campanário,
meu círio, minha sombra e meu sudário!

E, quando me surpreende o mundo externo,
à luz do sol ardente que me obumbra,
tenho o semblante envolto na penumbra
das manhãs cadavéricas de inverno.



OS ESPECTROS AZUIS

Cansado de velar, de olhos absortos,
 vejo-os passando pela noite escura,
 hirtos, de melancólica figura,
 os espectros azuis dos sonhos mortos.

Em meu pavor febril, detendo-os, clamo:
 “Ficai, a noite é fria e sem abrigo,
 o éter é tão além... ficai comigo,
 sonhos defuntos que eu amei e ainda amo.

Ficai comigo, que depois, contente,
 convosco do infinito no mistério,
 irei, errante peregrino etéreo,
 ao primeiro raiar do sol nascente.

Não temo a morte estando ao vosso lado,
 não se ama a vida, quando não se sonha;
 mas, com franqueza, a noite está medonha
 para a viagem de um recém-finado.”

(Eu mentia aos espectros; não sentira
 jamais tão forte apego à vida humana,
 e supunha que a estranha caravana,
 por ser de sonhos, cresse na mentira).

Parou o último espectro, e o olhar sombrio,
 fitando em mim (que triste o seu aspecto!),

disse-me: “Nós não procuramos teto,
nem agasalho e abrigo para o frio.

Descansa, pobre amigo; não viemos
disputar, à matéria, a tua vida.
Tua alma, há muito, está já confundida
em nossas vidas: nada mais queremos.

Se hoje nos vês passar na noite escura,
cansado de velar, de olhos absortos,
é que em visita à tua sepultura,
sufragamos também os nossos mortos.”

E, ao primeiro raiar do sol nascente,
no infinito azulado do mistério,
dissipou-se a visão no espectro etéreo.

– Os sonhos nunca morrem, morre o crente!

A SOMBRA DO CAJUEIRO

Repousemos um pouco do cansaço
à sombra deste cajueiro umbroso;
à virgindade é lícito este gozo:
apanha alguns cajus no teu regaço.

Pela estrada o esmeril fáiisca, o espaço
inflama-se de sol. Ao teu repouso
velarei como pai, não como esposo;
se algum fauno vier, terás meu braço.

Que doce fruto e como o olfato apura!
Nem mais sabor a manga tem, madura,
nem a gardênia aberta, melhor cheiro.

Toma-o, e não saibas minha luta interna:
quanto é difícil a missão paterna,
sendo-se noivo sob um cajueiro!

PAISAGEM NOSTÁLGICA

Deixei meu berço por destino incerto;
mas a paisagem guardo-a na pupila,
guardo-a no coração, de onde se estila
toda a essência das lágrimas que verto.

Sons de sino perdidos no deserto...
campanários da quase oculta vila...
serros magoados que a distância anila,
mais formosos de longe que de perto!

Não vos esquecerei por me lembrades,
em quanto, prantear do alto das tardes,
a estrela Vésper que me viu partir.

Do astro do sonho, em que minha alma adeja,
quando colher as asas, só deseja
no vosso seio maternal dormir.

A UM PENSADOR

Fronte que o sonho vinca e a dor enluta,
 sonho que vem do céu, sidérea seta,
 mágoa que sobe da matéria infecta,
 onde a essência mortal se estorce e luta!

Nem completo é o teu sonho, alma impoluta,
 nem a dor tua, ó corpo, é mais completa:
 sonhando, buscas do sofrer a meta,
 buscas, sofrendo, a abóbada absoluta!

No incêndio interior, em que te abrasas,
 cérebro humano, hás de queimar as asas
 do sonho e acrisolar a tua dor.

Então, asas de etérea claridade
 hão de levar-te, arcanjo da verdade,
 irmão da fé, para o infinito Amor!

MONISMO E METAFÍSICA

Cosmos, Matéria, Força e Movimento,
não mais. Espaço e Tempo, imensidades,
eternidades sobre eternidades,
reduz-se tudo a um único elemento.

Luz, que sorris; flor, que acarinha o vento,
amor que fundes duas mocidades;
gênio, que elevas e destróis cidades;
mineral, vida, instinto, entendimento;

Que mais sois? Prisioneiros da ciência,
ela vos pôs limites à existência
e reduziu-vos ao irreduzível.

Só a Razão, revel e temerária,
vai proseguindo a via milenária
pelo azulado mar do Incognoscível...

ORÁCULOS

Monge sem fé, mártir do pensamento,
deixei o gabinete e os alfarrábios,
e, descrente dos mestres e dos sábios,
fui à montanha e interroguei o vento.

Nos desertos rolando o meu lamento,
beijei a rocha e ensanguentei os lábios.
Quanto aos mistérios revelados, sabe-os
só quem mos revelou nesse momento.

De que me serves tu, verdade pura,
se a frase humana é tão mesquinha e obscura,
quando busca arrancar-te ao mundo interno?

Eis a forma banal deste segredo:
“hás de passar”, soprou-me o vento a medo,
e a rocha me bradou: “Serás eterno!”

O GRITO

PARÁFRASE

Quando a tripulação de um infeliz navio
que naufraga, ouve em torno a vaga retumbar,
e enxerga aos pés, imenso, o pélagosombrio
que logo a vai tragar,

através do rumor das ventanias roucas,
só vendo no infinito oceano e firmamento,
sentindo a hora chegar, lança por muitas bocas
um único, sinistro e supremo lamento;

Lamento vão e atroz! a altiva águia dos mares
que, além das nuvens, paira, estremeceu de horror!
E os tufões que em tropel turbilhonam nos ares
não levam para a terra o trágico clamor.

Homem, do eterno mar navegador sem velas,
erras, e hão de tragar-te as ondas ululantes,
tens a teus pés o abismo e sobre ti procelas
prenhes de furacões e raios fulminantes.

A criação é surda aos gritos do que morre!
O báratro a ferver medonho, o céu sem astros
entregue ao próprio horror, o teu navio corre
sem bússola e sem mastros.

Mas outra é a tempestade e mais horrendo o oceano
que te cerca, agitando os tenebrosos céus,
e o naufrágio mais longo. Ai! o naufrágio humano
é horrível, grande Deus!

Nas praias da Existência, ó rei dos universos,
começa o teu naufrágio ao despontar do dia,
e cedo as ilusões puras como a alegria
erguem no azul o vôo em busca de outros berços.

Vão-se todas! e, à noite, a torva tempestade
açouta a embarcação, o Desespero a leva,
estrangula-a o Terror; só a Fatalidade
de asas negras sorri no espaço todo treva.



A mim todo o furor das cóleras dementes,
tripulante também do navio proscrito,
eu quero reunir, em meus lábios ardentes,
da marinhagem toda os gritos num só grito.

E, embora o céu não ouça a trágica ameaça,
o protesto da dor, ó náufrago da sorte,
este grito supremo é a alma que espedaça
um derradeiro esforço o ergástulo da Morte!

SUPREMO BEM

Supremo bem, arcano misterioso!
A plenitude da alma satisfeita,
o abraço eterno que o desejo estreita
à posse infinda do sonhado gozo!

Quimera vã que o espírito rejeita:
como é que à perfeição de um ser glorioso
pode unir-se o desejo, filho e esposo
da humanidade efêmera e imperfeita?

Mas também possuir o ideal puro,
sem desejo, sem fibras, inconsciente...
Tédio implacável ou enigma escuro!

O desejo sem posse é o mal presente.
Se a posse sem desejo é o bem futuro,
melhor é desejar eternamente!



EPÍLOGO

Ideal tão sonhado, sonho puro,
inacessível à miséria humana,
tênue vapor da aspiração insana,
tanto me foges, quanto te procuro!

Sonho o bem imortal; mas o futuro,
frio estuário, ao lago do Nirvana
leva os seres efêmeros, que irmana
no mesmo nada eternamente obscuro...

Impetuoso coração, que esperas?
Basta! Que esperas através de escolhos,
de dilúvios, vulcões e terremotos?

Sangrei meus lábios de beijar quimeras;
cegos de ver miragens tenho – os olhos –
e de abraçar o vácuo – os braços rotos!

 JUÍZOS CRÍTICOS

☞ Sobre as Contemporâneas de Augusto de Lima

RAIMUNDO CORREIA

Ao abrir este belo volume de poesias, a primeira impressão que recebi foi a de uma funda e indefinível saudade.

Avivaram-ma, antes que me pudessem enlevar o espírito, as peregrinas riquezas, que estas páginas entesouram, e a música aprazível de seus versos, as recordações do poeta ausente e as dos melhores tempos de nossa velha e mútua afeição não resfriada até hoje por acontecimento algum e contra a qual não têm sabido prevalecer longos anos de superveniente separação.

Conheço a Augusto de Lima desde 1878, quando cursávamos ambos as aulas do I.º ano jurídico, em São Paulo. Desde essa data até dezembro de 1882, isto é, durante toda a nossa feliz quadra acadêmica, ninguém com ele conviveu mais intimamente do que o humilde autor destas linhas e ninguém mais lhe deveu pelos benefícios dessa convivência; mas nenhum outro também, com mais sincero entusiasmo, se acostumou a prezar o coração generoso e o caráter firme e ileso de Augusto de Lima e a admirar, através da sua nobre modéstia, o seu grande talento.

As poesias, que hoje se vêem encerradas nas *Contemporâneas*, o poeta as compôs, pela maior parte, nessa época, e, publicadas nos princi-

pais jornais de São Paulo e da Corte, não lhes faltaram os elogios e os aplausos dos escritores que mais competência tinham na matéria. Foi o tempo dos seus primeiros triunfos literários; e é daudoso desse belo tempo, que eu, percorrendo agora o livro de Augusto de Lima, recordados sob o título de várias poesias, dou com os nomes de Assis Brasil, de Alcides Lima, de Valentim Magalhães, de Gaspar da Silva, de Teófilo Dias, de Randolpho Fabrino, de Affonso Celso Júnior, de Fontoura Xavier, de Júlio de Castilhos e de outros amigos e companheiros de então.



Teófilo Dias, no prefácio das *Contemporâneas*, começa dizendo:

“A leitura deste interessante, curioso e atraente volume de versos denuncia um grande poeta que, prodigamente dotado pela natureza, educa todos os dias, com tenacidade, as belas qualidades originárias, que lhe enriquecem e singularizam o talento: imaginação poderosa, sensibilidade delicada, elocução espontânea, individual e própria.”

Acerca do valor real do livro de Augusto de Lima, este “escrínio de jóias raras”, como o chamou Carlos de Laet no seu *Microcosmo*, não se poderia melhor exprimir a verdade; e, para se concordar inteiramente com o que diz o ilustre prefaciador das *Contemporâneas*, basta que se lia qualquer dessas magníficas poesias intituladas “Através dos Séculos”, “O Inquisidor”, “*Unda et Ignis*”, “Ilha de Coral”, “Síntese”, “A Agonia do Cristo”, “A Herança de Prometeu”, “O Polvo”, “Elevação”, “O Abismo” e a “Morte de Safo”.

Trechos há, nas *Contemporâneas*, de uma beleza inimitável e nos quais o autor se revela, com efeito, um artista de primeira ordem.

Parece que é fazer um impossível; conciliar a forma, de uma exatidão geométrica, e os arroubamentos de uma ardente imaginação quase sempre caprichosa e temerária, pois que, deste modo, são como dois inimigos irreconciliáveis imaginação e forma.

Entretanto, até onde pode ser atingível esse ideal, sente-se que o poeta o atingiu em várias passagens do seu primoroso livro, conseguindo superar dificuldades, que a raros seria dado vencer e ajustando com admirável habilidade a altiveza do pensamento e a sublimidade das imagens ao molde rigoroso de suas impecáveis estrofes.

Para mostra disso, citarei aqui alguns trechos escolhidos no livro do poeta, compensando assim o muito, que há de insulso na prosa, com essas harmonias rigorosas e límpidas:

.....

“Eis já rasgada a funda galeria,
túmulo aberto da avareza insana,
onde nunca chegaste, ó grande Dia,
mas onde chega a intensa força humana.

Partindo aos estilhaços o veeiro,
a dinamite à rocha dá combate
e, em compassados golpes, o mineiro
a retumbante picareta bate.

Um estampido – e lasca-se o granito,
outro tiro – e o granito rola em seixos.
Das máquinas de ferro, ao forte atrito,
rincham as rodas nos candentes eixos.

E a rica flora mineral desata
 e rompe o véu ao rutilo tesouro:
 brota o esmeril, em fios corre a prata,
 floresce a gema, abrem-se rosas de ouro.”

Pertencem estas quatro esplêndidas estrofes à Riquíssima poesia *Visita a uma mineração*, poesia profusa de auríferas imagens e descrições rutilantes de fabulosas alhambras, e que termina com este profuso conceito:

“E toda aquela maravilha imensa,
 que de espanto e de luz nos embebeda,
 se apouca, se constringe e se condensa
 no disco miserável da moeda.”

Em poesia de gênero diferente – *Os dois Cristos* – podem servir de modelo os seguintes decassílabos que encerram uma eloqüente e vigorosa apóstrofe, onde a energia vibrante da frase e do ritmo, é sustida admiravelmente de princípio ao fim, de maneira a não fraquejar nunca:

Caíste, como cai qualquer na luta:
 profeta, o verbo teu não mais ecoa,
 mártir, a tua túnica impoluta
 a ventania do porvir rasgou-a!

A limpidez azul da antiga crença
 em que brilhava o místico Tabor,
 toldou-a agora uma caligem densa:
 a fumaça da Indústria e do Vapor.

Rompeu-se o véu do Templo, onde mistérios
celebravam os rígidos levitas,
amalgamando ao pó dos cemitérios
as lágrimas das dores infinitas.

De teu trágico inferno a densa lava
a rebramir no abismo horrído, espesso,
ó malogrado herói, já não bastava
pra aquecer as caldeiras do Progresso.

Tua missão está completa. Agora
podes volver à solidão infinda;
mas vai depressa, porque vem a aurora,
e te pode encontrar aqui ainda!

.....

E tu, homem, eterno caminheiro
da via dolorosa da Verdade,
é tempo de elevares sobranceiro
a grande luz de tua majestade.

Não te vença o punhal que dilacera
esse peito, em que a Dor blasfema e chora;
é no bojo da noite, que se opera
a luminosa gestação da aurora.

Não envergues a fronte augusta e casta
ao sofrimento rude, à mágoa funda:
a dor que hoje te corta a entranha vasta,
é como a dor do parto, é dor fecunda.

Abisma o olhar em tua consciência
e encontrarás as pérolas do Bem;
trabalha, colhe a esplêndida opulência,
que as minas de teu cérebro contêm.

Da antiga divindade o grande assento
ruiu de há muito às lúcidas procelas.
Não procures mais Deus no firmamento:
o firmamento só contém estrelas!

Augusto de Lima é, antes de tudo, o que atualmente se chama um poeta *objetivista*. Na maior parte de suas poesias, o *eu* ocupa um lugar secundário; o poeta raramente nos fala de si; preocupam-nos mais os fenômenos do mundo exterior. Todavia parece que os poetas têm o direito de ser mais *egoístas*; filosofar com as Musas é arrotar as sirtes e os perigos de uma empresa grave e difícilíssima, porquanto, em geral, os filósofos, quase nunca nos falam das coisas, que já conhecemos, das quais justamente nos apraz ouvir falar; e com certeza é por esse motivo que os filósofos não são pessoas muito apreciáveis para o vulgo.

Nota-se que as *Contemporâneas* estão impregnadas de uma filosofia triste e desconsoladora e, ao mesmo tempo, fascinante como um abismo, senão desse espírito de dúvida em que um notável escritor descobriu todos os sintomas da *doença do século* e isto justifica talvez o título da obra. Nos quadros sombrios, que nos expõe o poeta poucas vezes se desliza o vulto luminoso e doce de uma mulher amada, a não ser o da pálida Margarida do *Faust*

“desfolhando ao luar
os brancos malmequeres”

Longe esteja destas palavras qualquer idéia de censura ao poeta; com elas manifesto-lhe apenas, que prefiro, sem dúvida, a *Faust* sábio e velho o jovem e amoroso *Faust*.

Contudo, à lira sonora de Augusto de Lima nenhuma das cordas falta; e a corda sensível dos românticos, essa mesma, cujas vibrações não se sentem com frequência no seu livro, o poeta não a tem menos afinada que as outras.

Há, nas *Contemporâneas*, provas disso; poucas sim, mas relevantes. Além dessa linda tradução de Soularly, *O Espantalho*, que a Arthur Azevedo tanto agradou, vêem-se aí páginas, não muitas embora, perfumadas de encantador e suave lirismo e que rivalizam, a meu ver, com o que de melhor têm escrito no mesmo gênero os três grandes poetas Teófilo Dias, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac.

Todos os que lerem as poesias líricas, que o autor das *Contemporâneas* intitulou “Noivado Celeste”, “Dormindo”, “Culto Ideal” e “Palimpsestos”, hão de afirmar que, realmente, são belíssimas.

Não resisto ao desejo de transcrever ainda aqui alguns daqueles feitiços “Palimpsestos”:

.....

“Vive-me n’alma este afeto,
que é notório, tu mo dizes,
mas eu no vácuo completo
passo os dias infelizes.
Bem vês que assim me assemelho
ao vidro de um liso espelho:
as imagens que lhe dão
todos as vêem, ele não.

E assim minh’alma vive hoje,
correndo às dores entregue,

regato que de si foge
o que a si mesmo persegue...
E há de ir, no seu curso insano,
perder-se, enfim, no oceano,
contente por ter sofrido,
sofrendo por ter vivido.

Teu riso a torna amorosa,
mas não me tira a desgraça:
nem faz a pet'la da rosa
transbordar a cheia taça.
Basta, se choras, no entanto,
uma gota de teu pranto
e lá se vão minhas mágoas
na correnteza das águas...

Estas loas da desgraça,
recebe-as e queima-as logo;
e, se o pranto que as repassa
extinguir, acaso, o fogo,
rasga-as e lança os fragmentos
ao rio: — pobres lamentos!
irão, como ilhas errantes,
pedaços de almas amantes.”

Conheço eu, porém, muitas outras poesias líricas de Augusto de Lima, que não se acham incluídas neste livro, e que aí, entretanto, viariam dar maior realce, se é possível, às aptidões artísticas e ao talento complexo do seu autor.

Se alguma censura merecer Augusto de Lima, seja só por isso: pelo fato de as haver excluído, injustamente, das suas formosas *Contemporâneas*.

Mas esta falta será, certamente, reparada e muito breve, porque o poeta tem já a entrar no prelo um segundo volume de versos.

A este espero ansioso para felicitar de novo a Augusto de Lima, abraçando-o, como agora o abraço, com efusão.

Disse o que sentia.

Vassouras, 20 de dezembro de 1887.

RAIMUNDO CORREIA.

(*vassourense*)



Contemporâneas (Poesias de Augusto de Lima)

LÍVIO DE CASTRO

O “Parnasianismo” me é antipático. Um parnasiano parece-me um manequim perfeitamente construído, mas tão pouco animado quanto pode ser o papelão de que ele é feito. É papel, não é músculo. Se me não engano exagerando inconscientemente os argumentos em meu favor, superabundam motivos racionais para condenação desse modo de ser da poesia.

O “Parnasianismo” é a volta ao passado. É uma excursão ao mundo clássico, esse mundo tão diferente do nosso que só o podemos compreender auxiliados pela interpretação autorizada de um historiador arqueólogo. E para que essa excursão? E porque esse capricho súbito por um mundo sem vida, quando toda a humanidade seria insuficiente ainda para ver e traduzir as infinitas fases da vida no presente, para induzir ou imaginar a vida no futuro?

E depois, é preciso reconhecer, é desolador o espetáculo das reações e contra-reações literárias. As grandes literaturas clássicas interromperam-se quando a onda dos vencedores infundiu um sangue novo no organismo senil da civilização greco-romana. Os primeiros movimentos literários das nações esboçadas pela fragmentação das ra-

ças, sob a influência dos climas variados, interrompem-se com a vitória da mentalidade dos vencidos e o advento da Renascença. Amalgamados elementos heterogêneos, forma-se o classicismo das literaturas novas, convencional, falso, autoritário a ponto de estabelecer um estalão para as paixões, um peso para as idéias, isso até o dia da reação romântica. O Romantismo reata a tradição interrompida pelo enxerto erudito, que a todos os povos impusera a mesma fisionomia dos gregos e romanos, e quebrando os diques, rasgando os horizontes, imple a arte para a liberdade e principalmente, por espírito de reação, para o inverossímil, o irrazoável, o absurdo, o impossível. Não falando no Naturalismo, que é um méodo e pode abrigar inúmeras escolas, aparece agora uma nova reação, o Parnasianismo, volta aos clássicos, retorne ao “bom velho tempo” como se fora possível revestir a organização nova de homem atual com a epiderme morta de homem de outrora.

Pois, porque todos os movimentos exageram-se e ultrapassam o seu fim, há de vir sempre uma reação, que, por sua vez, longe de suprimir os excessos anteriores, procure trazer a campo o primitivo problema? Bem sei que, se assim foi, assim devia ser. Não tenho a mais ligeira intenção de instaurar um processo ao passado, porque ele foi como foi e não como eu o desejara. Se, porém, os acontecimentos por si mesmos se explicam e justificam, não é menos certo que estamos em uma era de comentários e crítica, e comentar o motivo de nossas ações é influir indiretamente sobre elas. Seguindo nós de dia em dia menos automaticamente o encadeamento dos fatos e parecendo irrazoável esse balanceamento da arte entre dois extremos condenáveis, parece-me perfeitamente correta toda tentativa em favor de um estado que não seja esse.

É o que, na proporção dos meios de que posso dispor e reservando o direito que reconhecí em todos, procuro fazer contra o Parnasianismo, expondo antipatias pessoais que têm, pelo menos, tanto direito a publicidade como o proprio Parnasianismo.

Há, porém, alguma coisa acima das antipatias literárias, é o sentimento de justiça, é a admiração pelo mérito em qualquer ponto que ele se manifeste. A repulsão pela escola (porque o Parnasianismo o é) não impede a admiração do indivíduo. Não é outro o meu modo de proceder diante das *Contemporâneas*, poesias aparentemente filiadas à escola em questão.

As *Contemporâneas* são poesias de estréia de Augusto de Lima e, quando digo de estréia, refiro-me tão somente à publicação de um livro, porque é literalmente impossível que se trate das primeiras produções do poeta. Precede a obra um prefácio de Teófilo Dias, onde o laureado autor das *Fanfarras* mostra ter percebido, com o fino tato de artista, que um prefácio era, em tais condições, pura questão de estilo, de etiqueta. O mundo dos literatos conserva ainda as antigas tradições da cavalaria mediévia; apresentam-se os poetas e romancistas como se armavam os cavaleiros. Ao lado de muitos inconvenientes, esse costume tem a vantagem de fazer com que os bons artistas não sejam confundidos com essa multidão de nulidades contra as quais só há uma arma — ignorar-se-lhes a existência. O prefácio das *Contemporâneas* não é de um crítico, é de um poeta, e do que está em melhores condições de compreender o estreante. Preenchidas as formalidades, o prefaciador não se demora entre o poeta e o público e Augusto de Lima fica entre os nossos poetas no lugar que de direito lhe pertence, apresenta ou não, desde que escreveu as *Contemporâneas*.

Uma leitura por muito rápida que seja das poesias de Augusto de Lima faz conhecê-lo por uma de suas qualidades mais notáveis, que outros talvez classifiquem como a mais notável. É a correcção da forma. O verso de Augusto de Lima é moldável como a cera, flexível como o aço; adapta-se a todos os preceitos da mais rigorosa métrica, traduz as mais ligeiras gradações do pensamento e sempre, qualquer que seja o momento, descreva ele com a calma de um espectador ape-

nas curioso ou com a emoção de um interessado, sempre dominando os sons variados daquela instrumentação, nota-se o ritmo rigoroso, matemático, como só o têm os músicos.

É realmente um músico o autor das *Contemporâneas*. Nos seus versos não lia somente a metrificação, não lia somente o que se aprende lendo e analisando boas poesias, há mais do que isso, o que depende da organização uma rica percepção dos sons.

Poeta pelo espírito, Augusto de Lima é um músico pelo conhecimento de todos os segredos da dicção, pela noção clara do valor musical da palavra, pela delicadeza de sua organização auditiva.

A palavra é, sem dúvida, para ele, ao mesmo tempo a representação de uma idéia e de um som e, por isso, suas poesias não são simplesmente representativas, são também sinfônicas.

Organizações há que possuem em alta escala a percepção musical da palavra, sem que, por isso, por um “balanceamento orgânico”, sofram atrofia proporcional em outro sentido. O poeta das *Contemporâneas* é assim. Ele não é simplesmente um poeta, não é simplesmente um *auditivo* na fraseologia dos neurologistas, é um poeta em cuja personalidade entra a organização de um músico. Sua poesia deve ser declamada, interpretada pela audição e nunca pela visão somente. É poesia *lírica*, dando-se ao termo lírico a primitiva acepção, a que ele tinha quando a poesia mal diferenciada da música era sempre cantada.

Creio haver nisso um elemento de popularidade para o poeta. É sabido que os “auditivos” são mais numerosos que os “visuais”. Não me refiro à representação interna da palavra, mas, sim, ao maior grau de impressionabilidade de um ou outro sentido. A universalidade da música, reforçada em nós por uma inclinação da raça, bem evidente nas alterações da fonética brasileira, assegura à poesia lírica das *Contemporâneas* uma longa existência, muito mais longa do

que devem esperar quantos servem-se da palavra – símbolo, descuidando a palavra – som.

Abstenho-me de citar, porque fora preciso fazê-lo em larga escala para documentar o que fica dito. Apenas a título de exemplo transcrevo duas quadras da poesia *Entre as árvores*, fazendo observar na segunda quadra a prova das afirmações até aqui feitas:

“A onça gemedora as pálpebras vermelhas
Escancara e boceja; espreita... e segue após,
compassada no trilho; uma nuvem de abelhas
acompanha-a, soltando a zumbidora voz.

Contrastando a altivez do carrascal felpudo,
em cachões a cascata espumejante tomba
dos negros alcantis – enquanto sobre tudo
paira a alegria eterna, assim como uma pomba.”

Fora preciso transcrever quase toda a obra: “*Entre as Árvores*”, “*O Cético*”, “*O Inquisidor*”, “*Ilha de Coral*”, “*As Lágrimas do Regato*”, “*O Abismo*” etc, para exemplificar bem.

Até aqui o cultor da forma. Não é, entretanto, esse o distintivo do poeta. Ser parnasiano já é alguma coisa, mas não é tudo. Um verso bem feito pode ser uma obra-prima, mas uma obra-prima sem vida. Faltando-lhe a sensibilidade própria a um determinado indivíduo, faltam-lhe os elementos de relação do artista com o mundo, essa relação que, análoga a muitas outras e a nenhuma semelhante, constitui a base psíquico-fisiológica da personalidade do artista. Não basta a complexidade dos sons bem dispostos em uma poesia para constituir o poeta, é necessário ainda que ele possua alguma coisa de comum com todos os homens – o sentir – e alguma coisa exclusivamente sua – a personalidade originada em uma feição especial do sentir.

Augusto de Lima, apesar do culto da forma, é um homem de nosso tempo, vive no agitado meio social em que vivemos, sente o que nós sentimos, respira a atmosfera excitante que nos estimula a todos. Apesar do título de parnasiano, ele é um poeta de hoje, tem essa sinceridade. Suas poesias são realmente *contemporâneas*, literalmente *contemporâneas*. Não, ele não blasfemou, como afirma Teófilo Dias. Se suas poesias não são *contemporâneas* quanto à vida que devem ter, são *contemporâneas* quanto à vida que traduzem.

E não seria essa a intenção do poeta, resumindo, em um título, um eloqüente e inconsciente protesto contra a escola a que o filiaram, contra a escola a que ele próprio voluntariamente se filia por um equívoco na interpretação do que sente?

Não seja embora essa a verdadeira acepção, ainda assim o parnasiano pouco a pouco se transfigura. Onde está a obediência a esse código anti-fisiológico e anti-psíquico que preceitua a insensibilidade do poeta? Onde está, nas *Contemporâneas*, essa indiferença, essa desumanidade professada pelos parnasianos franceses? Em parte alguma. O poeta é um homem e o problema parnasiano não pode ser resolvido por homens, deve ser reservado para os autômatos. É uma irrefletida exemplificação da lógica hipótese de Maudsley:

“Suponho que, se o homem algum dia chegar a alcançar uma harmonia perfeita com o mundo exterior, isto é, com tudo que o cerca sem excetuar a natureza humana, de modo a perceber e agir em todas as circunstâncias com a certeza e precisão irrefletida do instinto, não existirão mais nem memória nem razão, nem sentimento, nem vontade, porque esses fatos psíquicos implicam uma excitação mental persistente na consciência; o homem agirá então com a regularidade, a precisão, e a certeza automática de uma máquina perfeita”.

A poesia de Augusto de Lima é de hoje e não pretende ocultá-lo, é, sem dúvida, musical, e lírica, mas é humana. Ele reforça a imagem de suas idéias com a música da palavra, mas não intenta a involução artística, a redução da poesia à música, a uma sonoridade brilhante na frase de outro poeta. Seria uma tentativa anacrônica, porque já houve em remoto passado essa simplificação, e uma tentativa impossível, porque da complexidade de sua organização de artista só pode provir uma função artística igualmente complexa.

Encontram-se nas *Contemporâneas* alguns exemplos do dialeto parnasiano, que não quero denominar *argot* dos poetas, mas Augusto de Lima tem sentimento e idéias demais para que não faça de uma poesia uma charada. Se o aproximarmos de outros menos corretos que ele, no entanto mais parnasianos, embora não tenham chegado à *perfeição na imperfeição*, veremos quanto é aparente o seu Parnasianismo. Sirvo-me de dois poetas de nomeada entre poetas:

“Vós que na lira o lânguido desmaio
celebrais das românticas Virgínias
o amor, e as cheias ânforas cetíneas
dos lírios brancos e as manhãs de maio;

Vosso arrabil marcial, bravos, vibraio
e veremos das órbitas sanguíneas,
despedirdes, coléricas, fulmínias,
as faíscas elétricas do raio.

Havia um bocejar de luz prometiana:
era a estrela a morrer. Um vinho de luz turva
ia enchendo do céu a taça semi-curva
voltada na amplidão com uns tons de porcelana.”

Em todas as *Contemporâneas*, onde a perfeição da forma vai a ponto de não se notar a rima forçada, evidente na citação feita, não encontro um verso tão proximamente aparentado com o gongorismo, como esses. A poesia de Augusto de Lima é deste gênero: “O Cético”.

“Percorro da ciência o labirinto
e em tudo encontro um eco duvidoso
matéria vã, espírito enganoso,
mentis, tudo é mentira, eu só não minto.

Vejo, é verdade, a vida e a vida sinto,
o calórico, a luz, a dor e o gozo,
a natureza em flor, o sol formoso
e o céu das cores da Aliança tinto.

Mas quem, senão eu mesmo, vá tudo isto?
e quem pôde afirmar-me que eu existo,
visões celestes, velhas nebulosas?”

E em seu crânio a razão desponta e morre,
como o santelmo fátuo, que discorre
na solidão das minas tenebrosas.

Fora preciso citar o “Polvo”, as “Lágrimas do Regato” etc., para demonstrar bem o que quero. É sempre uma poesia correta e sentida, cuidada e sincera; mais correta do que sentida, porque chega às vezes à perfeição métrica sem alcançar a paixão, porém bastante sensível, bastante sincera, bastante contemporânea para romper os mesquinhos horizontes do mundo em miniatura parnasiana.

Resumindo em uma palavra o que nas *Contemporâneas* deixa-me entrever o poeta, direi que a qualidade pessoal de Augusto de Lima é a graça. Mas nos entendamos, porque a palavra presta-se a equívocos e aos equívocos se deve uma boa parte da anarquia intelectual. Não me refiro ao *chic*, o supremo grão da nulidade artística. Refiro-me ao fenômeno estudado e explicado por Spencer, a esse alto grão de energia que se deixa adivinhar na facilidade com que o artista se expressa; à ausência absoluta de esforço, deixando-se entretanto suspeitar a força em ação.

É isso. A forma correta é o limite dentro do qual se agita a sensibilidade do poeta. Do contraste entre essa viva sensibilidade e essa forma rigorosa, aquela encerrada nesta sem as liberdades de uma natureza apaixonada, resulta uma elevação da poesia. A palavra do poeta assume uma certa gravidade entre o tom profético do romantismo hugoniano e a familiaridade dos poetas sentimentais.

Ante aquela forma impecável limitando uma vida fremente, tem-se a percepção de uma individualidade profundamente sensível e energeticamente calma. Apenas por uma leve inflexão na voz, um brilho rápido e fugaz no olhar, conhece-se o que vai pela consciência.

Não é um organismo para o qual, com o embotamento das extremidades nervosas, obstruíram-se as portas de entrada para as impressões do mundo exterior, ao contrário, os receptores, mais perfeitos que comumente, multiplicam a extensão e energia dos sentimentos. É, porém, um organismo no qual por efeito de herança e hábito, as expressões das emoções, de esquema de ações, que eram, passaram a esquema de um esquema.

É um poeta que se domina e não um poeta que não sente. Sente na proporção da sua organização cerebral de homem do século XIX, mas reage tão somente até o ponto permitido pelo seu hábito social. A regularidade do verso, o rigor métrico é o código artístico como o decoro, a delicadeza é o código de uma sociedade culta, mas, dentro desse

círculo, agitam-se todas as paixões humanas. Por isso, Augusto de Lima, o poeta que, pelo culto da forma mais próximo está do Parnasianismo, só é parnasiano aparentemente, e a simpatia que ele desperta está na proporção do que ele sente, do que ele se afasta da escola. Qual não seria o futuro das *Contemporâneas* se ainda mais intensamente vivesse ali o homem de hoje? Mas, se assim fora, outro que não Augusto de Lima seria seu autor. É preciso aceitá-lo tal qual é e, felizmente para a literatura e para ele, não se trata neste caso de alguém que possa ser como este ou como aquele indivíduo; Augusto de Lima é poeta, um determinado poeta e não um poeta qualquer.

LÍVIO DE CASTRO.

(*A Semana* de 31 de dezembro de 1887)

Recado ao autor das Contemporâneas

ARARIPE JÚNIOR

Nunca é tarde para mandar-se um brinde a um poeta, a quem as vozes da admiração dos amigos afagam, fazendo-lhe uma justa festa de chegança.

Não é verdade que se deveria sempre soltar uma girândola de foguetes, ou dar um tiro de bacamarte, como em certas solenidades se pratica no sertão, quando nasce uma árvore frutífera rara em um pomar ou se descobre uma flor de espécie não classificada?

Com maioria de razão deveriam repicar os sinos da freguesia e a irmandade do S. S. Apolio tomar a opa e os tocheiros para levar à pia batismal o poeta recém-nascido, consagrando-o com o nome, pelo qual o mundo das letras o apregoará tanto na vida como na morte.

Receba, pois, o poeta das *Contemporâneas* estas palavras saídas do coração; e, em falta de melhores, guarde-as, não pelo que valem, sendo, como são, frutos de pouco sabor, mas pelo que, no intento de quem as prefere, elas pretendem simbolizar — o entusiasmo franco causado por um livro — a sensação deliciosa de uma leitura comunicativa.

Não critico aquilo de que me apaixono; e o livro que tenho diante dos olhos acha-se perfeitamente neste caso. Sinto-o, como se sente a

aura blandiciosa em um clima tropical, morno e anestésico; percebo-o, como se percebe o gárrulo, irriante e festivo guainumbi; observo-o, como se observam os tons coloridos pela luz eclíptica do sol em uma tarde de Agosto; penso-o e repenso-o, como se pensa o mistério da existência e o movimento do universo. E tenho dito tudo e não tenho dito nada, porque, para que a satisfação fosse completa, seria talvez necessário fazer o que fazem as crianças em sua ingênua perversidade – abrir de meio a meio o pacto, lascar o brinquedo que nos encanta, que produz tão belas harmonias, para consultar-lhe as entranhas, o mecanismo interno e verificar a explicação de tantos e tão caprichosos efeitos – e depois... depois, como certos aristarcos ou como a boa constritor, acariciar a vítima com a baba, para, em seguida, devorá-la, putrefazê-la nas voltas intestinais.

Isto, porém, é o que não perpetrarei por forma alguma. Autopsiam-se os defuntos. Com os vivos pomos-nos apenas em relação de ódio ou simpatia. Demais, a crítica já disse quase tudo e, pela pena esperançosa de um Lívio de Castro, já deu até a fórmula do poeta. O que poderia eu acrescentar se não uma pálida nota à margem desses justíssimos juízos?

Que o talento do autor das *Contemporâneas* é um talento formosíssimo em toda a intensidade do superlativo? Que esse talento não sofre nem de máculas, nem de hesitações, nem de deliquescências, nem de pedantismo? Que é um talento sadio e franco, espontâneo e seguro, sereno e azul – tão sereno como uma manhã de minha terra natal, tão azul como os olhos de Julieta, com que provavelmente cisma?

Não. Um poeta assim se explica por si – dando-se a ler – deixando que a alacridade diante de tão lindas páginas traduza-se por si e que o orgulho nacional se expanda ao ver um espécime de poesia tão nova, tão balsâmica, tão nossa.

Não se trata de um parnasiano que se tortura pela forma, nem de um *blasé*, um decadente, que refine o sentimento, nem de um filósofo que tente as cosmogonias novas, nem de um platônico que defina o olhar para a lua, mas de um espírito profundamente colorido nos dons de expressão, amante das grandes linhas, que pensa quando sente e que sente quando quer, dando à sua lira todas as inflexões que comporiam uma alma francamente apreensiva das belezas da vida e da vida de sua terra.

Nas *Contemporâneas*, e é o que nesse livro mais me apaixona, a poesia circula como a seiva em uma árvore florida e vigorosa. Cambiante em tudo, a imaginação do vate surge em toda a parte e não se deixa apatear na contemplação exclusiva de um aspecto único.

Panteísta na poesia “Através dos séculos”, cético no que conserva este mesmo título, místico no “Amor”, ateu nos “Dois Cristos”, fetichista no “Polvo”, “Lágrimas do Regato” e na “Cólera do Mar”; contudo, ali vai banhar-se nas forças colossais do século, para surgir logo adiante incandescente de transformismo e irradiante de amor brasílico.

O que resta agora é que o poeta não se deixe cair na modorra tropical e saiba viver..., viver com toda a força e intensidade a que tem direito o seu gênio artístico, e que, neste momento supremo, em que parece que o Brasil gravita para o seu verdadeiro centro econômico, e que alguma coisa de novo vibra no organismo social, não se engolfe entre as tetas de terra que lhe circundam na roça a mansão poética, e concentrando-se em espírito no poema que atualmente elabora — “A Vida” — consagra um canto à festa de recepção dos legionários do progresso, que, diariamente, de todos os pontos da Europa, irrompem através do Atlântico, em demanda das nossas florestas portentosas.

ARARIPE JÚNIOR.

(*A Semana*, de 11 de fevereiro de 1888).

∞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT; NOTAS, 9/12 PT.

